CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Anna Gabriela Rodrigues Cardoso

Imagens discursivas de mulheres torcedoras dentro e fora das arquibancadas

Belo Horizonte
2020

Anna Gabriela Rodrigues Cardoso

Imagens discursivas de mulheres torcedoras dentro e fora das arquibancadas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós--Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Arão

Área de concentração: Tecnologia e Processos Discursivos

Belo Horizonte
CEFET-MG
2020

Cardoso, Anna Gabriela Rodrigues.
C268i Imagens discursivas de mulheres torcedoras dentro e fora das arquibancadas / Anna Gabriela Rodrigues Cardoso. – 2020.
112 f. : il.

Orientador: Lilian Aparecida Arão

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2020.
Bibliografia.

1. Análise do Discurso. 2. Ethos. 3. Futebol - Torcedores - Mulheres. I. Arão, Lilian Aparecida. II. Título.

CDD: 401.41

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus I – CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Dissertação intitulada *"Imagens discursivas de mulheres torcedoras dentro e fora das arquibancadas"*, de autoria da mestranda Anna Gabriela Rodrigues Cardoso, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

_____
Profa. Dra. Lilian Aparecida Arão – CEFET-MG – Orientadora

_____
Profa. Dra. Márcia Fonseca Amorim – UFLA

_____
Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa – CEFET-MG

_____
Profa. Dra. Luciana Aparecida Silva de Azeredo – CEFET-MG

_____
Prof. Dr. RENATO CAIXETA DA SILVA
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens
CEFET-MG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora doutora Lilian Aparecida Arão, pela orientação e apoio durante esse processo de aprendizagem tão valioso para mim.

Agradeço aos professores da banca, por aceitarem o convite e colaborarem com sugestões sempre pertinentes ainda no período de construção desta pesquisa, em especial a Márcia, que me apoiou desde a graduação nessa jornada.

Agradeço aos meus pais, Julio e Dedete, e ao meu irmão, Juliano, pelo apoio de sempre;
Ao William, por acreditar;
Aos meus gatos, pela companhia nas tardes de escrita;
Aos professores do Posling, pelos conhecimentos compartilhados nas disciplinas;
Aos colegas, em especial, Aline, Nara, Flávia e Adriana, e todos que me ajudaram e fizeram parte dessa caminhada;
Aos colegas do Neadi (UFLA) e do Narrar-se (CEFET), pelas conversas produtivas nos encontros;
A Mariana, por fazer meu amor pelo futebol reaflorar;
A CAPES, pelo apoio.
Ao CEFET, pelo espaço e acolhimento.
Agradeço à leitura atenta e pontual da Miriã, não há palavras que definem a gratidão por ter você como amiga.

Dedico este trabalho às torcedoras de todo o Brasil, principalmente à Lívia, à Gabi e à Elluh, que foram companheiras de Blog MEC e contribuíram de forma direta e indireta para esta pesquisa. Também dedico à Thatá que, enquanto eu escrevia este trabalho, passou por uma situação inaceitável de violência relacionada a esse espaço que ela tanto defende e busca afirmar como lugar para as mulheres.

FOTO: Divulgação/Facebook/Mulheres de Arquibancada

RESUMO

A presença de mulheres em diversos espaços sociais, negados a elas em diferentes períodos, no Brasil e no mundo, é assunto em voga nas pesquisas de Ciências Sociais, Humanas, Psicologia, Educação Física, entre outras áreas do saber. Há alguns anos, essas pesquisas demonstram que a presença das mulheres no ambiente futebolístico é crescente e que mudanças nas formas de torcer vêm ocorrendo. A temática do futebol também tem sido abordada pelos estudos linguísticos, com pesquisas que discutem desde as publicações sobre futebol no Brasil até os discursos de torcedores e líderes de torcidas organizadas, por exemplo. Neste projeto, mais especificamente com base na Análise do Discurso de linha francesa, da qual se entende que as manifestações discursivas estão nas mobilizações sociais, buscamos analisar as imagens discursivas sobre e das mulheres torcedoras de futebol nas relações estabelecidas entre elas, com suas torcidas e torcedoras de times rivais, no espaço da arquibancada. Nesse sentido, pretendemos compreender as condições de produção dos discursos, apoiados nas práticas sociais dos sujeitos em diferentes espaços discursivos. Diante da associação entre língua, atividade de interação e conhecimento, partimos de uma problemática interdisciplinar, na qual o campo semiolinguístico permite ao pesquisador relacionar social e sentido. Sendo assim, a partir da Teoria Semiolinguística é possível entender os caminhos trilhados pela informação para produzir sentidos e ser compreendida. Dessa maneira, tempo, espaço e hipóteses são ordenados para construírem a competência discursiva que, por sua vez, é manipulada pelos enunciadores para produzir sentidos permeados por laços sociais. Com base na Teoria Semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau e em suas pesquisas a respeito dos imaginários sociodiscursivos e Identidade (CHARAUDEAU, 2005, 2015, 2016 e 2017), buscamos entender como esses sentidos são construídos na relação entre os implícitos e os explícitos que perpassam as *Imagens de si construídas no discurso* — a partir da abordagem de *ethos* proposta por Amossy (2014) e Maingueneau (2014). Nosso *corpus* é composto por depoimentos transcritos de torcedoras participantes do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada (2017), durante a assembleia na qual elas subiram ao palco para denunciarem casos de assédio e machismo, mas esse também foi um espaço aberto para propostas de melhorias quanto ao assunto. Diante das narrativas e argumentos apresentados pelas torcedoras, entendemos que os possíveis interpretativos presentes em nosso *corpus* resultam dos saberes expostos pelos enunciadores que se valem das imagens de si (e do outro), baseados nas aproximações e nos rompimentos com os imaginários sociodiscursivos, compostos de papéis sociais atribuídos à mulher torcedora nas arquibancadas e dentro de suas torcidas. No esforço em resistir aos preconceitos existentes no futebol como prática social – reconhecida como "coisa de homem" –, as torcedoras constroem diferentes *ethé*, dos quais destacamos o *ethos* de caráter, de solidariedade e de autoafirmação, que desprendem imagens de orgulho, resiliência e credibilidade, entre muitas outras. Por fim, estudos sobre as formas de torcer enriqueceram o traço interdisciplinar desta pesquisa, em que entendemos as identidades como sociais e discursivas, por isso o pertencer da mulher ao futebol desperta conflitos relacionados aos papéis atribuídos a ela na sociedade como um todo.

Palavras-chave: Análise do Discurso; *Ethos*; Futebol; Torcedores; Mulheres.

ABSTRACT

The presence of women in different social spaces, denied to them in different periods, in Brazil and in the world, is a largely discussed subject in researches in Social Sciences, Humanities, Psychology, Physical Education, among other areas of knowledge. For some years, these studies have shown that the presence of women in the football environment is growing and that changes in the forms of cheering have been occurring. The theme of football has also been addressed by linguistic studies, with research that discuss everything from publications on football in Brazil to speeches by fans and organized cheerleaders, for example. In this project, more specifically based on the French Discourse Analysis, from which it is understood that the discursive manifestations are in social mobilizations, we seek to analyze the discursive images about and of women soccer fans in the relationships established between them, with their fans and fans of rival teams, in the stadium grandstand space. In this sense, we intend to understand the conditions of discourse production, supported by the social practices of the subjects in different discursive spaces. Facing the association between language, interaction activity and knowledge, we have began from an interdisciplinary problematic, in which the semiolinguistic field allows the researcher to relate social and meaning. Therefore, from the Semiolinguistic Theory, it is possible to understand the the paths taken by information to produce meanings and be understood. In this way, time, space and hypotheses are ordered to build the discursive competence, which, in turn, is manipulated by the enunciators to produce meanings permeated by social bonds. Based on the Semiolinguistic Theory proposed by Patrick Charaudeau and on his researches about the sociodiscursive imaginary and Identity (CHARAUDEAU, 2005, 2014, 2015, 2016 and 2017), we seek to understand how these meanings are built in the relationship between the implicit and the explicit that permeate the Images of self constructed in the discourse - from the ethos approach proposed by Amossy (2014) and Maingueneau (2014). Our corpus is composed of transcribed fans testimonials participating in the first “Mulheres de Arquibancada” (2017), during the assembly in which women took the stage to denounce cases of harassment and sexist, but this was also an open space for proposals for improvements on the subject. In view of the narratives and arguments presented by the fans, we understood that the possible interpretations present in our corpus result from the knowledge exposed by the enunciators that make use of the images of themselves (and the other), based on the approximations and rupture with the sociodiscursive imaginary, composed of social roles attributed to women fans in the stands and within their fan club. In an effort to resist the prejudices that exist in football as a social practice - recognized as a “man's thing” - the fans build different ethé, of which we highlight the ethos of character, solidarity and self-affirmation, which give off images of pride, resilience and credibility, among many others.Finally, studies on the ways of cheering enriched the interdisciplinary trait of this research, in which we understand identities as social and discursive, that is why women's belonging to football arouses conflicts related to the roles attributed to her in society as a whole.

Key-Words: Discourse Analysis; *Ethos*; Soccer; Soccer fans; Women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

1 TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVA.....19

1.1 Circunstâncias de Discurso.....21

1.2 Contrato e estratégias de discurso.....25

1.3 Situação de comunicação.....28

1.4 Os imaginários sociodiscursivos.....31

2 INTERDICURSO: UM CAMINHO PARA O *ETHOS* DISCURSIVO.....36

2.1 O Mesmo do discurso e o seu Outro.....36

2.2 Cenas de enunciação.....39

2.3 *Ethos* discursivo.....41

3 SOBRE FORMAS DE TORCER: MULHERES, ARQUIBANCADA E FUTEBOL.....47

3.1 A questão da identidade.....49

3.2 Feminilidades e masculinidades.....52

3.3 Mulheres e futebol.....55

4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....58

5 IMAGENS DE SI NO DISCURSO: MULHERES TORCEDORAS DENTRO E FORA DAS ARQUIBANCADAS.....62

5.1 Das cenas de enunciação ao e*thos*.....70

5.2 Os imaginários sociodiscursivos: uma relação com as imagens de si.....73

5.3 Imagens de si construídas no discurso.....80

***5.3.1 Ethos de caráter*.....80**

***5.3.2 Ethos de solidariedade*.....83**

***5.3.3 Ethos de autoafirmação*.....86**

5.4 A construção de identidades: uma relação com as formas de torcer.....91

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....95

REFERÊNCIAS 98

ANEXO 1.....101

ANEXO 2.....103

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a participação das mulheres em diferentes âmbitos sociais sinaliza uma busca pela reorganização dos papéis até agora destinados a elas na sociedade. Dentro dessa realidade, diferentes mulheres procuram construir uma participação efetiva em práticas sociais onde a presença de homens é visivelmente predominante e quase nunca questionada. Diferentemente do que acontece com as mulheres, em que o simples fato da sua presença física ainda incomoda em certos lugares, principalmente, no meio esportivo. Dentro da diversidade de pesquisas sobre a inserção das mulheres no esporte, o assunto, geralmente, é abordado na perspectiva das Ciências Sociais, da Psicologia, da Educação Física, entre outras, mas pouco se diz das imagens discursivas dessas mulheres. Por isso, neste trabalho buscamos entender a construção discursiva envolvida na relação das mulheres com o futebol e a ação do torcer, uma prática quase sempre vinculada ao homem.

Para a Análise do Discurso (AD) as manifestações discursivas podem ser depreendidas nos mais diferentes eventos sociais. O 1º Encontro de Mulheres de Arquibancadas, contou com a participação de cerca de 300 torcedoras, de diferentes regiões do Brasil. Durante o evento, aconteceram palestras, rodas de conversa, mesas redondas e uma assembleia. O encontro aconteceu em 2017, na cidade de São Paulo, no Museu do Futebol do Pacaembu. Dentre os vídeos gravados durante o evento e arquivados no *site* do Museu do Futebol, selecionamos a assembleia, na qual as torcedoras subiram ao palco para dar depoimentos relacionados à presença delas nas torcidas e nas arquibancadas de um modo geral.

O problema inicial identificado gerou para nós as seguintes questões: quais as imagens construídas pelas torcedoras a respeito do espaço social da arquibancada? Há construções discursivas que sinalizam doxas que reforçam ou refutam o papel da torcedora no espaço futebolístico? Quais as práticas sociais são reforçadas ou refutadas pelas torcedoras na construção de imagens de si em seus depoimentos? Diante dessas perguntas, nosso objetivo geral foi identificar imagens sobre e da torcedora construídas discursivamente em depoimentos no 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada. Além disso, analisamos as representações enunciativas das torcedoras a partir dos imaginários sociodiscursivos, identificamos diferentes construções *etóticas* das torcedoras nos

depoimentos e analisamos os discursos sobre o papel da torcedora na relação com sua torcida, seu clube e a arquibancada como um espaço social.

O vídeo escolhido foi transcrito para análise (ANEXO 2) e categorizado em diferentes eixos especificados em nossa metodologia. Esses eixos perpassam os saberes de conhecimento, principalmente em relação às experiências dessas mulheres na arquibancada e dentro de suas torcidas. Também há forte presença dos saberes de crença, perpassados pela revelação e opinião.

Os depoimentos serviram de base para entendermos as imagens discursivas sobre e das mulheres que participaram do encontro mencionado. Assim, buscamos identificar imagens de torcedoras construídas discursivamente nos depoimentos, além disso, analisamos as representações enunciativas de cada torcedora a partir dos imaginários sociodiscursivos, as construções *etóticas* em seus depoimentos e a construção do discurso sobre o papel da torcedora no meio futebolístico — na torcida, na arquibancada e na relação com o clube.

Os diferentes *ethé* são construídos e reconstruídos por essas mulheres que pretendem reafirmar imagens de caráter, de solidariedade e de autoafirmação, entre outras imagens desprendidas dos eixos de pertencimento, de denúncia e de crítica. Esses eixos foram escolhidos com base nas leituras das transcrições e nos elementos textuais que marcam a presença dessas emoções e sensações quanto aos modos de torcer dessas mulheres.

Nosso *corpus* é composto por 15 depoimentos de torcedoras de diferentes clubes, algumas delas são membros de torcidas organizadas, outras fazem parte de outro tipo de torcida, como no caso da torcedora15, que representa no evento uma torcida marxista, nomeada de brigada. Além dela, a torcedora13 não faz parte de nenhuma torcida, podendo ser chamada de torcedora “comum”. Independentemente da ligação delas com as agremiações de torcedores, o efeito de pertencer às torcidas está presente em todos os depoimentos, por isso, esse *corpus* é uma construção discursiva significativa para compreendermos a ação do torcer também fora das arquibancadas — um movimento de transformação, em que a totalidade se sobrepõe à individualidade. Assim, o sujeito, que é social e, consequentemente, coletivo, projeta imagens de si para reforçar, refutar e aproximar os diferentes enunciados desse ato de comunicação.

Nas pesquisas da Pós-graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do CEFET-MG, principalmente na linha de pesquisa 2 — Discurso, mídia e tecnologia—, encontramos as teses em andamento e já concluídas cujo foco está no protagonismo de mulheres em espaços antes negados a elas. As temáticas variam entre: o ativismo ambiental, as mulheres trans no meio digital, as quadrinistas brasileiras independentes, a autoria na música popular brasileira etc. Em nossa pesquisa, o foco está na presença da mulher nas arquibancadas, pois elas fazem parte do imaginário de país do futebol, porém, como veremos, a ação do torcer traz impedimentos ligados ao simples fato de elas serem mulheres. Diante das várias temáticas citadas, pensar no lugar da mulher no futebol brasileiro é uma maneira de reconhecer um problema nesse meio igualmente importante para se pensar o espaço da mulher na sociedade como um todo.

Entre as imagens apresentadas em nosso *corpus*, destacamos o pertencimento, quase sempre representado pela relação das torcedoras com suas torcidas e com os líderes desses grupos. Nesse sentido, não podemos deixar de destacar a dissertação defendida no Posling, em 2018: *Máfia Azul: as imagens discursivas dos líderes da torcida organizada*, de Thiago Madureira de Alvarenga que, apesar da proximidade quanto à base teórica, há a constatação da não existência de mulheres nessa posição social, ou seja, mais uma justificativa para buscarmos entender a construção desse espaço de liderança dentro das torcidas.

Além do trabalho mencionado, também no Posling, a dissertação “Bolas de papel e jogadas editoriais: os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930”, de Giulia Sampaio Piazzi, apresenta uma abordagem mais descritiva quanto aos editoriais — temática distinta da nossa. Grupos de estudos e de pesquisa, como o Gefut (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) e o Fulia (Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes), ambos da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), desenvolvem trabalhos em caráter interdisciplinar com foco no futebol e nas relações sociais que envolvem esse esporte. No meio digital, no intuito de reunir diferentes pesquisas com a temática do futebol, em 2009, foi criado o Ludopédio, uma plataforma *online* que engloba artigos, teses, dissertações, eventos, livros, *blogposts* e outros textos relacionados ao meio futebolístico.

Nesse mesmo período, final da primeira década dos anos 2000, há uma maior concentração, no banco de dados da Capes, de pesquisas relacionadas à presença das mulheres em campo, como jogadoras, árbitras e nas arquibancadas. Um exemplo é o artigo da pesquisadora Leda Maria da Costa, intitulado "O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol", publicado em 2007, na *Revista Esporte e Sociedade*, que é retomado em diversos trabalhos.

Em Minas Gerais, na dissertação de Priscila Augusta Ferreira Campos, a pesquisadora estudou *Mulheres torcedoras do Cruzeiro esporte clube presentes no Mineirão*, levantando o perfil sociológico dessas mulheres. Em outra perspectiva, a dissertação *Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras: a inserção de mulheres em Torcidas Organizadas e Futebol em Belo Horizonte-MG*, de Bárbara Gonçalves Mendes, escrita em 2015, buscou tratar das permissões e "proibições" nas torcidas organizadas, algo constante nos depoimentos que serão analisados neste trabalho. Contudo, nossa abordagem se diferencia pelo viés discursivo, enquanto Mendes trata do assunto com base na Psicologia Social.

Nos últimos anos, encontramos trabalhos como o de Pinto (2017), que aborda as ações e reações de movimentos contrários à homofobia e machismo nas arquibancadas. Também destacamos a pesquisa de Bandeira e Sffner (2018), em que os autores analisam relatos de torcedores homens questionados quanto às representações das mulheres nos estádios de futebol. Esses trabalhos serão base para a construção teórica do capítulo sobre as formas de torcer, para assim trazermos um caráter interdisciplinar em nossas análises.

Com base no Movimento Mulheres de Arquibancada, encontramos o artigo "As torcedoras querem torcer: tensões e negociações da presença das mulheres nas arquibancadas de futebol" – parte da pesquisa da dissertação de mestrado de Moraes (2017) –, trabalho que possibilita entendermos as tensões e as negociações das mulheres presentes nas arquibancadas de futebol em uma perspectiva social.

Uma base teórica interdisciplinar permite que façamos nossas análises com maior profundidade, traçando um paralelo entre diferentes ciências. Diferentemente dessas pesquisas, nosso trabalho busca entender como as mulheres projetam imagens de si para

reforçar a relação da ação de torcer com a emoção, e mais ainda, com os sentidos que envolvem as arquibancadas.

A presença das mulheres nas arquibancadas é vista como algo crescente nas últimas décadas, destacando sempre o fato de que elas sempre estiveram nas arquibancadas, desde os primeiros anos do esporte no Brasil. Assim, percebemos que as mudanças se dão na forma de torcer, algo que se constrói e se reconstrói dentro desse ambiente. Antes, mulheres da elite, jovens com seus chapéus, vestidos e lencinhos; agora, mulheres com calça jeans, camisa do time ou da torcida organizada e tênis. Entretanto, essa discussão não é tão simples, até porque as mulheres da elite não deixaram de ir aos jogos, assim como nem todas as torcedoras usam as mesmas roupas e agem da mesma maneira nesse espaço discursivo.

Para Pinto (2017), existe uma naturalização do futebol como “coisa de homem”. Isso se dá por conta do futebol estar inserido em uma sociedade heteronormativa e binária, o que, de acordo com o autor, pode ser perceptível nas músicas e nas formas de expressão que evocam ofensas ligadas a uma tentativa de diminuição da masculinidade com base em uma feminização.

Há tempos, a sociedade reforça o imaginário de que o futebol é “coisa de homem”, e acabamos aceitando que, para estarmos em tal espaço, precisamos da autorização de alguém do sexo masculino. Por isso, a escolha por essas mulheres se faz interessante para pensarmos a presença ativa delas dentro e fora das arquibancadas quando o assunto é futebol. Conforme dito em parágrafos precedentes, a partir das reflexões propostas por estudiosos do discurso, pretendemos analisar a participação feminina nas arquibancadas por meio das imagens discursivas das mulheres que se apresentam e deixam seus depoimentos no 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada. Para tanto, gostaríamos de compreender como a mulher vem se inscrevendo na prática esportiva com base no quadro teórico da Teoria Semiolinguística, proposta por Charaudeau, que dá suporte e possibilita uma análise das imagens das mulheres mediante as (re)produções de discursos no vídeo do encontro.

Sendo assim, ancoradas no arcabouço teórico da Análise do Discurso, buscamos analisar as circunstâncias do discurso de torcedoras com o intuito de identificar saberes

e práticas sociais que alicerçam essas encenações discursivas. O encontro de mulheres de arquibancada foi organizado no intuito de reunir torcedoras de todo o Brasil para discutirem sobre problemas vivenciados no dia a dia das arquibancadas. Elas estão em busca de entender como essas situações podem ser minimizadas e, com o tempo, resolvidas. Para isso, entre as atividades do encontro, como mesas redondas e palestras, as torcedoras participaram de uma assembleia.

A assembleia é um gênero em que as pessoas expõem para o público presente diferentes necessidades sobre determinados assuntos, dentro de um tempo e um espaço social específico. Durante as falas, os participantes descrevem, narram e argumentam para defenderem pontos de vista. As torcedoras contaram histórias de dentro e de fora das arquibancadas, descreveram um pouco de sua rotina e argumentaram contra ou a favor das diversas situações nas quais se envolvem continuamente nesse meio.

Entendemos que os possíveis interpretativos presentes em nosso *corpus* resultam de saberes enunciados. Eles são sinalizados no dito, e o EUe (sujeito enunciador) se vale das imagens de si para aproximar ou afastar as torcedoras de um espaço socialmente conhecido como um "não lugar para mulheres". Os papéis sociais estabelecidos para as mulheres são reforçados, mas, também, são refutados pelas torcedoras, que buscam resistir aos preconceitos repetindo e reforçando, discursivamente, que "lugar de mulher é onde ela quiser".

Para embasar teoricamente nossas análises, nos capítulos 1, 2 e 3, apresentamos a Teoria Semiolinguística, o interdiscurso e as formas de torcer. No capítulo 4, descrevemos os métodos aplicados nesta pesquisa e, no capítulo 5, nossas análises ilustram as relações entre a ação do torcer e as práticas discursivas no universo futebolístico. Vejamos mais detalhadamente como cada um desses capítulos será explanado neste trabalho.

No capítulo 1 buscamos associar a linguagem com as relações psicossociais do sujeito. Para isso, encontramos base na Teoria Semiolinguística, em que os sentidos são produzidos pela linguagem que, por sua vez, é influenciada pelo social. Nesse mesmo caminho, trataremos das competências discursivas, que envolvem os saberes construídos pelos enunciadores em determinados espaços de interação social. O ato de

linguagem também é assunto importante neste capítulo, pois a partir das relações dadas entre os enunciadores, depreendemos dos sentidos os imaginários sociodiscursivos a respeito da tríade mulheres, torcidas e arquibancadas de futebol.

No capítulo 2, o interdiscurso é apresentado como um caminho para chegarmos ao *ethos* discursivo. Assim, após uma conceituação de termos importantes a essa temática, abordamos as cenas de enunciação — essencial às nossas análises, pois ela interage com outras cenas, nas quais os sujeitos assumem os papéis que lhes são atribuídos socialmente. Por fim, o *ethos* discursivo nos permite encontrar, no dito, as imagens construídas além das ações externas do sujeito empírico.

Para complementar e, consequentemente, reafirmar o caráter interdisciplinar da Análise do Discurso, o capítulo 3 traz diferentes pesquisas sobre a temática das formas de torcer. Entendemos, a partir desses trabalhos, que as arquibancadas são parte fundamental do jogo de futebol, mesmo que os torcedores não entrem em campo para jogar. Porém, esse ainda é um espaço no qual a identidade do masculino apoia-se em imaginários de superioridade ao feminino nessa prática social.

Na metodologia de pesquisa, buscamos explanar a construção dessa pesquisa, além de sua finalidade. Entendemos que esse é um estudo de natureza básica, baseada na observação de experiências de vidas e com fonte em dados já divulgados. A partir do percurso teórico, traçamos estratégias que perpassam imaginários e *ethos* sobre a relação da mulher com o futebol para apoiarmos nossas análises, assunto do capítulo 5.

Em nossas análises, utilizamos a separação por eixos para identificarmos a construção das imagens de si e do outro. Ao dividirmos os trechos dos depoimentos em pertencimento, denúncia e crítica, é possível verificar como essas ações perpassam outras menores, mas não menos importantes. Com isso, entendemos que as imagens das torcedoras emergem de imaginários, saberes e identidades representadas no dito.

Para concluir, as narrativas, as descrições e os argumentos das torcedoras presentes no 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada desperta o nosso olhar para uma necessidade de mudança não apenas no espaço físico, mas também no espaço discursivo. O evento é uma das marcas desse imaginário de que existe um lugar de mulher, enquanto o homem

dita o que pode e o que não pode se fazer nas arquibancadas e dentro das agremiações. Isso vem mudando e também é algo apontado nos discursos da torcedora, falas que são atravessadas por imagens de caráter, de solidariedade e, principalmente, de autoafirmação.

Quando depreendemos as imagens discursivas das falas dessas torcedoras – imagens que são evocadas por saberes de experiência de narrativas de dentro das arquibancadas, juntamente com a importância de se fazer algo fora desse lugar, descrevendo e argumentando problemas (ou a não existência deles) e possíveis soluções – essas mulheres demonstram a necessidade de serem ouvidas, pois, sendo ou não torcedora, a presença delas em certas práticas sociais ainda incomoda.

1. TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVA

A linguagem é própria do ser humano e ela constitui a base para os jogos discursivos, sendo assim, ela permite ao homem pensar e agir, ou seja, viver em sociedade. Quanto ao Discurso, Maingueneau (2015), apoiado nas concepções de Michel Foucault, considera que o discurso deve associar: língua, atividade de interação e conhecimento. Nesse sentido, a Análise do Discurso deve buscar entender as condições de produção dos discursos além da estrutura das palavras e frases, apoiando-se na relação entre texto e contexto (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2014). Para Charaudeau (2005), relacionar a linguagem com os fenômenos psicológicos e sociais é a problemática que abrange a abordagem Semiolinguística do discurso, pois a construção psico-sociolinguageira do sentido depende da intervenção de um sujeito psico-socio-linguageiro.

Dessa maneira, a proposta de Análise do Discurso francesa, apresentada por Patrick Charaudeau, se baseia em três níveis, que, por sua vez, correspondem a três tipos de competências advindas de diferentes dicotomias do campo da linguagem. Charaudeau (2016) destaca que essas dicotomias complementam o campo semiolinguístico. Vejamos no quadro a seguir:

Tabela 1: objeto, método e conhecimento no campo da linguagem

	Objeto	Método	Conhecimento
Campo da linguagem	Emissor-receptor ideal X emissor determinado + Linguagem transparente X não transparente + Busca intencionalidade X não resulta de intencionalidade única	Atividade de abstração X Atividade de elucidação	Qual mundo já organizado se encontra por trás da linguagem X Como fala a linguagem ou como a significação é significada

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Para Charaudeau (2016, p. 15), essas são abordagens de teorias linguísticas e semióticas em que “toda teoria, assim como toda fala, define-se em relação a outras teorias, a

outras falas". Sendo assim, é possível ao pesquisador optar pela não exploração histórica e interpretativa individualista de cada campo, sem a necessidade de também nomeá-los. Há, para Charaudeau (2005), um campo que integra alguns desses domínios em uma problemática interdisciplinar — o semiolinguístico, em que é possível relacionar questionamentos entre si, sejam eles externos, como a influência social na linguagem, sejam eles internos, como a construção dos sentidos por meio da escolha dos signos.

O campo semiolinguístico nasce da integração de todas essas questões da linguagem alocadas em uma mesma problemática. De acordo com Charaudeau (2005), o discurso é um campo próprio, com métodos, objetos, técnicas e instrumentos próprios. Dessa maneira, a Análise do Discurso, por meio da Teoria Semiolinguística, propõe-se a entender os caminhos trilhados pela informação para produzir sentidos e ser compreendida. Ou seja, para que haja interação discursiva, é necessário entender como as inferências são partilhadas, como o conhecimento é produzido e como o sujeito interage em diferentes situações discursivas.

> Eis porque a posição que tomamos na análise do discurso pode ser chamada de semiolingüística. Semio-, de "semiosis", evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; lingüística para destacar que a matéria principal da forma em questão - a das línguas naturais. Estas, por sua dupla articulação, pela particularidade combinatória de suas unidades (sintagmatico-paradigmática em vários níveis: palavra, frase, texto), impõem um procedimento de semiotização do mundo diferente das outras linguagens (CHARAUDEAU, 2005, p. 1 e 2).

O discurso não é absoluto, pois quando se trata dele, as relações são abertas. Para colocar as peças em ordem, é necessário levar em conta o tempo, o espaço e as hipóteses dos discursos, que podem variar de acordo com o objetivo das pesquisas. Isso se refere ao que Charaudeau (2016) nomeia por competências — componentes da encenação das atividades humanas no meio social. O autor as divide em: competência situacional, competência semiolinguística e competência semântica.

A competência situacional está relacionada à situação de comunicação, que apresenta uma finalidade e depende da identidade dos enunciadores. Em nosso caso, essa competência é representada pelas torcedoras de diferentes clubes e membros de várias

torcidas, porém, como participantes do primeiro encontro de mulheres de arquibancada, têm um objetivo em comum: denunciar casos de machismo e assédio nas arquibancadas. A competência semiolinguística organiza a encenação discursiva de acordo com as visadas, que podem ser enunciativa, descritiva, narrativa, argumentativa. Considerando os depoimentos transcritos, entendemos que as enunciadoras organizam seus enunciados por meio de, principalmente, narrativas, descrições e argumentações. Por fim, a competência semântica consiste na construção de sentidos por meio da circulação social dos saberes de crença e de conhecimento. Muitos dos saberes envolvidos no imaginário do futebol como espaço para interação social são retomados (e algumas vezes refutados) pelas torcedoras, como veremos em nossas análises.

A junção dessas três competências culmina na competência discursiva, que, em seu funcionamento, produz atos de linguagem permeados de sentido e laços sociais. Para Charaudeau (2014, p. 453), há uma tripla interrogação da qual se baseia a construção do objeto pelo enunciado: "quais são as condições situacionais do ato de linguagem? Qual (is) procedimento(s) discursivo(s) ele aciona? Em que consiste sua configuração textual?". Temáticas que abordaremos nos próximos tópicos, começando pelas circunstâncias de discurso.

1.1 Circunstâncias de Discurso

Na perspectiva abordada por Charaudeau (2016), as expectativas do ato de linguagem dependem do ponto de vista do enunciador. Como somente pela a análise da língua não é possível a depreensão de possíveis sentidos para o projeto de fala de um enunciador, faz-se necessário recorrer a outros elementos que configuram o ato de linguagem, atentando-nos para a relação entre o que está explícito e o que está implícito. Trata-se, pois, de um jogo de relações que é aberto e variável, em que fazem parte a relação dos protagonistas entre si e deles com determinada circunstância de discurso. Logo, implícito e explícito compõem, de maneira indissociável, a dupla dimensão do ato de linguagem, em que o explícito é resultado de paráfrases estruturais e se efetua na simbolização referencial, na qual o sentido é construído com referência na realidade e conceituado de modo simbólico; já o sentido no implícito é formado por paráfrases seriais e culmina na significação, ou seja, "é um jogo construtor da significação de uma totalidade discursiva que remete a linguagem a si mesma como condição de realização

dos signos, de forma que estes não signifiquem mais por si mesmos, mas por essa totalidade discursiva que os ultrapassa" (CHARAUDEAU, 2016, p.25).

Na relação entre explícito e implícito, o sentido explícito, para construir a significação do discurso, ganha sentido pelo implícito. Além disso, existem constantes, não absolutas, que marcam a produção e compreensão dos signos. A presença dessas constantes demonstra que o sujeito, por meio da linguagem, busca elaborar constantes parciais. De acordo com Charaudeau (2016, p. 27), "nesse caso, não se trata do significado propriamente dito do signo, mas, de um elemento de sentido que pode ser trazido por um determinado significante". A partir dessas concepções, Charaudeau (2016) entende que há um duplo movimento na construção do fenômeno linguageiro, são eles:

> i) exocêntrico: força centrífuga em um jogo de interpelações dos signos além do contexto explícito desses, ou seja, o ato de linguagem se significa em intertextualidade, produzindo a significação do discurso por meio da atividade serial.
>
> ii) endocêntrico: para garantir o sentido da simbolização referencial, uma força centrípeta significa ao mesmo tempo pela referência e pela simbolização na relação com outros signos.

> De um lado, a atividade serial põe em causa, incessantemente, as tentativas que a atividade estrutural empreende para fixar o signo em um lugar definitivo de reconhecimento do sentido; de outro lado, a atividade estrutural, por sua vez, tenta fixar, "congelar", o sentido comandado pela atividade serial (CHARAUDEAU, 2016, p. 27).

Assim, o ato de linguagem (A de L), para Charaudeau (2016), resulta de um explícito incompleto e de um implícito que determina as circunstâncias de discurso (C de D). Essas circunstâncias criam conjuntos de possíveis interpretativos, que são "uma tentativa de descrever algumas das representações coletivas que uma determinada sociedade (ou um grupo social) constrói para si; seja através de outros discursos que ela produz em uma mesma ocasião, seja em outras circunstâncias" (CHARAUDEAU, 2016, p. 29). Além disso, ainda para o autor, dois aspectos das circunstâncias de discurso são evidenciados quando entendemos a existência de possíveis interpretativos, são eles: a relação dos sujeitos (enunciador e interpretante) com o propósito linguageiro e a relação entre eles. Ou seja, o conjunto de representações discursivas às quais

pertencemos e das quais partilhamos e o saber compartilhado a partir do filtro construtor de sentidos são constituídos na relação entre os sujeitos comunicantes, supondo igualdade de saberes, e constroem diferentes propósitos para as trocas comunicativas, indo além das suas referências e/ou vivências.

De acordo com Charaudeau (2016), são esses filtros que possibilitam aos participantes do ato de comunicação descartarem interpretações possíveis. Dessa maneira, as circunstâncias de discurso são definidas por Charaudeau (2016, p. 32) "como o conjunto dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem".

Ao definirmos um objeto pela sua funcionalidade, ele não será igual em outra função, ainda que tenha a mesma materialidade. Porém, há uma função privilegiada que define esse objeto, mesmo que ele tenha outros possíveis usos. Da mesma maneira, o signo linguageiro apresenta sentido diante da dupla face de uma qualificação referencial (valor designado semanticamente ao signo) e a sua funcionalidade (valor de uso do signo). Desse modo, Charaudeau (2016, p. 35) entende que "a significação é uma manifestação linguageira que combina signos em função de uma intertextualidade particular e que depende de Circunstâncias de discurso particulares".

A significação é uma totalidade que depende dos saberes do enunciador e do interpretante e o signo depende do ato de linguagem, ou seja, dos filtros usados pelos participantes do ato de comunicação. Porém, há um sentido mais ou menos estável nas palavras que, para Charaudeau (2016), faz com que compreendamos alguns discursos, mesmo quando não temos acesso à circunstância de discurso definida. Há, então, um duplo valor do signo, que à luz da Semiolinguística significa dizer: mesmo que haja uma funcionalidade reconhecida entre pares, a significação pode ganhar novos sentidos de acordo com o referencial. A combinação de signos manifesta-se em significação que, por sua vez, depende da intertextualidade e das circunstâncias de discurso, ambos particulares. Por isso, na problemática da Semiolinguística, "é o ato de linguagem de um sujeito particular que, através da expectativa discursiva que representa, constrói o saber perceptivo-sensorial do referente linguageiro, e não o inverso" (CHARAUDEAU, 2016, p. 37).

Os sentidos são plurais, existem marcas e circunstâncias de discurso particulares que contribuem na construção da expectativa discursiva de um ato de linguagem. Segundo o

autor, “o signo é algo complexo, que se constrói na instância linguageira em função de uma determinada expectativa discursiva” (CHARAUDEAU, 2016, p. 36), em que a expectativa discursiva é utilizada por um sujeito particular para construir o saber do referente linguageiro. Sendo assim, o saber linguageiro é resultado da soma de discursos repletos de expectativas.

Ao compreender os saberes como aquilo que circula explícita ou implicitamente na produção/interpretação de sentidos, Charaudeau (2016, p. 44) postula que

> – o TU não é um simples receptor de mensagem, mas sim um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso e, portanto, sobre o EU (interpretar é sempre instaurar um processo para apurar as intenções do EU).
> – Correlativamente, esse TU-interpretante (TU’) não é o mesmo que o TU-destinatário (TU) ao qual se dirige o EU. Como consequência, o TU’, ao fazer sua interpretação, reflete o EU com uma imagem (EU’) diferente daquela que o EU acreditava (queria?) ter.
> – Em outras palavras, o EU dirige-se a um TU-destinatário que o EU acredita (deseja) ser adequado ao seu propósito linguageiro (a “aposta” contida no ato de linguagem). No entanto, ao descobrir que o TU-interpretante (TU’) não corresponde ao que havia imaginado (fabricado), acaba por descobrir-se como um outro EU (EU’), sujeito falante suposto (fabricado) pelo TU-interpretante (TU’).

Não é uma simples produção de mensagem entre receptor e emissor, pois se trata da dialética entre processo de produção e processo de interpretação. Assim, o ato de linguagem passa a ser um ato interenunciativo em que encontramos: o sujeito destinatário (TU -> TUd), o sujeito interpretatante (TU’ -> TUi), o sujeito enunciador (EU’ -> EUe) e o sujeito comunicante (EU -> EUc).

Considerando que a interpretação é composta por intenções, o sujeito interpretante cria diferentes hipóteses que envolvem diferentes saberes. Essas hipóteses são criadas pelos sujeitos da comunicação, em que a situação extralinguística se transforma, sendo parte da circunstância de discurso. É também o ambiente pertinente que possibilita saber, por exemplo, que “lugar de mulher é” dito por uma torcedora participante do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada (em uma discussão sobre o papel da mulher como torcedora) possibilita que façamos a complementação do *slogan* com as possíveis construções sintáticas: “onde ela quiser” ou “no futebol”, ou ainda, “na arquibancada”. Nas palavras de Charaudeau (2016, p. 32), reforçamos que: “são as Circunstâncias de discurso (vistas como um conjunto de saberes partilhados) que comandam o ambiente material e não o

inverso". Contudo, o ato de comunicação também depende dos contratos e das estratégias discursivas, como veremos no próximo tópico.

1.2 Contrato e estratégias de discurso

Quanto ao contrato e as estratégias de discurso, Charaudeau (2016) aponta que a produção do ato de comunicação é, ao mesmo tempo, uma aventura e uma expedição. Expedição por conta do aspecto intencional do EUc e aventura por esse ato acontecer no campo do imprevisível. Foquemos na expedição, em que o objetivo de EUc é seu projeto global de comunicação ser interpretado dentro de suas intencionalidades. Para isso, ele se apoia em contrato de comunicação, definido por Charaudeau (2016, p. 60) como:

> o ritual sociológico do qual depende o *Implícito codificado* e o definimos dizendo que ele é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (Circunstâncias de Discurso) do ato de linguagem.

Além do contrato, que pressupõe as mesmas representações linguageiras entre indivíduos dentro das mesmas práticas sociais, as estratégias possibilitam ao sujeito comunicante produzir efeitos dos quais ele levanta hipóteses quanto à identificação (consciente ou não) do sujeito destinatário com aquilo que ele concebeu, organizou e encenou, utilizando-se de contratos de reconhecimento, ou outros procedimentos que, segundo Charaudeau (2005, p. 57), consistem em:

> – a fabricação de uma imagem do real como lugar de uma verdade exterior ao sujeito que teria força de lei;
> – a fabricação de uma imagem de ficção como lugar de identificação do sujeito com um outro, imagem essa que constitui um lugar de projeção do imaginário desse sujeito.

A consequência dessa fabricação das imagens do sujeito comunicante a respeito do sujeito enunciador pode, de acordo com Charaudeau (2016, p. 58), "reativar seu estatuto de EUc, ocultá-lo, deixá-lo apenas transparecer, torná-lo ambíguo, ampliá-lo (blefar), etc.". Essa é a legitimação de fala, em que o EUc, quando consciente disso, utiliza-a a seu favor para convencer o público construindo uma imagem de EUe, assim como utiliza imagens de EUe já legitimados. Em nosso *corpus*, as torcedoras se apresentam

como representantes de suas torcidas, elas buscam projetar um EUe que visa legitimar-se a partir da condição de porta-voz.

Na análise Semiolinguística, não há um ponto de vista constatado, completo — seja por parte do sujeito comunicante, seja pelo sujeito interpretante. De acordo com Charaudeau (2005, p. 63) o foco da análise deve ser os *possíveis interpretativos*, pois, assim, o analista é um "coletor de pontos de vista interpretativos e, por meio de comparação, deve extrair constantes e variáveis do processo analisado". Reforçando que são os elementos linguageiros, semânticos e formais, nos diferentes modos de organização, que instrumentalizam o analista para interrogar o texto e, consequentemente, levantar os possíveis interpretativos.

A semiotização proposta pela Teoria Semiolinguística é resultado de um duplo processo: um primeiro de transformação em que a ação do sujeito falante transforma o "mundo a significar" em "mundo significado"; e um segundo, de transação, em que outro sujeito é o destinatário da troca no "mundo significado". Os processos de transformação e de transação podem se entrecruzar, porém, seus procedimentos são distintos. Contudo, há certa dependência em ambos os processos que, por sua vez, orientam o ato de comunicação, dando a ele um sentido. As operações do processo de transformação podem ser mobilizadas por diferentes enunciados, designando diversos sentidos ligados a outras significações possíveis. É preciso considerar o quadro situacional que é imposto pelo processo de transação, que dá base ao "contrato de comunicação" (CHARAUDEAU, 2005).

Dentro de cada um desses processos, outros tipos de operações são compreendidas e definidas por Charaudeau (2005):

> Processo de transformação:
> i) identificação: conceitos e nomes dados aos seres do mundo transformando-os em "identidades nominais";
> ii) qualificação: características que especificam e motivam a maneira de ser dos seres do mundo transformando-os em "identidades descritivas";
> iii) ação: ações dos e nos seres do mundo que os proporcionam uma razão de ser e fazer algo transformando-os em "identidades narrativas";
> iv) causação: motivos pelos quais os seres sofrem ações ou agem no mundo, em que os fatos que se sucedem são transformados por "relações de causalidade".

Para exemplificar, tomemos o exemplo a seguir que faz parte de nosso *corpus*:

> [...] Meu nome é torcedora01 ((riso))... torcida do Flamengo néh... faço parte da urubuzada... (inaudível) éh:::: sempre flamengo néh mas eu tenho 9 anos de/de torcida... eu nunca tive --não vou ser hipócrita-- nunca tive problemas de machismo:: ... (TORCEDORA, eixo de pertencimento).

Nesse exemplo, a identificação é marcada por: “torcida do Flamengo”, “torcida”, “machismo”, “urubuzada”; em que “Flamengo” e “urubuzada” são marcadores particulares de um grupo. A qualificação é marcada por “faço parte”, “tenho 9 anos de/de”. A ação está expressa por “eu nunca tive”, “não vou ser hipócrita”. Por fim, a causação é marcada por “nunca tive problemas de machismo”.

> Processo de transação (quatro princípios):
> i) princípio de alteridade: na troca entre parceiros existem semelhanças e diferenças, a alteridade refere-se às semelhanças, que são os saberes compartilhados, ou seja, os universos de referência em comum e as finalidades de EUc e TUi. É a reciprocidade dos parceiros entre si quando o ato de linguagem é validado;
> ii) princípio de pertinência: reconhecimento das referências constituintes da transação linguageira. Os parceiros do ato de linguagem compartilham diferentes saberes ligados ao contexto e à finalidade do contrato.
> iii) princípio de influência: O TUi é alvo de influência daquilo que EUc visa com o ato de linguagem. Isso é o que permite a interação entre eles, porém, considerando, consciente ou não, o ato intencional/a finalidade de influência inscrito no dispositivo.
> iv) princípio de regulação: o que o parceiro sabe sobre o ato do qual ele participa determina sua ação. A regulação é o que faz com que o jogo de influências não culmine em rupturas.

Em nosso *corpus*, o princípio de alteridade está presente no fato de as mulheres presentes no evento buscarem algo em comum: resistir aos preconceitos presentes em um ambiente socialmente reconhecido como espaço para homens. Contudo, no ato de comunicação elas falam para suas parceiras, presentes fisicamente, mas também com suas torcidas, incluindo os diretores (alguns presentes no salão). Em muitos depoimentos, elas reforçam a importância da ajuda deles para que elas pudessem ir ao evento.

O princípio de pertinência está na manutenção do “microfone” como um lugar para denúncias e propostas, uma característica da assembleia nesse tipo de evento. Há o reconhecimento por parte das torcedoras sobre as referências que constituem a troca em que, por sua vez, os parceiros do ato de linguagem compartilham diferentes saberes relacionados ao contexto e a finalidade do contrato. Enquanto isso, elas também sabem

que há um princípio de regulação, em que o ato do qual ele participa determina suas ações. A influência dos parceiros no universo de saberes partilhados é característica nessa tentativa de manter a fala alinhada com as regras da torcida (principalmente entre as meninas de torcidas organizadas) e com o objetivo do Movimento Mulheres de Arquibancada – momento em que o princípio de regulação também fica explícito; elas procuram no jogo de influências não romper nem com um, nem com o outro.

Esse duplo processo de semiotização é o que determina a intencionalidade, ou seja, o fundamento do ato de linguagem. Dessa maneira, com espaço e tempo determinados, a identidade dos parceiros e a proposição dos sujeitos falantes sobre o mundo também revela a situação de comunicação, temática do próximo tópico.

1.3 Situação de comunicação

Algumas teorias abordam o conceito de situação, muitas das vezes, confundindo-o com a noção de contexto. Charaudeau (2005, p. 69) propõe que utilizemos a seguinte distinção: o contexto é o "ambiente textual de uma palavra ou de uma sequência", sendo interno ao ato de linguagem, já a situação é externa ao ato, abrangendo o "ambiente físico e social do ato de comunicação". Com isso, a situação de comunicação é composta por características ligadas ao espaço de troca e à relação entre os enunciadores. Charaudeau (2005) separa-as em características físicas, identitárias e contratuais, compostas da seguinte maneira:

> i) características físicas: entre os parceiros eles podem ser presenciais ou não, depende da quantidade de parceiros no momento da troca, e da proximidade ou afastamento na disposição deles. Quanto ao canal, este pode ser oral ou gráfico, direto ou indireto e depende dos códigos semiológicos utilizados;
> ii) características identitárias: são sociais, socioprofissionais, psicológicas e relacionais;
> iii) características contratuais: estão relacionadas às trocas ou não trocas, aos rituais de abordagem e aos papeis comunicativos assumidos graças ao contrato.

Ao tratar das trocas ou não trocas, Charaudeau (2005) define que a troca, geralmente, é uma situação de comunicação dialogal, e a não troca é monologal. Para o pesquisador francês, em cada situação de comunicação, é necessário, inicialmente, considerar a presença ou não dos parceiros, um diante do outro, o canal de transmissão e a permissão

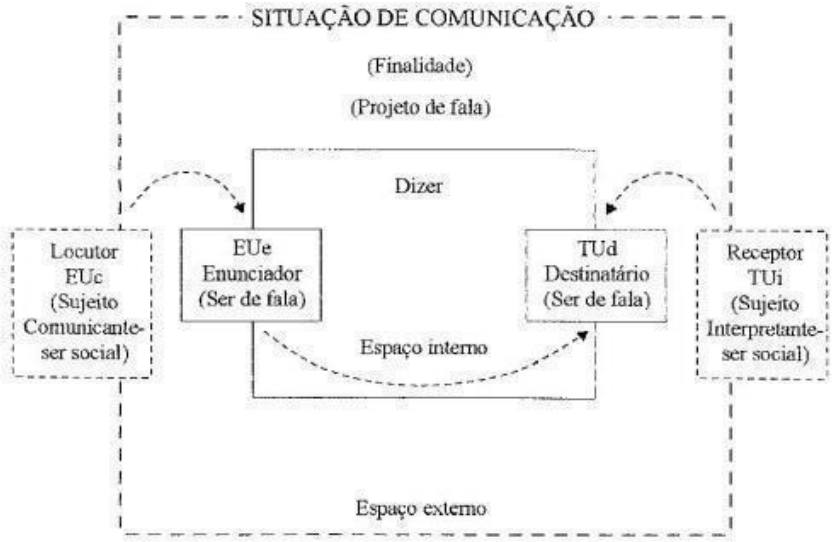
ou não da troca. A partir daí, a configuração verbal se organiza em situação dialogal ou situação monologal.

Na situação dialogal, que acontece por meio da oralidade, os parceiros da troca devem estar um diante do outro em um ambiente físico perceptível para ambos. Assim, o enunciador percebe as reações do público, sendo possível hesitar, corrigir e completar a fala. Na situação monologal, os parceiros não estão presentes fisicamente e o contrato não permite a troca, que pode acontecer por canal oral ou gráfico. Nesse caso, o sujeito falante não pode perceber as reações do destinatário, mas pode imaginá-las, sendo possível organizar a fala de maneira lógica e progressiva. Lembrando-se de que:

> (...) essas duas situações dialogal e monologal podem alternar-se como na seguinte passagem de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade, em que, na realidade, uma está encaixada na outra: "— O seguinte. Quero fazer análise de grupo, doutor. Não se preocupe com a formação do grupo. Eu formo sozinho, compreende? Posso contar ao senhor uma pá de vidas que vou levando. Até que essa multiplicidade não me encucava [...] Mas comecei a me aborrecer quando os meus diferentes eus entraram a exigir de mim funcionamento sincrônico em lugares distantes uns dos outros." (...) OU como no telejornal, numa conferência-debate, numa aula, etc. (CHARAUDEAU, 2005, p.73, grifos do autor).

Para a Semiolinguística, a linguagem está em relação direta com outros fenômenos, lidando com a ação e a influência deles, no âmbito social e psicológico. Como afirma Charaudeau (2005), o sentido se dá na construção linguageira, que é também psicológica e social, pois se realiza pela intervenção de um sujeito igualmente social, psíquico e linguageiro. Nesse sentido, pensando o ato de linguagem como encenação, a comunicação é construída a partir das imagens que o sujeito interpretante imagina de seu público, lembrando-se de que ambos constroem imagens que podem ser reconstruídas na situação de comunicação, em um jogo de correspondência entre sujeito falante e interpretante. Charaudeau (2016) ilustra os sujeitos do ato de linguagem a partir da seguinte figura:

Figura 1: representação do ato de linguagem e os sujeitos



Fonte: CHARAUDEAU, 2016, p. 52.

A figura 1 representa o encontro dialético do processo de produção com o processo de interpretação, em que participam o sujeito destinatário (TUd), o sujeito interpretante (TUi), o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito comunicante (EUc). No desdobramento do EU e do TU, o TUd é o destinatário ideal do EU no ato de enunciação. EUc tem o domínio do ato e supõe que será transparente para com TUd, que sempre estará presente, marcado ou não, de acordo com a C de D e com o contrato de comunicação, podendo ser vários em um mesmo ato de linguagem. Já o TUi não é criado pelo EUc, ele está fora do ser que foi projetado pelo EUc. Ou seja, é quando a interpretação escapa do domínio do EUc, em uma relação de opacidade com a intencionalidade do EUc.

Para Charaudeau (2016, p. 46) “o TUi só depende dele mesmo e se institui no instante exato em que opera um processo de interpretação”, agindo independentemente do EUc. Ainda para o autor (2016, p. 47), “o TUd do EUc e o TUd do TUi não coincidem em todos os pontos”. Quanto ao sujeito enunciador (EUe), ele se opõe ao sujeito comunicante (EUc), em que EUc é o produtor da fala e o EUe, sempre presente, é a imagem de enunciador do EUc, ou seja, é a intencionalidade do ato de linguagem, de um projeto de fala. Antes de abordarmos a relação do sujeito com o interdiscurso, do qual o universo discursivo faz parte, no próximo tópico trataremos dos imaginários sociodiscursivos, conceito essencial para nossas análises.

1.4 Os imaginários sociodiscursivos

De acordo com Charaudeau (2017), estereótipos, preconceitos e outros termos desse campo semântico têm traços em comum nas suas conceituações, dos quais se destacam: a recorrência, a imutabilidade e a simplificação. Além disso, nos diferentes grupos sociais, esses termos desempenham uma função identitária e, ao mesmo tempo, são usados para definir aquilo que é falso, generalista e simplista. Charaudeau (2017, p. 573) reforça que "todo julgamento acerca do outro é ao mesmo tempo revelador de si mesmo: diz, talvez, algo torpe sobre o outro (refração), mas diz, ao mesmo tempo, algo de verdadeiro sobre aquele que pronuncia o julgamento (reflexão)".

Dizer que "lugar de mulher é onde ela quiser" não é verdade absoluta, até porque esse bordão surge da necessidade de mudar um "estereótipo" de que mulher não pode fazer aquilo que é visto como "de homem". Essa declaração revela algo sobre quem a pronuncia, pois alguém entende que não existe lugar de homem ou de mulher no futebol, por exemplo, e revela uma imagem diferente de quem acredita que futebol é "coisa de homem". Com isso, entendemos que, muito além de estereótipo, estão os imaginários.

Para Charaudeau (2015, p. 24), "é por um entrecruzamento desses diversos imaginários que se constrói a identidade coletiva, na proporção do tamanho do grupo e do que ele representa, e, particularmente, as identidades nacional, regional, comunitária e supranacional". Por isso, se faz necessário aprofundarmos mais na noção de imaginários para chegarmos ao nosso objetivo quanto ao (re)conhecimento das imagens (re)produzidas nos depoimentos das torcedoras. Ainda para o pesquisador francês, precisamos antes passar pela noção de representação social, que é: "como um mecanismo de construção do sentido que modela, formata a realidade em real significante, engendrando formas de conhecimento da "realidade social" (CHARAUDEAU, 2017, p. 576). Sendo assim, ele afirma que é nas e pelas representações sociais que os imaginários e os saberes se constituem.

Assim como acontece com os termos estereótipo e representação, o conceito de imaginário também adquire diferentes sentidos para algumas disciplinas. Apesar dos diferentes empregos possíveis, indo desde a esfera da imaginação até a uma visão de um

mundo imaginável, as Ciências Humanas e as Ciências Sociais também colocam esse conceito como sinônimo de falso. Porém, dentro dessas ciências, a Antropologia traz uma visão diferente e mais próxima da utilizada pela Análise do Discurso. Negando o valor de adjetivo, no qual o foco está na exclusão da realidade, Charaudeau (2017) propõe usá-lo como substantivo, (re)conceituando aquilo que a Antropologia já começou a fazer — recuperando uma noção filosófica e psicológica do termo. Dessa forma, é possível verificar três fases da noção de imaginários: uma primeira até o século XVIII, dentro de um pensamento clássico de oposição à razão, uma segunda fase que destaca os estudos de Freud, Jung e Bachelard, a respeito da dupla consciência do homem na ordem do simbólico, e uma terceira linha, da qual a Análise do Discurso se apoia, em que mitos, lendas e ritos sociais aparecem como reflexo da sociedade.

> O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

A simbolização do mundo é um misto de afetos e racionalidades dentro das relações humanas. Desse processo resultam os imaginários que, por sua vez, se fixam (com certa flexibilidade) na memória coletiva. Assim, Charaudeau (2017) levanta uma dupla função do imaginário: criar valores e justificar ações, cuja parte social é variável de acordo com o que é construído, com o jogo de comparação entre grupos e com a construção da memória coletiva do grupo por meio da história.

Para Charaudeau (2017), o imaginário pode ser coletivo ou pessoal. No âmbito pessoal, o autor exemplifica com o modo como percebemos a morte. Diferentemente da morte de alguém próximo, em que a experiência depende da história íntima entre os indivíduos, a morte também pode despertar um sentimento comunitário, como em guerras internas em que Palestinos matam Palestinos. Além disso, o valor dado à morte de inocentes tem ligação com a moral, que comove um número maior de pessoas e de grupos. Essas são formas pessoais de lidar com um imaginário, no caso, o da morte, porém, existem aqueles coletivos, que estão relacionados com a natureza do grupo. As identidades se constroem no reconhecimento e compartilhamento de imaginários que, por sua vez, quando coletivos, manifestam os valores de grupos sociais. De acordo com

Charaudeau (2017), os imaginários coletivos são numerosos, sendo assim, ele busca nos traços identitários teorizar três tipos, são eles:

> i) Imaginários antropológicos: motivados por normas sociais eles estão relacionados ao espaço, ao tempo, ao corpo e às relações sociais;
> ii) Imaginários de crença: mesmo que todos os imaginários estejam ligados à crença, alguns são mais "institucionalizados";
> iii) Imaginários socioinstitucionais: referem-se aos imaginários sociais, construídos nas práticas e representações diante da organização da sociedade.

Os imaginários sociodiscursivos são qualificados dessa forma por conta de sua relação com a fala, já que resultam da representação que permeia discursos narrativos e argumentativos, descrevendo e explicando o mundo e o comportamento do homem nele inserido. O imaginário é construído por saberes que são como afeto (*Pathos*), como imagem de si (*Ethos*) e como argumento racional (*Logos*). Portanto, eles são construídos no e pelos discursos que circulam na sociedade. São organizados em sistemas coerentes de pensamento que, como vimos, criam valores, justificam ações e são depositados na memória coletiva.

Dentro de uma prática social específica, cada discurso produz imaginários com papel de filtro axiológico, ou seja, de valores. É isso que constrói efeitos positivos ou negativos de certos discursos em certos domínios de prática social. Sendo assim, os saberes, que por meio das representações sociais se (re)produzem em discursos, criando teorias, doutrinas ou opiniões, são separados por Charaudeau (2017) em tipos de saberes, são eles: saberes de conhecimento e saberes de crença.

A tendência dos saberes de conhecimento é determinar os fenômenos mundanos como verdade, possibilitando, de acordo com Charaudeau (2017), a verificação do saber científico e/ou do saber de experiência. Para Charaudeau (2017), o saber científico explica o mundo pela razão científica, ou seja, na observação, em experimentos e cálculos, em instrumentos que possibilitam ver e operar sobre as coisas do mundo, de maneira que outra pessoa, com as mesmas competências, possa utilizar o mesmo material. Esse saber está naquilo que é provado, sendo assim, é o que chamamos de teoria. Contudo, essa forma de discurso pode estar fechada a valores postulados, ou aberta a refutações e novas proposições. Já o saber de experiência também busca explicações sobre o mundo, porém, não se exige provas e garantias de verdade, não

possuindo instrumentos e procedimentos próprios. Dessa maneira, esse saber se coloca no domínio da experiência partilhada.

Os saberes de conhecimento dependem do sentido que se atribui ao mundo de forma empírica, enquanto os saberes de crença estão relacionados aos sentidos que atribuímos ao mundo, acrescidos de julgamentos, avaliações, crenças sobre as ações humanas. Diferentemente do saber de conhecimento, que parte do mundo, o saber de crença está no sujeito, ou seja, "estamos no domínio do valor, que se caracteriza, ao mesmo tempo, por ser uma atividade mental polarizada entre a razão de ser dos eventos e dos comportamentos (daí seu aspecto afetivo) e por um posicionamento (daí seu aspecto subjetivante)" (CHARAUDEAU, 2017, p. 583). Por sua vez, no saber de conhecimento lidamos com um "ele-verdadeiro", os saberes de crença são regidos por um "nós-verdadeiro". Nesse processo de interiorização do saber, ao mesmo tempo ele instiga um desejo de ser compartilhado, mesmo que não seja verificável como aqueles saberes referentes ao conhecimento. Assim, o saber de crença se divide em: saber de revelação e saber de opinião.

Se o saber de conhecimento permite a verificação da verdade, o saber de revelação supõe uma verdade exterior ao sujeito que não pode ser provada. A adesão do sujeito se justifica em testemunhas firmadas em doutrinas. Diferentemente das teorias, que podem ser refutadas, as doutrinas são como dogmas, não admitem questionamentos. O saber de revelação é completamente fechado, não há abertura para comprovações e refutações, ele se sustenta na evidência.

Ainda no âmbito dos saberes de crença, os saberes de opinião "nascem de um processo de avaliação do termo sobre o qual o sujeito toma partido e se engaja em um julgamento a respeito dos fatos do mundo" (CHARAUDEAU, 2017, p. 584). A opinião é a apropriação de um saber por um sujeito, por isso, o saber de opinião é pessoal e partilhado ao mesmo tempo. Isso porque, há por trás desse saber uma voz coletiva, nunca racional ou científica, assumindo uma função identitária. De acordo com Charaudeau (2017), são três as categorias dos saberes de opinião:

> i) opinião comum: é generalizante e espera ser partilhada universalmente — crença popular;

> ii) opinião relativa: surge de um sujeito individual ou de um grupo restrito que sabem da relatividade daquilo que é emitido de acordo com a situação — espaço de discussão/ de crítica dentro de uma perspectiva democrática;
> iii) opinião coletiva: refere-se a categorização que um grupo forma a respeito de outro grupo, definindo aquilo como essência de tal coletivo.

Os imaginários se alimentam desses tipos de saberes,

> (...) jogando muitas vezes com essas categorias, apagando as pistas, fazendo passar um saber de crença por um saber de conhecimento, um saber de opinião por um saber de revelação, introduzindo um saber de opinião relativa com o papel de um saber de opinião comum, transformando um saber teórico em saber de doutrina (o Marxismo), fazendo crer que um saber de revelação é também fundado em saber científico (as seitas) (CHARAUDEAU, 2017, p. 586).

Charaudeau (2017) propõe desfazermos da noção de estereótipo por conta de seu caráter restritivo e de fixação de uma verdade provada ou falsa. Para o pesquisador, o imaginário vai além dos estereótipos, pois se baseia nos saberes que não são verdadeiros nem falsos, eles são construídos de modo que podem excluir e/ou substituir uns aos outros. Não é papel do analista denunciar o imaginário como falso, mas, sim, verificar como os imaginários aparecem, como eles se inscrevem em determinadas situações comunicativas e como eles veem o mundo.

Existem diferentes discursos e tipos de saberes que revelam características identitárias de distintas comunidades. O analista deve adequar os tipos de saberes à produção dos discursos, ou seja, entender como os saberes e, consequentemente, os imaginários se constroem no cruzamento de universos de discursos, assunto do qual propomos tratar a partir do conceito de interdiscurso, tema do próximo capítulo.

2. INTERDISCURSO: UM CAMINHO PARA O *ETHOS* DISCURSIVO

Charaudeau (2017) afirma que os domínios da prática social correspondem a universos de discursos, os quais funcionam como filtros construtores dos imaginários. Desse modo, esses imaginários são compostos por aquilo que lhes são próprios, assim como circulam em domínios diferentes, e vice-versa. Considerando que o discurso funciona na história, articulá-lo com o interdiscurso se faz necessário para melhor entendê-lo.

As preocupações com a interdiscursividade operam "em um quadro restrito, atribuindo a essa orientação geral um quadro metodológico e um domínio de validade muito mais precisos" (MAINGUENEAU, 2015, p. 33). Para Maingueneau (2015), é preciso pensar o discurso longe de uma ideia de "profundeza" ou de "base", sair dessas dimensões extremas, a fim de se desdobrar sobre toda a discursividade enunciada e na enunciação em si para, desse modo, pensarmos o discurso fora de uma concepção completamente estática, mas com regularidades específicas de uma enunciação. Afastando-se de uma arqueologia do discurso fundador, deparamo-nos com uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que se pode analisar uma dimensão exterior diante do olhar do pesquisador, se pode limitar o conjunto de discursos, sem a necessidade de tratar de todos os discursos.

2.1 O Mesmo do discurso e o seu Outro

Neste tópico, discutiremos a relação entre o Mesmo e o Outro partindo do pressuposto de que o primado do interdiscurso opera sob a presença do Outro[1] no discurso, a partir de duas concepções, em que se apoiam a noção de interdiscurso e se faz possível amarrar o Mesmo do discurso e seu Outro, são elas: a *heterogeneidade mostrada* (acessível aos aparelhos linguísticos) e a *heterogeneidade constitutiva* (não deixa marcas explícitas)[2]. Existem pontos de convergência com outras abordagens sobre o Outro, porém, a que mais Maingueneau (2008) vê aproximação com suas perspectivas é a de Mikhail Bakhtin. Em suas próprias palavras ele resume esse fato e expõe algumas diferenciações em suas abordagens:

[1] O Outro para Maingueneau é um termo que se diferencia daquele utilizado pela Psicanálise, nesse sentido, o pesquisador pontua que, na falta de um termo melhor para explanar a presença do Outro relacionada ao Mesmo do discurso, ele não alterou a estrutura da palavra.
[2] Os termos heterogeneidade mostrada e constitutiva foram atribuídos por Althier-Revuz (1982) referindo-se a psicanálise lacaniana, em que o sujeito é clivado e vive na ilusão de ser consciente do seu discurso.

> Se, em algum sentido, nosso percurso se inscreve na mesma perspectiva que a de Bakhtin, a de uma "heterogeneidade constitutiva", operaremos, no entanto, em um quadro restrito, atribuindo a essa orientação geral um quadro metodológico e um domínio de validade muito mais precisos (MAINGUENEAU, 2008, p. 33).

Maingueneau (2015) propõe tratar do interdiscurso a partir da tríade: universo, campo e espaço discursivo. Sendo assim, para o autor, o universo discursivo é o conjunto finito de Formações Discursivas em uma mesma conjuntura. É dentro do universo que está o campo discursivo que, por sua vez, delimita as regiões do universo.

No campo discursivo, de modo nada evidente, as Formações Discursivas estão em concorrência, confronto, aliança, neutralidade etc. — uma rede de trocas no interior do campo, lugar onde o discurso se constitui. A hipótese levantada por Maingueneau (2008, p. 34) é a de que "essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes". Nesse aspecto, o pesquisador revela que mesmo o discurso seja heterogêneo, certa hierarquia se dá entre aqueles dominantes e aqueles dominados.

Contudo, essas relações não são denomináveis na perspectiva do campo, o que conduz o analista a isolar espaços discursivos relevantes ao seu propósito de análise. O espaço discursivo não está previamente dado ao analista, por isso, mesmo aquele que acreditamos ser dominante poderia não o ser, se constituindo de maneira distinta.

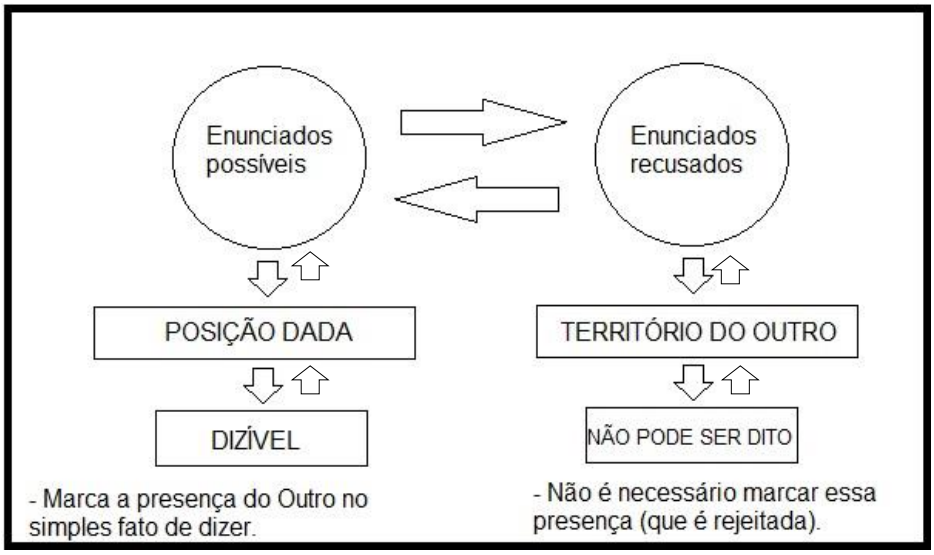
Apesar de buscarmos representações possíveis para mapear os discursos, não se deve separar o universo do discurso em regiões, pois estamos nos referindo de espaços heterogêneos, que dificilmente serão da mesma natureza. De acordo com Maingueneau (2015, p. 139), esse é um problema raramente apontado e comumente visto em análises — algumas muito generalistas e outras muito delimitadas. Isso acontece graças à complexidade das relações entre os tipos de discursos, em que os critérios escolhidos permitem que se chegue às propriedades partilhadas – ou não – entre discursos constituintes e aqueles que se relacionam a eles.

Para Maingueneau (2015, p. 140) "a noção de 'discursos constituintes' se apoia em uma intuição banal: há, em toda sociedade, tipos de falas de autoridade, reconhecidas como

capazes de dar sentido aos atos do conjunto da coletividade". Essa relação constitutiva pode ou não estar marcada na superfície discursiva, desse modo, o que define a supremacia de um discurso diante de outro discurso em um mesmo campo discursivo pode ser a relação desse discurso com o seu Outro (distante do sentido lacaniano dado ao termo).

O Outro que pode se revelar independe da alteridade marcada na sua relação com o Mesmo e na distinção entre as heterogeneidades. O Outro não se reduz à figura do enunciador, ele seria um "eu do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se" (MAINGUENEAU, 2008, p. 37), como uma espécie de interdito de um discurso, ou seja, o que falta no dizer. Vejamos, na figura a seguir, o Dialogismo entre o Outro e o Mesmo do seu discurso:

Quadro esquemático 1: Dialogismo entre o Outro e o Mesmo do seu discurso



Fonte: Elaborado pela autora com base em Maingueneau (2008, p.37).

Com essa figura, demonstramos que os enunciados estão como um "avesso" e um "direito" que não se dissociam. Um processo dialógico resultante das pesquisas de Maingueneau (2008), distanciando-se daquilo que já vinha sendo abordado quanto ao Outro da Psicanálise na Análise do Discurso. Para o autor, "o Outro do espaço discursivo representa a intervenção de um conjunto textual historicamente definível, que se encontra no mesmo palco do discurso" (p.38 e 39). Porém, esse protagonismo no espaço discursivo enfrenta uma desproporção mais complexa do que se pareceu até aqui. Diante disso, nos propomos a tratar das cenas de enunciação.

2.2 Cenas de enunciação

Maingueneau (2004, p. 85) parte do princípio de que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é enunciada”. Para o autor, o termo cena de enunciação torna-se um termo específico da Análise do Discurso, diferentemente de termos como “situação de enunciação” e “situação de comunicação”. Cena é onde o sujeito assume papéis (representações sociais) que lhes são atribuídos. Porém, quando relacionada a um ou mais gêneros do discurso, ela não é vista como um bloco compacto, isso porque a cena de enunciação interage com a cena englobante, a cena genérica e a cenografia (MAINGUENEAU, 2015), que explicaremos com mais detalhe no decorrer deste tópico.

A cena englobante é o que comumente chamamos de tipo de discurso, ou seja, um recorte que caracteriza determinada atividade social a partir dos gêneros de discurso, em que os participantes evocam propriedades específicas para acionar o destinatário suposto por eles.Várias cenas englobantes são possíveis em um mesmo texto, como um texto político pode fazer parte de uma publicação literária. Sendo assim, é impossível encaixar as cenas englobantes em quadros fechados e acabados (MAINGUENEAU, 2015).

Um quadro cênico se forma no conjunto das cenas englobantes identificadas em uma cena maior e as suas funcionalidades resultam na cena genérica. Para ele, o sentido do enunciado pode ser conservado e reempregado em novos contextos, em que é preciso pensar o quadro cênico de um gênero discursivo para “enquadrar” a cena. Assim, um texto não precisa fazer parte necessariamente de uma única cena englobante, cabendo ao pesquisador definir a cena pertinente de acordo com seus objetivos (MAINGUENEAU, 2008).

As cenas genéricas são o que há de tangível aos usuários do discurso, elas são as normas que associam os gêneros a uma ou mais finalidades que regulam a produção e, consequentemente, a interpretação dos enunciados, geralmente, de maneira espontânea. Além disso, a cena genérica está associada aos papeis atribuídos aos parceiros e ao lugar onde o discurso é pronunciado fisicamente ou em espaços variados, como a web. Também é essa cena que faz com que tempo e suporte sejam suficientes para

condicionar a continuidade do texto e seu possível arquivamento. Por fim, o modo como o gênero é composto e os recursos linguísticos à disposição do enunciador, de acordo com as restrições de cada gênero em sua materialidade, constroem a cena genérica que é o que normatiza as expectativas levantadas pelas cenas englobantes (MAINGUENEAU, 2015).

Contudo, é preciso ir além da identificação do tipo de discurso e das normas que o constitui. Para isso, Maingueneau (2015, p. 122) propõe o conceito de cenografia — "uma encenação singular da enunciação". Por meio da enunciação, o enunciador organiza a situação que é legitimada pela cenografia. Ou seja, é a cenografia que vai legitimar – ou não – o processo discursivo e, para isso, ela precisa ser validada por todos e por tudo o que engloba determinado discurso. É a cenografia que possibilita o primeiro contato do leitor com o discurso, e isso, para Maingueneau (2008), é a pretensão de um sujeito diante do Outro, instituindo a cena de enunciação que legitima o seu próprio dizer, no tempo e no espaço em que esse dizer é proferido.

> Uma cenografia só se desenvolve plenamente se o locutor puder controlar seu desenvolvimento. Nesse sentido, as cenografias mais destacadas e as mais estáveis são as enunciações monologais, nas quais o locutor pode dominar o conjunto do processo. Em uma interação oral, é difícil, para os participantes, impor a mesma cenografia ao longo de toda a interação: eles são obrigados a reagir imediatamente a situações imprevistas suscitadas pelos interlocutores e, então, a modificar continuamente a encenação de sua palavra (MAINGUENEAU, 2015, p. 123).

A cenografia não produz sentido por si, ela depende dos cenários e dos posicionamentos oferecidos pelos enunciadores e destinatários na troca. Porém, os diversos cenários devem estar associados a uma posição de enunciação, o que é, para Maingueneau (2015), a dificuldade de manter uma cenografia "perfeita".

Acreditamos que, considerando nosso *corpus*, estamos diante de depoimentos dados durante uma plenária/assembleia: "atividade em que se discutem problemas sociais controversos e são necessárias capacidades de linguagem como sustentação dos argumentos, refutação, negociação de tomadas de posição" (TRAVAGLIA et al, 2013, p.2). Além disso, o depoimento é o modo de apresentação dentro dessa assembleia, gênero comum em diversas esferas, como a jurídica, a religiosa, a policial, entre outras.

Assim, apoiamo-nos nos gêneros orais, que para Travaglia et al (2013) são passíveis de análise dentro de bases teóricas e metodológicas preparadas para tal. Além disso, os autores consideram a necessidade da transcrição de vídeos e gravações desses gêneros orais, o que dificulta a análise de gestos e outros elementos importantes para o que é dito. Contudo, acreditamos que a base teórica apontada nos permite pensar além dessas ações "físicas", em que analisamos as imagens construídas, a partir da noção de *ethos*, que será abordada na seção seguinte.

2.3 *Ethos* discursivo

As discussões sobre *ethos* nas Ciências da Linguagem se desenvolveram de forma articulada às de cena de enunciação. A vocalidade é parte do discurso, mesmo que esse a negue e esse pertencimento permite relacionar vocalidade e enunciador. A noção de *ethos* proposta com base na Análise do Discurso proporciona uma maior reflexão em relação à adesão do sujeito a diferentes posicionamentos discursivos (MAINGUENEAU, 2014). A noção de *ethos* pertencente à retórica tradicional está sendo reelaborada e/ou ressignificada por diferentes áreas, entre elas, a Análise do Discurso, principalmente nas pesquisas de Maingueneau e Amossy. Nessa perspectiva, Maingueneau (2014) retoma e expande significativamente as noções de Émile Benveniste sobre quadro figurativo e de Oswald Ducrot sobre o *ethos*. Sendo assim, entendemos que o *ethos* é construído, discursivamente, com vistas a causar impacto e adesão, ao mesmo tempo em que está ligado ao estatuto e à legitimidade do enunciador.

Para Amossy (2014a) uma abordagem discursiva do *ethos* deve partir de um resgate de algumas noções da retórica, mas, ao mesmo tempo, outras devem ser abandonadas, reformuladas e aprofundadas. Com base na Linguística da enunciação perpassada pela inscrição do enunciador no discurso e na análise conversacional, chegando à Semântica Pragmática de Ducrot (primeira aparição do termo nas Ciências da Linguagem), a autora propõe o *ethos* como a imagem de si no discurso.

Eggs (2014) afirma que o *ethos* aristotélico se distancia dos retóricos pelo fato de eles não considerarem *ethos* tão essencial quanto *pathos* e *logos*, em relação ao poder de persuasão. Para Aristóteles, de um modo geral, tema e estilo devem estar de acordo com o tipo social do orador, em que o *ethos* pode ser moral ou neutro. Eggs (2014) entende que essas concepções não se excluem e são necessárias à argumentação. Segundo

Maingueneau (2014, p.70), “em termos mais pragmáticos, dir-se-ia que o *ethos* se desdobra no registro do “mostrado” e, eventualmente, no do “dito”, ou seja, o *ethos* não é explícito, ele é mostrado”. Sendo assim, o seu lugar é o discurso, em que as escolhas do orador se fazem importantes para o ato de linguagem construir sentido(s). Eggs (2014) chega à seguinte conclusão (que ele diz ser contraditória, mas simples) quanto à concepção aristotélica:

> não se pode realizar o *ethos* moral sem realizar ao mesmo tempo o *ethos* neutro, objetivo ou estratégico. É preciso agir e argumentar estrategicamente para poder atingir a sobriedade moral do debate. Essas duas faces do *ethos* constituem, portanto, dois elementos essenciais do mesmo procedimento: convencer pelo discurso. (p.39)

A análise discursiva, com base na Retórica, associada à Pragmática e as reflexões sociológicas, permite que a construção discursiva, o imaginário social e a autoridade institucional estabeleçam o *ethos* que, por sua vez, é integrante da troca verbal. O *status* do orador e sua imagem pública impõem limites à construção da imagem de si, entretanto, essa mesma construção pode ser modificada em busca de novas imagens que legitimem o enunciador diante do público. Isso porque, “a imagem de si construída no discurso é constitutiva da interação verbal e determina, em grande parte, a capacidade de o locutor agir sobre seus alocutários” (AMOSSY, 2014, p. 137).

Em nossa abordagem do *ethos*, nos inscrevemos no quadro da Análise do Discurso que, segundo Maingueneau (2014), não foge das problemáticas enfrentadas pelos teóricos da argumentação, porém, nossos interesses são distintos. Para além da argumentação e da persuasão (concepção aristotélica), o *ethos* discursivo reflete a adesão de sujeitos a posições discursivas, uma adesão que pode ser ignorada ou recusada, além de ser flexível ao ato de enunciação. A instância subjetiva manifestada pelo *ethos* é, ao mesmo tempo, voz e corpo enunciados na história, em determinada situação, e validada pela enunciação. Contudo, “se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale” (MAIGUENEAU, 2014, p. 71). Com isso, precisamos distinguir *ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo, além do e*thos* institucional.

Comecemos pelo e*thos* institucional, distinção feita por Amossy (2014), em relação ao e*thos* discursivo, na qual a autora conclui que não é possível separar o e*thos* discursivo da posição institucional do sujeito, bem como não se separa a interlocução da interação

social. Dessa maneira, a relação mútua entre e*thos* institucional e e*thos* discursivo nos serve para pensarmos a legitimidade da imagem prévia (e*thos*-prévio para Amossy e *ethos* pré-discursivo para Maingueneau). A posição institucional e a legitimidade dessa posição possibilitam a projeção dessa imagem prévia que carrega a doxa e se mobiliza na enunciação. Esse e*thos*-prévio é confirmado ou modificado na cena genérica, em que os participantes do ato de comunicação criam imagens de si (e do outro) a partir de papéis preexistentes e lugares-comuns, conhecidos por ambos e atribuídos, principalmente, pelo enunciador.

> Não são os princípios da racionalidade, as estratégias discursivas e a maneira como consideram o auditório que determinam a "adesão", mas os interesses definidos *a priori* pelos adeptos de uma posição cujos discursos legitimam posteriormente sua própria verdade, isto é, sua própria dominação (AMOSSY, 2014, p. 141).

O discurso não tem forma, nem fundação, ele é um acontecimento que, de acordo com Maingueneau (2014, p. 73-74), está "inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva". As escolhas discursivas se realizam no campo e na luta pela dominação, ou seja, uma competição em que o jogo interlocutivo depende de fatores externos e internos ao discurso. É na construção da imagem de si que o enunciador confere sua autoridade diante do destinatário, influenciando opiniões e atitudes. O *status* institucional e a imagem discursiva se entrelaçam, mas em perspectivas diferentes, como aponta Amossy (2014). Por fim, a autora considera que a instância do enunciador abrange:

> i) a posição do ser empírico no campo, assumida de maneira implícita;
> ii) o *Ethos* prévio ou pré-discursivo;
> iii) o *Ethos* propriamente dito — imagem de si construída no discurso.

De acordo com Maingueneau (2014), o fato de o *ethos* estar ligado ao ato de enunciação nos permite pensar em um *ethos* pré-discursivo. Já o *ethos* discursivo está relacionado ao que Aristóteles propõe em suas abordagens, mas não exclui a possibilidade de alguns tipos de discursos em que as representações prévias não estejam explícitas. "De fato, mesmo que o coenunciador não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo

posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*" (MAINGUENEAU, 2014, p. 71).

Entendemos que o enunciado é produto de uma enunciação, culminando na cena. Contudo, há uma voz que sustenta o texto e ela pertence ao sujeito, que está além do texto. A adesão dos leitores/ouvintes depende da legitimidade dessa voz, de um sujeito que não é empírico. A autoridade do dito está na maneira como, na enunciação, o texto "encarna" as propriedades adequadas (ou não) ao que o público quer ler/ouvir (MAINGUENEAU, 2004). É o discurso que associa enunciação e produto, e os sujeitos aceitam, imaginariamente (não por completo), a cenografia, podendo aderir ou não aos diferentes papéis sociais, ou seja, às diversas formas de se inscrever na sociedade. Dessa maneira, o enunciador, por meio da fala, faz saber, faz sentir, faz querer, faz pensar, entre outras condições impostas à construção do e*thos*.

A personalidade do enunciador é revelada por meio da enunciação, assim, em concordância com Ducrot, nas palavras de Maingueneau (2004, p. 98) "a eficácia do *ethos* se deve ao fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explícito no enunciado", mas vai além da oralidade, sendo válido para o texto escrito, que apresenta um tom. Esse tom autoriza o dito e permite a representação do enunciador por parte do leitor, emergindo o papel do fiador — aquele que legitima sua maneira de dizer pelo seu próprio enunciado.

O tom é o que permite que o texto, escrito ou oral, tenha uma vocalidade específica, que determina a corporalidade do enunciador. Essa, por sua vez, está ligada aos modos de comportamento no espaço social. O e*thos* controla o corpo e está relacionado com o modo global de comportamento da sociedade. Além disso, a enunciação se apoia nas representações sociais valorizadas ou desvalorizadas para assim reforçar ou transformar os discursos. Portando, quando Maingueneau (2014) apresenta o conceito de incorporação, o pesquisador busca designar a relação do coenunciador com o e*thos* de um discurso. Desse modo, na incorporação, de acordo com Maingueneau (2014, p. 73):

> – A enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo.
> – O coenunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.

> – Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

Ainda se distanciando de uma ideia de oralidade primeira, o tom é, para Maingueneau (2014), parte essencial da identidade de um posicionamento discursivo. Uma vez que, para o autor, o universo de sentido de um discurso é imposto pelo e*thos* que, a partir da maneira de dizer, apresenta uma maneira de ser imaginária, presente na troca da qual se busca a adesão do coenunciador a esse universo. O leitor/ouvinte pode ou não se identificar com os valores apresentados, assim, a qualidade do e*thos* se dá na compatibilidade entre identidade e mundo supostos pelo enunciador.

Enfim, em um quadro teórico da Análise do Discurso, Maingueneau (2014) passa de uma abordagem específica da fala para uma modalidade escrita, sem deixar de considerar uma ou outra. Isso porque os sujeitos constroem representações sociais e podem ser fiadores daquilo que é enunciado por eles. Vimos que a figura do fiador é construída por todos os participantes do ato de comunicação. Por sua vez, o coenunciador tem conhecimento em relação ao que se diz/escreve e, por vezes, em relação ao enunciador. Da mesma maneira, o fiador controla o comportamento de acordo com os imaginários pertencentes ao momento do ato de enunciação. Para isso, ele apresenta um discurso "confiável", assumindo um e*thos* que o legitima como enunciador do seu discurso.

As práticas discursivas inserem, nos discursos, elementos que modificam as formações discursivas, construindo e reconstruindo a imagem de si, e tudo isso acontece na troca — nas negociações discursivas. A construção do sentido é obra de indivíduos inseridos em diversos níveis de configurações sociais, já que o discurso só faz sentido no interior de algo maior — o interdiscurso. Nesse contexto, não é necessária uma apresentação explícita de si, pois reações discursivas como o tom, a corporalidade e a relação do sujeito com a cena discursiva são suficientes para a construção de uma imagem de si, ou seja, do e*thos* (MAINGUENEAU, 2015).

Por fim, são nas diferentes situações vivenciadas que o sujeito constrói imagens de si na busca para validar seu discurso. Segundo Amossy (2014), o e*thos* não é algo que se aprende, ele acontece nas trocas do dia a dia, ao mesmo tempo possibilita ao orador adaptar as imagens de si ao que ele acredita serem valorizadas pelo seu público.

Portanto, o e*thos* discursivo é construído e reconstruído na enunciação por e pela união das imagens explícitas com as imagens implícitas.

Nos depoimentos de nossas análises, as torcedoras participantes da assembleia abordam as relações pela própria perspectiva, entre elas e sua torcida, e seu clube e a arquibancada, como um espaço físico e social. As diferenças entre elas estão muitas vezes marcadas no dito, mas também podem ser percebidas nos atravessamentos das formações discursivas que permeiam o imaginário de futebol como "coisa de homem". A partir da Teoria Semiolinguística, compreendemos que as competências discursivas produzem atos de linguagem permeados por laços sociais e sentidos. Na mesma linha, as circunstâncias de discurso depreendem sentidos do explícito e do implícito, considerando um filtro construtor em que é possível supor a igualdade de saberes e descartar possíveis interpretativos. Ainda com base na teoria proposta por Charaudeau, o ato enunciativo vai além da simples troca entre remetente e destinatário, envolvendo sujeito destinatário, sujeito interpretante, sujeito enunciador e sujeito comunicante. Diante do exposto, identificamos os imaginários a partir dos saberes compartilhados pelos enunciadores. Por sim, a partir dessas noções, em que discurso e e*thos* são atravessados e constituídos no ato enunciativo, buscamos entender as concepções do "torcer" em diferentes áreas do saber, assunto do próximo capítulo.

3. SOBRE FORMAS DE TORCER: MULHERES, ARQUIBANCADA E FUTEBOL

Um dos principais objetos de pesquisa para as Ciências Sociais e para os Estudos do Lazer é a ação de "torcer". Para Moraes (2017), mesmo com diferentes barreiras, o torcedor ainda percebe a arquibancada e o seu dia a dia nela como algo indescritível. Um sentimento que a academia busca compreender — um desafio, pois estamos tratando de um espaço em que a racionalidade perde forças consideráveis para a emoção. De acordo com a pesquisadora, as mulheres que torcem são agentes específicos de seu olhar, pois elas são mulheres "que torcem, e que escolheram gostar de futebol, ir mais além. Seguir um clube do coração, abraçar uma torcida organizada, e nos lembrar que se somos o designado "país do futebol", esse país não é feito apenas de homens" (MORAES, 2017, p.2).

A arquibancada é vista como um espaço essencial ao futebol, desde os grandes estádios até aqueles em que o torcedor fica no "alambrado", o espaço físico se mistura com o campo discursivo, no qual, as tensões e as negociações discursivas acontecem. Nas torcidas organizadas, mais especificamente, entre as torcedoras pertencentes a esses grupos, a presença das mulheres "conturba, desequilibra e porque não altera o ambiente que compõe o torcer" (MORAES, 2017, p. 2). Podemos ver isso no depoimento de uma das torcedoras em nosso *corpus*, em que ela reforça a atitude de resistência das mulheres da torcida organizada da qual ela faz parte:

> [...] "caravana que não pode, eles tentam não levar né, mas a gente fala: "a gente vai"" (TORCEDORA03, eixo de crítica).

Toledo (2010, p. 177) afirma que o universo do torcedor de futebol é um "prisma por onde milhões de aficionados projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros". O jogo é vivenciado, as experiências são compartilhadas. Sempre há algum torcedor que conta a história de quando estava no estádio e a pessoa ao lado era como um melhor amigo, e o abraço na hora do gol foi como um abraço fraterno. Porém, teóricos e a mídia esportiva acabaram objetivando o torcer. Assim, o corpo, que era estimulado pelas experiências, e a ação do torcer que, antes de tudo, está relacionada

com as interações, parece se perder em uma necessidade de controlar os corpos, ou seja, de controlar os modos de torcer.

Nas pesquisas apresentadas por Toledo (2010), observamos que até os anos 30, a imprensa, no intuito de atribuir ao modo de torcer o termo assistência, diferenciava grupos populares e sócios dos clubes. O que nos anos 40 culmina no surgimento dos grupos chamados de uniformizados. Esses torcedores eram vistos como fiscalizadores do comportamento da torcida, que mesmo antes dos anos 30, já havia registro de badernas. Eles eram vistos pela imprensa e pelos clubes de forma prestigiosa: "indivíduos que acompanhavam as partidas em bloco, cantando, exibindo faixas e cartazes homenageando jogadores, cronistas esportivos e o próprio poder público" (TOLEDO, 2010, p. 178). No final dos anos 60, surgem da inspiração popular as torcidas organizadas (TO) que, de acordo com o pesquisador, eram, em parte, autônomas em relação ao clube, diferentemente das uniformizadas. Nos novos modos de torcer, mais forte nos anos 2000, o sócio-torcedor é visto como uma nova tentativa dos clubes de tecerem as formas de torcer, reforçando uma postura individualista.

"Deslocando o epicentro das sensações imanentes vividas pelo e no corpo para objetivações da mente" (TOLEDO, 2010, p. 179), a ação do torcer como um movimento de se contorcer passa a ser uma ação do torcer homogêneo, uma tentativa de normatizar as ações daquele que torce. Aliena-se o modo de torcer em relação ao jogo em si. Músculos se remexendo, suor, lágrimas perdem espaço para análises táticas de um público individualista, alimentando um saber técnico em concorrência com o saber emotivo (patêmico) — com uma emoção refletida no corpo. O compromisso com o torcer do corpo para o intelecto é, para Toledo (2010), um sinal recente das transformações do futebol e das formas de torcer.

> Pensar a corporalidade do torcer ou, de outro modo, pensar o jogo pela leitura gestual e teatral que cada torcedor faz numa ou sobre uma partida é se colocar no âmago daquilo que define a beleza plástica do futebol, o conjunto quase ilimitado de suas técnicas corporais que produzem o enredo do jogo (TOLEDO, 2010, p. 180).

A ação do torcer tem relação direta com a emoção, por isso, o torcedor faz parte do jogo, não entra em campo, mas seus gestos, suas ações o fazem sentir parte do jogo de futebol. Nas torcidas organizadas, é forte a presença de regras sobre como torcer, regras para homens e mulheres, como o uso da "farda" (camisa, calça, boné da torcida), por

exemplo, no setor da arquibancada reservado à torcida. Algumas das regras (há exceções) causam efeitos limitadores à participação feminina, como:

> (...) a pouquíssima quantidade de mulheres que ocupam cargos importantes nas torcidas organizadas; a indicação (para não dizer obrigação) de atribuições relacionadas a assistência, e por fim, as frequentes proibições das mulheres em participarem ativamente da dinâmicas das torcidas relacionadas ao seu patrimônio, como bandeirões, baterias, etc. Muitas mulheres não podem ter acesso a tais materiais (MORAES, 2017, p.5).

Enfim, conforme pressupõe Moraes (2017, p. 6), há "aqueles que supostamente detêm o controle e que constroem as regras, e um grupo marginalizado, a quem supostamente caberia apenas cumpri-las". Contudo, vimos, nos depoimentos do Encontro de Mulheres de Arquibancada, momentos de resistência e de novas demandas por parte das torcedoras que se apresentam ativas e "reguladoras" em suas torcidas, como neste exemplo em que a torcedora 03 se posiciona como "orientadora" de novas torcedoras:

> [...] "eu tenho a honra de poder orientar as meninas" (TORCEDORA03, eixo de pertencimento).

Nessas negociações e tensões quanto aos modos de torcer, a partir de uma análise prévia dos depoimentos de nosso *corpus* e da análise de Moraes (2017, p.8) entendemos que as mulheres precisam mais do que a paixão pelo time, pois devem pensar a maneira como se vestem até como voltam para casa depois da partida de futebol. Os obstáculos nas arquibancadas, assim como a resistência a esses problemas, constroem uma identidade do torcer específico a esse sujeito mulher torcedora, assunto do próximo tópico.

3.1 A questão da identidade

Com base nas Ciências da Linguagem, mais especificamente na Análise do Discurso, é possível refletir a respeito da construção do sujeito. Essa construção se dá na e pela linguagem em três níveis: na relação de si com o outro (sociabilidade), no modo como fazemos o mundo significar por meio da linguagem (domínio do pensamento) e pelos valores que são ditos. Sendo assim, a identidade é resultado de um cruzamento complexo de fatores com problemas, movimentos e efeitos no indivíduo e nos grupos do qual ele acredita pertencer. Alguns problemas sobre a questão da identidade são levantados por Charaudeau (2015) e, resumidamente, eles abrangem a questão de

julgamento quanto a identidade de alguém, a relação entre o individual e o coletivo, a busca por uma origem e a naturalização da identidade a partir do ponto de vista de uma cultura como essência. Para o autor, essas ideias são falsas, pois o sentido é coletivo, o compartilhamento é instável e não existem fronteiras precisas e não influenciadas.

Charaudeau (2015, p.15) ressalta que "a identidade de um grupo não é a soma das identidades individuais, e a opinião de um grupo não é resultado da adição das opiniões individuais". Nessa relação, são perceptíveis dois movimentos: atração e rejeição. Na atração, as semelhanças são percebidas, enquanto na rejeição o ponto crucial está nas diferenças. Ainda para Charaudeau (2009), quando atraído pelo diferente, o sujeito tende a se ver incompleto, por outro lado, o outro é visto como uma ameaça, julgada como negativa, e quando generalizada, culmina nos estereótipos e nos preconceitos. É nesse paradoxo que a identidade se constrói, em que o outro é necessário e, ao mesmo tempo, desconfia-se dele, além de rejeitá-lo pela diferença ou aproximar-se das características identitárias pela semelhança.

Tratada pela filosofia contemporânea como fundamental do ser, a identidade é vista como a consciência de si. Para Charaudeau (2009), essa consciência de si acontece na diferença, que, por sua vez, se dá na relação com o outro. Nessa relação, e somente nela o sujeito constitui uma identidade, construída no entrecruzamento do Eu e do Tu, em que um não existe sem o outro e o Eu é constituído pelo Tu. Esse reconhecimento no outro levanta não só as diferenças, mas também as semelhanças. As semelhanças estão nas finalidades e intenções compartilhadas, enquanto as diferenças estão relacionadas com as singularidades — os papeis próprios ao sujeito, distintos em relação ao outro (CHARAUDEAU, 2009).

É comum vermos, principalmente na mídia, a associação do futebol brasileiro com uma identidade brasileira, porém, assim como Toledo (2010), não vamos tratar do futebol profissional, mas do futebol como meio de sociabilidade. O autor parte de uma noção de identidade como experiência compartilhada, não submetida ao individual, mas uma dimensão da relação com o outro.

> Torcer é fustigar a esfera segura da individualidade e, nessa medida, seria como que experimentar extensões, torções e projeções do "eu" na esfera pública, ou, aproximando-nos de conceituações como as de Gell,

> tornar-se torcedor seria como que "distribuir a pessoa" num universo integrado por outros milhares de indivíduos, coisas, objetos, seres cosmológicos, todos arrebatados e articulados pela arte e artefato do futebol: camisetas dos times queridos, bolas, troféus, chaveiros e essa infinidade de souvenires avidamente disponibilizados pela e para a vontade torcedora expressam algo muito maior do que a mera compulsão consumista, pois há algo de nós nesses objetos, há algo dos objetos agenciados em nós (TOLEDO, 2010, 182).

Não é apenas sobre "ser", mas, igualmente, sobre "ter". As experiências e demandas coletivas e do indivíduo são mediadas por modos acomodados de "ser" no futebol, como dizer que o Brasil é o país do futebol, ou a simples afirmação de torcer para tal time. Contudo, "torcer não é como portar o RG, garantia de estabilidade do eu ante as razões de Estado, pois torcer faz parte de um universo de experimentações mais sujeitas às instabilidades de toda ordem" (TOLEDO, 2010, p. 183).

A ação do torcer faz parte da vida do torcedor, a paixão é mais fanática em algumas épocas, em outras são relativizadas. Rivalidades são vividas, revividas, mudam no tempo e nos resultados do jogo em si. Deixa-se de torcer, volta-se a torcer com a mesma intensidade. O verbo ter é sobre tomar posse daquilo que conquistamos e, assim, conservá-los como patrimônio coletivo. Em Toledo (2010, p. 184), "a identidade não está relacionada às livres escolhas que fazemos no plano do cotidiano", ela tem a ver com a rejeição e a aproximação, em dimensões mais tangíveis, como a torcida pela seleção nacional, ou menos tangíveis, como o torcer que nasce em laços familiares, círculo de amigos etc. Lugares em que a disposição para torcer nasce da experiência.

Mas torcer não é individual, não se torce sozinho. Além disso, torcer para um time tem a ver com não torcer para outros, vê-los como rivais, como o diferente. Está aí a face da diferença na identidade futebolística. De acordo com Toledo (2010, p. 185):

> A diferença é instaurada no mesmo movimento que a identidade, produzindo um regime de contraste entre as coisas – times de futebol, por exemplo – definindo os contornos de um sistema classificatório. Ou seja, há um sistema de oposições entre times que dinamizam e nos disponibilizam, aproximando indivíduos, afastando outros, mas todos, de algum modo, comprometidos com um sistema inclusivo e dinâmico.

Enfim, semelhanças e diferenças mobilizam paixões, uma adesão incondicional, que é maior ou menor de acordo com a abrangência do futebol na identidade do sujeito. De acordo com Campos (2010), o *pertencimento clubístico* é uma forma de identidade

social, entendendo esse conceito a partir da perspectiva de Goldenberg, em que código, valores e atitudes delimitam o sujeito; um modo de pertencer que é resultante de laços individuais, ao mesmo tempo, influenciado por fatores externos, em que o futebol e a ação do torcer são vistos como um fio condutor de compartilhamento de gostos, práticas e paixão. Os símbolos que os identificam com os clubes representam mais que o time no qual participam, como também revelam sentimentos. Contudo, essas identificações acabam se esbarrando em barreiras, como a questão das feminilidades e masculinidades, como veremos na próxima seção.

3.2 Feminilidades e masculinidades

A questão da feminilidade ainda traz discussões controversas entre os estudiosos do feminismo. Não nos aprofundaremos na temática, no entanto, uma abordagem – mesmo breve – é necessária para pensarmos as representações das mulheres como torcedoras de futebol, um espaço em que as masculinidades e as feminilidades estão em constante conflito. De acordo com Beraldo (2014), existem definições naturalizadas que são advindas de uma sociedade patriarcal, das quais se definem o que é ser/parecer mulher. Nesse sentido, surgem discussões quanto ao aspecto natural ou social do feminino. O conflito da mulher enquanto sujeito e o ideal da mulher na sociedade surgem dentro de uma cultura patriarcal, da qual existem padrões para as vestimentas, os gestos, a "etiqueta", entre outros padrões estéticos ligados à beleza.

Moraes (2017) pontua que o futebol é parte da vida dos brasileiros, seja por escolha, seja por imposição. Muitos meninos nascem e um dos primeiros presentes é a camisa do time do pai, do avô, do padrinho. O que, por vezes, é diferente entre as meninas; muitas delas não têm fotos de bebê com a camisa do time do coração, ou de qualquer outro time de futebol. Algumas torcedoras trazem em suas falas vestígios de rompimento com essa ideia, como em um dos depoimentos em nosso *corpus*, no qual a torcedora04, que está grávida, deixa em suas palavras e no nome da própria filha a marca de pertencimento à torcida organizada que ela representa (RaçaFla, do Flamengo). Ela diz:

> [...] "Eu estou aqui com seis meses, esperando a "Raçaela", a Rafaela" (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

O imaginário do Brasil como “país do futebol” é suficiente para que obviedades como o tradicional presente de futebol aconteça ainda quando o bebê está na barriga da mãe. Geralmente, para os bebês homens, reforçando a ideia de que este é um esporte para homens. Sendo assim, de acordo com Moraes (2017, p. 3, grifo do autor) “representações de virilidade e masculinidade sobressaem como ferramentas centrais para impossibilitar o *diferente*”. Contudo, pelos depoimentos, observamos, mais uma vez, a tentativa de romper com essa imagem de esporte para homens, seja nas arquibancadas, dentro do campo, ou ainda na arbitragem, narração, entre outros espaços em que nossos olhos e ouvidos foram acostumados com o “homem” nesse papel social. Segundo Costa (2007, p.2),

> [...] para os homens criados desde pequenos em contato com a bola e desde cedo fazendo dela assunto compartilhado em rodas de amigos, o interesse e o conhecimento acerca do futebol são tomados como auto-evidentes. Já as mulheres, quase sempre dissociadas do esporte mais popular do país, ainda precisam mostrar que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Elas carecem de credibilidade como torcedoras. Credibilidade que também se vê diminuída por conta da pouca experiência feminina na prática do jogo, afinal comparado aos homens não é grande o número de mulheres que praticam futebol como profissional ou mesmo amadoras.

As narrativas sobre futebol e masculinidades é o tema central da pesquisa etnográfica realizada por Bandeira e Sffner (2018). Para os autores, a construção identitária do masculino se confunde com a construção identitária torcedora (das práticas do torcer). Nesse contexto, as mulheres são invisibilizadas e as feminilidades não são questionadas com a mesma força da masculinidade — as hierarquias ainda estão bastante marcadas. Para os autores, o futebol é um espaço em que mídia, torcedores e clubes, basicamente grupos compostos apenas por homens, trabalham para que os valores e as representações do esporte sejam associados a masculinidades. Assim, nas arquibancadas, o que se faz é visto como “cultura masculina”, “coisa de homem”, um imaginário construído pela associação do esporte com a masculinidade — “o gênero funciona como atravessador das instituições” (BANDEIRA; SFFNER, 2018, p.293). Sendo assim, quando se aprende a torcer os significados pré-existentes nesse espaço são predominantemente ligados ao masculino.

Bandeira e Sffner (2018, p. 293) acreditam que o aumento visível da presença das mulheres nos estádios

> não significa uma imediata alteração nas construções generificadas que acontecem neste contexto cultural específico. Em alguma medida, tanto os corpos normativamente representados como masculinos, quanto aqueles representados como femininos, estariam envolvidos nessa produção de masculinidades.

A constituição do estádio como um espaço legitimado para homens é histórica, além disso, esse espaço representa para o torcedor um local de aprendizado, institucionalizando práticas e (re)produzindo masculinidades.

> Diferentes conteúdos nos estádios são didaticamente ensinados através de cânticos, xingamentos e performances que acabam produzindo uma lógica de atitudes indispensáveis para a apreciação estética dos eventos nesse ambiente" (BANDEIRA; SFFNER, 2018, p. 293).

É "bem visto", nesse espaço, aquele que (re)produz os imaginários do masculino. Dessa maneira, a participação das mulheres continua sendo vista de maneira caricata pelos homens, como apontou os pesquisadores em seus estudos.

Não se vê questionamentos quanto às práticas legitimadas ao masculino, elas são naturalizadas e, com isso, associadas aos homens. Por sua vez, eles são vistos como os conhecedores das regras, os entendedores do jogo, apontando o que pode e o que não pode ser feito por aqueles e aquelas que estão à margem, entre eles, as mulheres. Dessa maneira, como apontam Bandeira e Sffner (2018, p. 298)

> esse conhecimento e essa legitimidade do lugar masculino nas práticas torcedoras nos estádios de futebol, do jornalismo esportivo e da atuação no futebol profissional lhes dá, também, a possibilidade de produzir representações sobre as mulheres que tentam atuar nesse espaço. A beleza feminina é naturalizada e poderá ser 'positiva' quando embeleza o estádio ou quando é a única coisa que 'salva' uma arbitragem ruim.

A comparação é marcada pelo conhecimento do homem; a mulher que entende de futebol, no máximo, pode saber o mesmo que um homem, mas sem credibilidade para saber mais. As masculinidades e as feminilidades são complementares, por isso, legitimar a presença das mulheres é como desestabilizar um lugar naturalizado dos homens, culminando em manifestações atravessadas de machismo e estereotipadas (BANDEIRA e SFFNER, 2018). Contudo, a presença das mulheres é o que coloca em questão a representação dessas masculinidades, sobretudo quando, timidamente, elas organizam espaços como o Encontro de Mulheres de Arquibancada, em que elas tomam

a palavra, criando uma possibilidade de trazer à tona representações das imagens de si — que elas acreditam representar no futebol.

3.3 Mulheres e futebol

A participação da mulher em diversas modalidades de esporte passa por diferentes discriminações desde antes das conquistas por direitos a uma participação social mais efetiva. Goellner (2000, p. 80), ao tratar da participação feminina no futebol, afirma que "por certo, são os preconceitos historicamente construídos pela e na nossa cultura, alguns dos elementos que fazem com que essa questão, vez por outra, apareça na atualidade". Ela ainda aponta questões sobre a relação da mulher com o futebol, focando na presença feminina como jogadora, porém, acreditamos que os preconceitos sofridos pela mulher no futebol perpassam a relação dentro e fora do campo e atingem também a torcedora.

Trata-se de preconceitos "relacionados a representações de masculinidade e feminilidade. Isto é, daquilo que cabe a um e a outro sexo na vida em sociedade" (GOELLNER, 2000, p. 82). Para a autora, esse aspecto estético feminino está relacionado aos "estereótipos culturais ligados a padrões de beleza e feminilidade que impõem às mulheres (e também aos homens) determinadas formas de ser, de se comportar, de vestir, de andar, de sentar, de se expressar, de jogar e de praticar esportes". O futebol está sempre ligado, principalmente pela mídia, aos homens, fazendo com que essa prática esportiva pareça pertencer ao gênero masculino. Costa (2007, p.4) reafirma essa posição quando aponta que a falta de conhecimento das mulheres em relação às regras de futebol também foi um tema amplamente explorado por comerciais, jornais impressos e programas televisivos exibidos no período da Copa do Mundo realizada na Alemanha, em 2006. Porém, a luta pelo tratamento igualitário entre homens e mulheres no futebol é cada vez mais pautada em discussões e debates em diferentes práticas discursivas.

Mendes (2015), a partir de suas leituras, assevera que é possível traçar a trajetória da presença das mulheres nas arquibancadas. Elas sempre estiveram lá, desde a primeira partida de futebol oficial jogada no Brasil, em 1904. Em um futebol elitizado, com um público elitizado, a diferença da presença de homens e mulheres era clara — elas iam acompanhadas de seus "cavalheiros", "mulheres muito específicas em lugares muito

específicos (MENDES, 2015, p. 49). Um reflexo da sociedade no início do século XX, em que os espaços de sociabilidade entre homens e mulheres ainda eram raros.

Neste espaço tipicamente masculino, as torcedoras são quase sempre vistas por um viés de embelezamento do espaço futebolístico. Além disso, é marcante o imaginário de que elas precisam de autorização masculina para estarem nesse meio. Vimos que o futebol não é apenas um espaço esportivo, mas também um espaço de construções sociais. De acordo com Mendes (2015, p. 50), "os valores que dão origem e derivam dele mantém uma lógica que nem sempre é clara, mas que visa legitimar uma série de questões sociais, sendo a desigualdade de gênero uma delas". Desse modo, a presença das mulheres nos estádios é uma maneira de romper com o imaginário de "lugar de homem". Contudo, para a pesquisadora e para nós, é importante refletirmos sobre como as concessões desse espaço são feitas, pois nem sempre legitima a presença feminina.

O controle do corpo da mulher pelo masculino ainda é presente nos discursos, como veremos em nosso *corpus*, algumas das torcedoras deixam claro a "autorização" e a "ajuda" dos membros homens da torcida para elas estarem no evento. Como podemos observar no trecho retirado do depoimento da Torcedora07:

> [...]"ahn:: na minha torcida a gente tem todo o apoio... tanto que a gente tá aqui hoje com o apoio do nosso presidente 100%" (TORCEDORA07, eixo de pertencimento).

O reconhecimento do torcer e da imagem da mulher como objeto de apreciação do homem é ainda visto dentro e fora das arquibancadas. Porém, essas formas de "estar" nesse espaço estão mudando com movimentos, como cita Pinto (2017), no projeto "Pelo direito de Torcer", organizado juntamente com o Museu do Futebol, sede do encontro do qual retiramos nosso *corpus* de análise nesta dissertação.

> O projeto Pelo Direito de Torcer surge motivado pelo anseio de mapear grupos e movimentos de torcedorxs contrários à norma de que o futebol é jogo "pra macho", assim como de conhecer as suas vivências, discursos e embates com o futebol e os times de coração (PINTO, 2017, p. 11).

Pinto (2017) descreve algumas das torcidas que foram criadas no intuito de combater assédio, machismo e homofobia dentro dos estádios, proposta do 1º Encontro de

Mulheres de Arquibancada, em que a abordagem de assuntos como resistência e empoderamento são o foco do evento. A partir das pesquisas de Pinto (2017) e outras investigações, entendemos que esses coletivos e movimentos surgem para constituírem espaços de resistência e de luta na inserção de um público, por vezes silenciado, por vezes apagado no meio futebolístico. Há tempos vemos uma

> [...] crescente incorporação da mulher na esfera torcedora (...) legitimação da mulher como um indivíduo que não apenas é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento clubístico, mas que também pode interessar-se pelo jogo de futebol, compreendê-lo em seus aspectos técnicos e táticos (COSTA, 2007, p. 2).

A partir dessas perspectivas, levantadas por diferentes estudiosos do futebol, tratando mais especificamente das proibições e das permissões, das rupturas e das aproximações, analisaremos nosso *corpus* conforme proposta metodológica a seguir.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa é mais do que uma simples constatação de algo, sendo uma tarefa que tem entre suas finalidades investigar, na tentativa de averiguar um determinado problema e/ou construir conhecimento (PAIVA, 2019). São vários os pressupostos teóricos levantados por Paiva (2019) para entendermos a pesquisa nos estudos linguísticos. Com base em seus levantamentos, e nas problemáticas abordadas por Charaudeau (2011) sobre o percurso metodológico em Análise do Discurso, a natureza dessa pesquisa é básica, pois temos como objetivo acrescentar os conhecimentos científicos a um determinado espaço discursivo — estudos sobre futebol e teorias discursivas. Além disso, nossa pesquisa é empírica, já que "se baseia na observação e em experiências de vida" (PAIVA, 2019, p. 11) e a fonte de informação é secundária, pois está baseada em dados já divulgados. Ainda com base no *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*, de Paiva (2019), essa pesquisa é explicativa porque entendemos por meio dela a ocorrência de fatores importantes para a construção das imagens de torcedoras de futebol.

O método, diferentemente da metodologia, é a ferramenta para fazer pesquisa, ou seja, os procedimentos de pesquisa (PAIVA, 2019). Além do trabalho bibliográfico — base do nosso aporte conceitual em Análise do Discurso, nos Estudos do Futebol e na relação mulheres/torcidas, esse estudo também se baseia em uma abordagem "empírico-dedutiva" que, para Charaudeau (2011), possibilita uma análise qualitativa dos dados.

A opção por tratar dos procedimentos e da abordagem em um mesmo tópico parte das questões levantadas por Charaudeau (2011) quanto à problemática relacionada aos procedimentos na Análise do Discurso. Para o autor, o *corpus* depende da posição teórica que o pesquisador considera para sua investigação. Sendo assim, os principais problemas apontados por ele são:

> i) a interferência da coleta de dados na produção da materialidade linguística;
> ii) o valor representativo do material coletado;
> iii) a categorização linguística interna e externa;
> iv) a ferramenta utilizada na coleta de dados.

O vídeo, objeto de nossa análise, é uma gravação disponibilizada no *site* do Museu do Futebol, fruto da transmissão ao vivo no dia do evento "Encontro Mulheres de

Arquibancada". Dividimos a película em 21 partes, que por conta da abordagem proposta nesta dissertação (imagens de torcedoras), retiramos 6 delas: a fala da pesquisadora funcionária do Museu; a fala das organizadoras; os depoimentos de 3 torcedoras que sobem ao palco ao mesmo tempo — cortado por falhas técnicas da gravação (outros depoimentos também não estão disponíveis por conta dessa falha); um recado sobre rifas; a fala do representante da Anatorg; a fala de um torcedor alemão convidado.

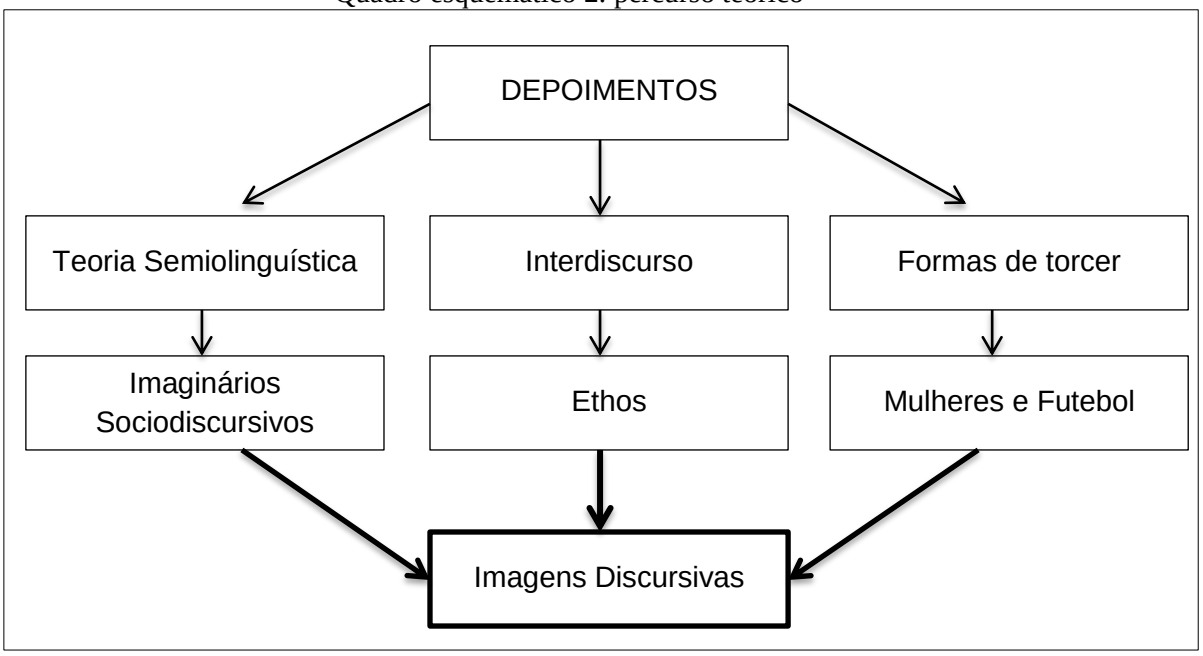
Considerando nossos objetivos, ao final do recorte, selecionamos 15 depoimentos que foram transcritos (ANEXO 2) e nos quais denominamos as participantes de torcedora01, torcedora02, torcedora03 e assim por diante. Esses depoimentos fazem parte de uma assembleia que aconteceu durante o evento, na qual cada torcedora se inscrevia para subir ao palanque. Elas tiveram disponíveis cinco minutos para abordarem assuntos relacionados aos comportamentos delas e dos homens nas arquibancadas.

É importante destacarmos que o vídeo original está disponível para acesso no Portal do Museu do Futebol, porém, optamos por manter os nomes das torcedoras no anonimato, por questões éticas ligadas à análise em si. Paiva (2019, p. 18) assevera que "diante da imprevisibilidade das consequências de uma investigação, é imperativo ter a ética sempre presente ao elaborarmos um projeto de pesquisa, principalmente, quando lidamos com seres humanos". Com relação à privacidade, a autora pontua que a "proteção aos indivíduos ou pessoas cujos pontos de vista ou vozes possam ser identificados" (PAIVA, 2019, p. 22) não garante o anonimato, pois, como em nosso caso, nos depoimentos, as torcedoras, identificam times e torcidas. Apesar de os vídeos estarem disponíveis na web, utilizar os nomes dessas mulheres ainda pode causar represálias, principalmente pelo fato de tecermos em Análise do Discurso imagens de si e do outro, podendo trazer novas visões não tão explícitas nas declarações gravadas. Entretanto, a identificação dos times e torcidas, além do fato de elas serem membros de torcidas organizadas – ou não – é relevante em nossas análises, pois o foco do nosso trabalho está na representação que essas mulheres têm desse espaço.

Quanto à forma em que as transcrições foram efetuadas, optamos por abordar o quadro disponível no livro *O discurso oral culto*, organizado por Dino Preti, em que os autores da obra utilizam o guia dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D2 (ANEXO 1).

A partir das transcrições deste *corpus*, seguimos o seguinte percurso teórico:

Quadro esquemático 2: percurso teórico



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Algumas distinções são essenciais na formação de um *corpus* discursivo. Para Charaudeau (2011), nas ciências da linguagem, é a organização sistemática de coleta e o tratamento do material semiológico. Diferentemente da "linguística da língua", na qual um *corpus* é categorizante e quase fechado, na "linguística do discurso" é possível descrever os "usos e as significações sociais, com um *corpus*, por definição aberto, e que pressupõe um sujeito operador de categorias 'sócio-discursivas' e portador de um imaginário social" (CHARAUDEAU, 2011, p.2). Da mesma maneira, assim como a linguística textual se preocupa mais com a coesão, na Análise do Discurso, o foco está na coerência. Distinção que pode não ser tão clara na hora de diferenciarmos um *corpus* de textos e outro de discurso. Nesse sentido, em concordância com Charaudeau (2011), nos posicionamos da seguinte maneira:

> [...] a relação de complementaridade entre análises de textos e análise de discurso não é simétrica. Não são as duas faces de uma mesma moeda, porque há discursos diversos num mesmo texto e um mesmo discurso em vários textos. O discurso não é o texto, mas ele é carreado por textos. O discurso é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e o interpretam (CHARAUDEAU, 2011, p.3).

Os discursos atravessam textos diferentes, ou seja, um único texto pode trazer diferentes discursos, como veremos em nosso *corpus*, em que vários discursos (comunismo, patriarcado, feminismo, etc.) são acionados em um mesmo depoimento. Assim, nosso *corpus* é formado por textos que são reunidos para trazer à tona discursos sobre as mulheres em um espaço interdiscursivo socialmente reconhecido como "lugar de homem", no caso, as arquibancadas de futebol.

Pensando em tematizar os principais pontos abordados nos depoimentos como um todo, os dividimos em três diferentes eixos, separados a partir da construção das falas durante a assembleia, e são eles:

> i) Pertencimento: sentimento das mulheres em relação às torcidas, aos clubes e às arquibancadas; compreensão da torcida como um espaço "aberto" para mulheres; propostas e atitudes para mudar, para solucionar os possíveis problemas; modo como os membros das torcidas acolhem as mulheres;
> ii) Crítica: percepção de que algumas coisas precisam melhorar nesse espaço;
> iii) Denúncia: atitude em relação ao machismo e ao assédio em suas torcidas; consciência quanto à existência desses e de outros problemas.

As palavras escolhidas refletem os principais assuntos abordados pelas torcedoras. Os termos e trechos que os representam foram selecionados com base em nosso aporte teórico e, de alguma forma, resumem nossas percepções/interpretações diante do discurso dessas mulheres torcedoras, dentro e fora das arquibancadas. A partir disso, no próximo capítulo, apresentamos a nossa análise.

5. IMAGENS DE SI NO DISCURSO: MULHERES TORCEDORAS DENTRO E FORA DAS ARQUIBANCADAS

É importante pontuarmos que não pretendemos concordar ou discordar com o que se constrói, discursivamente, nos depoimentos de nosso *corpus*, uma vez que, ao utilizarmos a Teoria Semiolinguística, nosso foco é a informação, os sentidos produzidos e a sua presença no universo do discurso – considerando a divisão feita por Maingueneau (2015): *universo*, *campo* e *espaço*, na qual o que nos interessa é o espaço discursivo em que está presente a torcedora participante do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada. Também traçamos as imagens discursivas dessas mulheres nas arquibancadas e fora delas a partir de seus depoimentos, ou seja, o que nos interessa são as interações em determinadas situações discursivas, pois o discurso se dá em tempo, espaço e por meio de hipóteses baseadas em competências que resultam na competência discursiva.

As relações entre as mulheres e o futebol estão influenciadas pelas diferentes formas de torcer construídas nos imaginários do meio futebolístico. Historicamente, desde as primeiras partidas oficiais jogadas no Brasil até os dias de hoje, as mulheres estiveram e estão presentes nesse espaço. Da mesma maneira, o imaginário de que esse é um esporte para homens (no campo e nas arquibancadas) é quase sempre reforçado em várias instituições, como na mídia, em que há, ainda, poucas jornalistas e comentaristas nos programas esportivos. Além do mais, o critério para seleção dessas profissionais, muitas vezes, não se baseia apenas na formação na área, mas se estabelece por normas que revelam os padrões estético-normativos dessa sociedade patriarcal e sexista. Apesar de a prática oficial do futebol ter sido inicialmente feita apenas por homens, as mulheres também começaram a jogar cedo – ainda no início do século XIX–, mas, nos anos 40, um fato importante interrompeu a participação oficial da mulher como jogadora: a instituição da Lei 3.199 de 1941, vigente até 1975, na qual as mulheres foram proibidas de praticarem vários esportes vistos “para homens”, entre eles, o futebol.

Mesmo assim, as mulheres continuaram presentes no meio futebolístico, mais especificamente nas arquibancadas, espaço em que elas eram vistas como “embelezadoras” – imaginário ainda marcado nas falas de torcedoras e torcedores, como apontam Bandeira e Sffner (2018). Porém, o imaginário de violência também perpassa

esse espaço das arquibancadas, principalmente nos anos 90, com a forte presença das torcidas organizadas. Essa percepção é exposta por uma das torcedoras, que conta sobre os medos que teve quando foi pela primeira vez ao estádio com os membros da torcida da qual ela faz parte:

> [...] e rolou a oportunidade de ir para o Barradão a primeira vez... eh:: eu lembro que eu ia com um bocado de homem... e eu fiquei muito nervosa... de ir com os meninos que eu não conhecia... e:: eu fiquei pensando: 'e agora... eu vou tá lá no futebol né... que falam que é violento... que não é lugar de mulher... que eu posso apanhar... poss/podem tirar minha camisa'... tipo/se aparece torcida de outra torc/ de outro time... mas eu fui... morrendo de medo. (TORCEDORA15, eixo de pertencimento).

A torcedora15 demonstra certo receio com a ida ao estádio. Entre todos os depoimentos, essa é a única vez que a questão da violência é explicitada por alguma das depoentes. Uma das interpretações possíveis para tal sentimento está na inexperiência dela, ao fazer questão de reforçar:

> [...] e aí éh:::: eu sou muito nova também na arquibancada porque::: eu acreditava né... e me fizeram acreditar que... lá não era um espaço para mim... só que eu sempre gostei de torcer pelo Vitória né... (TORCEDORA15, eixo de pertencimento)

Mais uma vez, ela retoma o fato de que a "fizeram" acreditar que a arquibancada não era um espaço para mulheres. Um imaginário social que tenta demarcar o lugar da mulher na sociedade. Não se diz sobre o lugar do homem, mas existe o lugar da mulher, e esse, por sua vez, não está relacionado com aquilo que é visto socialmente como feminino. Sendo assim, o futebol é posicionado, discursivamente, como espaço de masculinidades, por isso, as feminilidades não cabem nele. Isso porque até mesmo as próprias mulheres reforçam o "não pertencer" a certos espaços, algo que se reconstrói historicamente, fazendo com que a simples ideia da presença da mulher nesses lugares incomode. Porém, as mulheres buscam denunciar essa situação a partir da consciência de um pertencimento e do potencial em criticar essas ações, por meio de movimentos criados para revelar esses acontecimentos, como o encontro abordado neste trabalho.

A torcedora14 diz que sempre teve acesso ao estádio, mas a presença dela também está diretamente ligada à presença de seu pai e de seus amigos, assim como acontecia quando as primeiras partidas de futebol foram jogadas no Brasil.

> [...] eu vou no estádio... sei lá... a primeira vez eu fui com amigos depois eu fui com meu pai... meu pai é santista... me levou no jogo final do Boca Juniors... e::::: e eu quero ser tipo a mina que quando eu tiver um filho vai levar... eu vou levar meu filho no estágio... tá ligado...tip/ não vai ser o marido... não vai ser o vô... não vai ser o tio... eu vou levar... e a gente tá cada vez mais caminhando pra isso... (TORCEDORA14, eixo de pertencimento).

As marcas de pertencimento se dão na busca por uma mudança em relação a essa ida dos filhos aos estádios. Para isso, ela retoma alguns imaginários, por exemplo, de o homem ser visto como o responsável por levar as crianças ao estádio, mas, ao mesmo tempo, ela busca no depoimento da torcedora04, que está grávida, apoio para refutar esse imaginário. A torcedora04, como vimos, disse:

> eu tô aqui em seis meses... esperando a "Raçaela" Rafaela ((risos)) a Rafaela ((risos da torcedora04)) ((aplausos)) valeu... (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

Para a torcedora14, a torcedora04 é vista como exemplo da ação de torcer que ela pretende repetir, pois ela está grávida e se refere à própria filha fazendo um jogo de palavras com o nome da torcida. Para a torcedora14, ela quer ser quem vai levar os filhos ainda na barriga no estádio e para esse espaço "fora da arquibancada", como fez a torcedora04. Quando a depoente cita a ação da torcedora04, ela pretende reforçar a possibilidade de a mulher também ter esse papel social de levar os filhos para as partidas de futebol.

Os depoimentos entrelaçam as relações entre mulheres e futebol, futebol e arquibancada, arquibancada e formas de torcer. Enfim, as participantes da assembleia abordam a torcedora no espaço da arquibancada pela própria perspectiva. Elas são torcedoras de várias idades, diversas regiões do Brasil e torcem por diferentes clubes de futebol. Algumas delas são membros de torcidas organizadas e outras se dizem "torcedoras comuns", fato esse que está marcado, quase sempre, no início de suas falas, quando elas se apresentam como "parte" de uma torcida. Ao levantarmos os trechos do eixo de pertencimento quanto às torcidas ou aos clubes, concluímos que quase todas as torcedoras deixam evidente o seu modo de pertencer a esse lugar, com exceção da torcedora14, que não deixa isso explícito na fala, mas a identificação desse pertencer está nas roupas, que levam as cores e o escudo do seu time, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 2: torcedora14 em depoimento durante a assembleia do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada

FONTE: *Print* do vídeo disponível no *site* do Museu do Futebol

É válido ressaltarmos que, durante o seu depoimento, a torcedora14 utiliza um tom de ironia. Antes de iniciarem os depoimentos, todas as meninas foram instruídas a não demonstrarem sua filiação a determinado clube, o que é diferente de se apresentarem como pertencentes de uma torcida. Esse tom de ironia pode ser visto, nesse caso, quando ela volta ao palco para apontar que falhou ao demonstrar seu "clubismo", vejamos:

> [...] força Juve... ((sai e volta)) não podia ter clubismo... desculpe ((risos)) (TORCEDORA14, eixo de pertencimento).

Notamos também que a torcedora14 se utiliza da ironia para tratar da situação em que algumas torcedoras não foram permitidas de se posicionarem como representantes de suas torcidas no evento. Vejamos:

> [...] éh:: como representante da... não posso falar o nome da nossa torcida porque a gente... não tá autorizado... mentira... ((risos)) (TORCEDORA14, eixo de pertencimento).

Isso é algo comum nas torcidas organizadas, em que as mulheres foram (e ainda são) proibidas de fazerem algumas ações de responsabilidade de um grupo seleto de homens, como tocar na bateria, balançar as bandeiras, carregar o bandeirão, participar de viagens, etc.

Essa temática foi abordada por muitas torcedoras durante os seus depoimentos, porém, isso acontece, principalmente, no intuito de defenderem as suas torcidas. A torcedora01, por exemplo, defende-se ao dizer que tem um cargo em sua torcida, mas, ao ser questionada pala plateia quanto às viagens, ela acaba se lembrando de que em alguns jogos as mulheres não podem ir com a mesma caravana dos homens. Logo depois, ela diz que fará propostas para mudar essa situação, reconhecendo isso como um problema. Vejamos a sequência:

> [...] a urubuzada é uma torcida que ela é aberta -- as mulheres têm voz (...) eu tenho um cargo de diretoria na torcida... (TORCEDORA01, eixo de pertencimento).

> [...] a minha torcida não é muito aberta para mulheres viajarem em alguns:: em alguns jogos -- é uma opinião pessoal minha-- eu acho que a gente tem o direito de escolher... eu assumo o risco de ir em tal jogo... mas a gente tá/... --pelo menos eu-- é uma guerra que eu tô comprando e eu quero levar isso -- a gente tem... já tem conversado -- fazer uma/algumas propostas... chegar algumas propostas na diretoria... para melhorar um pouquinho... pra melhorar um pouquinho isso (TORCEDORA01, eixo de pertencimento e de crítica).

No depoimento anterior, os eixos de pertencimento e de crítica se entrecruzam em um mesmo trecho. Ou seja, não estamos em busca de pensar o discurso em um quadro de extremidades, mas, sim, na enunciação em si, em que suas regularidades são específicas. Estamos tratando do jogo entre os limites das formações discursivas e os espaços discursivos. Sendo assim, a partir das preposições de Charaudeau (2016), é no jogo entre o implícito e o explícito que apoiamos as análises desses eixos.

Os discursos estão nesse jogo em uma relação aberta e variável, em que o explícito é a simbolização do referencial, ou seja, no âmbito do simbólico, e o implícito está na significação, em que os signos significam pela totalidade discursiva que os perpassa. Com base nessas relações apontadas por Charaudeau (2016), entendemos que os sentidos se dão no e pelo implícito, e a linguagem tem a função de retomar parte do dizível, lembrando que a AD se apoia no pressuposto de que parte do dizível é acessível dentro dos limites linguísticos e históricos.

Dessa maneira, os sentidos produzidos nas falas das torcedoras criam possíveis interpretativos, dos quais levantamos as representações discursivas construídas nas

relações dessas mulheres com os saberes necessários para efetivar as trocas comunicativas. Para além das suas referências e vivências, essas mulheres demonstram pertencer ao clube e à torcida da qual são representantes no evento, muitas delas também, como vimos, dizem que não há machismo em suas próprias torcidas, porém elas reconhecem que isso é um problema do meio futebolístico. Assim sendo, é algo que precisa melhorar no todo, pois elas fazem questão de pontuarem que isso não é um problema em seus próprios grupos, como no caso da torcedora03:

> [...] eu posso dizer pela minha: na minha, nós temos liberdade... nós temos espaço... nós brigamos por isso... nós representamos (TORCEDORA03, eixo de pertencimento).

A torcedora03 marca, nos signos linguísticos, que está exemplificando, de acordo com as vivências (saber de experiência) que ela tem dentro da sua torcida, em que ela acredita que há espaço para as mulheres. Ela também diz que esse espaço foi conquistado depois de muita "briga" e dedicação. Dessa maneira, a torcedora defende a entidade que representa, sem negar a existência dos problemas, como o machismo e o assédio. Esse reconhecimento pode ser representado pela fala em que ela, apesar de negar outra vez a existência desses problemas, supondo que na sua torcida isso é uma questão resolvida, deseja para as outras meninas uma solução ao machismo.

> [...] eu desejo que::: que todas as meninas que têm problemas/esse tipo de::: sofre muito machismo dentro da torcida... que vocês consigam sair daqui com a mente aberta (TORCEDORA03, eixos de pertencimento e de crítica).

As intenções perpassam os atos interenunciativos que envolvem: sujeito destinatário (TUd), sujeito interpretante (TUi), sujeito enunciador (EUe) e sujeito comunicante (EUc). Como vimos, o processo de produção e o processo de interpretação se dão além de uma simples mensagem entre receptor e emissor, já que os sujeitos levantam hipóteses a partir dos saberes envolvidos na Circunstância de Discurso. Esse é o espaço discursivo, no qual os discursos são construídos, que possibilitam depreendermos sentidos extralinguísticos, a partir dos quais apontaremos as imagens de si dos discursos produzidos pelas mulheres torcedoras no encontro.

Apoiadas no contrato de comunicação vigente nessa situação de comunicação, as trocas monologais e dialogais se entrecruzam, já que há um público físico que reage às falas e

interfere, algumas vezes, nos depoimentos. Como podemos ver adiante, em trecho no qual a torcedora conversa com a plateia:

> [...] éh:: de pensar numa/s coisa de/caralho/como é que cê falou/ ((campanha)) campanha... isso... (TORCEDORA14, eixo de crítica).

Na assembleia as pessoas sobem ao palco para apresentarem problemas e possíveis soluções para situações específicas, sem que, necessariamente, haja intervenção do público. Sendo assim, as falas são organizadas pelas imagens que o enunciador cria do seu público, porém, por ser um gênero oral, é possível hesitar, corrigir e complementar as falas a partir das reações da plateia. Outro destinatário se faz presente em algumas das falas, como no trecho do depoimento da torcedora12:

> [...] a nossa sorte que os meninos da nossa torcida foram proteger a gente... porque se não fosse por eles... eu acho que os caras ia pular o alambrado e ia --- sabe-se lá o que eles iriam fazer... né?... (...) ah e outra coisa, eu tô aqui hoje porque eles fizeram vaquinha... eu fiz vaquinha online... tem gente que sabe aí... tem gente que ajudou ((aplausos)) (TORCEDORA12, eixo de pertencimento).

Os homens as protegem de outros homens, perpassando por imaginários do papel do homem como quem protege as mulheres. Porém, a torcedora demonstra gratidão ao fato de sua presença no evento ser fruto de uma ação em que os meninos da torcida possibilitaram financeiramente, por meio de uma “vaquinha”, ou seja, a contribuição deles para a presença dela. Assim como as formas de torcer das mulheres dependiam da presença da figura masculina, em que os maridos e pais levavam suas esposas e filhas, apesar do não parentesco, essa parceria com os homens da torcida é marcada em vários depoimentos:

> [...] e eles acreditam em nós... eles dão força pra gente querer puxar junto... pra gente querer ir pra viagem... pra tudo (TORCEDORA07, eixo de pertencimento).

A torcedora07 acrescenta o apoio dos homens não apenas no encontro, mas em espaços muitas vezes negados às mulheres em torcidas de futebol. Também podemos perceber esse apoio na fala da torcedora03, que demonstra a importância dos “meninos” para a presença dela no evento e na torcida da qual ela faz parte:

> [...] a gente teve apoio dos meninos pra gente tá aqui... infelizmente gente não pode trazer o nosso representante... mas a gente teve total apoio dos meninos... (...) porque eles sabem que o Comando Feminino e as Minas Jovem... elas representam... (TORCEDORA03, eixo de pertencimento).

O apoio dos homens para que as mulheres possam participar das torcidas também está presente nesse depoimento da torcedora03. Nesse caso, ela diz que elas têm apoio porque representam a torcida de maneira positiva. É interessante notarmos que, em vários pontos do depoimento dessa torcedora, ela apresenta a importância da ação das mulheres dentro da torcida, ou seja, de elas serem as responsáveis por conseguirem uma participação efetiva, mas, consequentemente, ela nega as proibições apresentadas pelas outras torcedoras no decorrer da assembleia.

De acordo com Charaudeau (2016), é o contrato de comunicação que permite que os pressupostos quanto às representações linguageiras dos indivíduos dentro das mesmas práticas sociais sejam próximos. Nesse sentido, o sujeito comunicante fala com a intenção de produzir efeitos identificáveis para o sujeito destinatário, assim, o EUc organiza e encena de modo com que o público o reconheça a partir das imagens construídas discursivamente.

Nessa situação de comunicação, os Eu comunicantes (EUc) são as torcedoras participantes do encontro e integrantes de diferentes torcidas do Brasil, organizadas e comuns, enquanto os Eu enunciadores (EUe) são dados em cada ato de comunicação e no próprio gênero depoimento. Entendemos como Tu interpretantes (TUi) as torcedoras presentes no evento, ou seja, espectadoras ideais para a assembleia dentro desse evento em específico. Por fim, o Tu destinatário (TUd) são todos os possíveis telespectadores do vídeo que está disponível na plataforma do Museu e no YouTube.

Durante a exploração do nosso referencial teórico, apontamos alguns exemplos de estratégias utilizados pelo EUc. Na intenção de aprofundamos nossas análises, utilizaremos as estratégias dos 3 eixos levantados por nós, pois a partir deles as torcedoras demonstram a necessidade de mudança no cenário das arquibancadas em relação à presença das mulheres. Assim, o EUe regulamentado para falar nesse meio é ativado em vários momentos.

> [...] viagem:: ah esse é/ é um ponto que é uma/ahn:::… a minha torcida não é muito aberta para mulheres viajarem em alguns:: em alguns jogos (TORCEDORA01, eixo de denúncia).

> [...] eu acho que a gente tem o direito de escolher... eu assumo o risco de ir em tal jogo... (...) fazer uma/algumas propostas... chegar algumas propostas na diretoria... (TORCEDORA01, eixo de crítica).

No depoimento da torcedora01, o EUe deixa transparecer o EUc, que até o momento estava defendendo sua torcida. Mas quando ela foi questionada pelo público quanto às viagens para assistir jogos do time, a imagem de "torcida aberta" é quebrada por uma "proibição". Como vimos, a torcedora01 tenta contornar a situação ao dizer que esse é um problema que já está sendo conversado dentro da torcida, porém, ela vai além, assumindo para si o risco de ir a jogos, mesmo considerando-os como perigosos – reforçando o imaginário de que a viagem com a torcida organizada para outros estádios, como visitantes, é um ambiente inóspito para mulheres. Diferentemente da torcedora01, a torcedora02 explicita no ato linguageiro o EUe que não tem voz no espaço futebolístico:

> [...] acredito que não temos a voz que gostaríamos... mas aos poucos a gente tá lutando para chegar lá... (TORCEDORA02, eixo de crítica).

Mesmo com a oposição revelada pelo saber de opinião dessas torcedoras, ambos os sujeitos buscam se legitimar como EUe e são utilizados pelo EUc no intuito de posicionar-se como porta-voz de um enunciador legitimado nessa prática social.

As cenas de enunciação são transpassadas pelos conceitos analisados até aqui e nos fornecem, no próximo tópico, base para chegarmos ao *ethos.*

5.1 Das cenas de enunciação ao *ethos*

Os gêneros e tipos de discursos presentes em nosso *corpus* se agrupam campos discursivos nos quais diferentes estruturas são percebidas durante o vídeo e nas transcrições, ou seja, posicionamentos que são construídos na relação entre os enunciados, como no exemplo:

> [...] a minha outra sugestão também/fica... é uma vertente ou um braço... é uma delegacia da mulher dentro do estádio... (TORCEDORA05, eixo de pertencimento).

> [...] também concordo em ter delegacia da mulher dentro do estádio sim (TORCEDORA06, eixo de pertencimento).

Nesse exemplo, a retomada acontece de maneira explícita, em que a sugestão da torcedora05 é levantada novamente no depoimento da torcedora06 e, posteriormente, no de outras torcedoras. No caso da torcedora09, a seguir, ela reforça o imaginário machista, pois acredita que as mulheres não querem pertencer à torcida, já que vão até lá apenas para flertarem. Diferentemente das falas da torcedora10, que se pauta na relação de que as mulheres não devem ser julgadas pela ação delas na torcida. Ela recebe aplausos do público, demonstrando a aprovação dele, além disso, podemos inferir uma tentativa de resposta ao depoimento anterior, o da torcedora09. Vejamos:

> [...]é que aparece assim uma menina/outra lá... só que ela passa lá pega alguém e vai embora né? (TORCEDORA09, eixo de crítica).

> [...] não adianta a gente vir pra cá pagar de/desconstruído e ficar julgando... mano... a menina pegou cinco caras... dez caras... ela vai pegar cinquenta... o corpo é dela ((aplausos))" (TORCEDORA10, eixo de denúncia).

Além disso, os eixos se diferenciam pelo fato de que a primeira torcedora relaciona essa questão das meninas não se estabilizarem na sua torcida com o modo de pertencer a esse meio, já a segunda torcedora busca denunciar o julgamento e as ações das mulheres nas torcidas como algo errado. A torcedora03, por exemplo, também diz acolher as meninas, demonstrando empatia:

> [...] lá na Torcida Jovem a gente já fala: "vamu chegar... vamu trazer pra gente... vamos trazer/fazer ela conhecer a história da torcida"..." (...) então eu faço questão que todas conheçam a história da torcida (TORCEDORA03, eixo de pertencimento).

A assembleia é um gênero não estático, já que nem sempre é possível manter a mesma cenografia, assunto que abordaremos mais adiante. Na situação de assembleia, identificamos diferentes vozes perpassadas por outras vozes. A partir da noção de Interdiscurso é possível amarrarmos o Mesmo e o Outro, pois consideramos como base as concepções de heterogeneidade mostrada, aquilo que está acessível pelas unidades linguísticas, e de heterogeneidade constitutiva, o que não deixa marcas tão evidentes na materialidade textual.

Desse modo, para Maingueneau (2008), é necessário pensarmos o Interdiscurso dividido em uma tríade formada por: Universo Discursivo, Campo Discursivo e Espaço Discursivo. De acordo com nosso *corpus*, definimos o Universo Discursivo como o Universo Esportivo. Esse, por sua vez, é delimitado pelo Campo Discursivo, que é

constituído de formações discursivas, em que acontecem as concorrências, confrontos, alianças etc., das quais encontramos o futebol e os discursos sobre o futebol, que ficam mais evidentes se pensarmos no Espaço Discursivo em que se encontram as mulheres integrantes (ou não) de torcidas organizadas e, mais especificamente, participantes do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada e elas falam sobre outros espaços, como o machismo, o feminismo, o patriarcalismo etc.

Nesse dialogismo, os enunciados possíveis e os enunciados recusados determinam o que pode e o que não pode ser dito. Não sendo necessário marcar o que não se pode dizer, pois isso já está claro no simples fato de dizer. Assim, não é necessário que a torcedora10, por exemplo, direcione sua fala para a torcedora09, até porque estamos tratando do nível discursivo. Sendo assim, percebemos, novamente, os diferentes EUe, compartilhados de algumas aproximações discursivas, mas também se afastam de acordo com as formações discursivas que se entrelaçam no campo do qual eles fazem parte. Considerando isso, não se deve falar em regiões definidas, mas espaços dos quais o Outro e o Mesmo se associam em um processo dialógico, configurando as cenas de enunciação.

As cenas de enunciação são definidas por Maingueneau (2015) como o espaço em que os sujeitos assumem os papeis atribuídos a eles, interagindo com a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cena englobante é o tipo de discurso em dada prática social: o discurso futebolístico. Já na cena genérica os objetivos da assembleia deveriam ser “obedecidos” pelas torcedoras, pois elas sobem ao palco e falam sobre seus papéis como mulheres de arquibancada, legitimando as formas de torcer desse espaço social. Porém, ainda é necessária a construção da cenografia, pois assim teremos uma encenação singular da enunciação, como propõe Maingueneau (2015).

Entendemos que na cenografia o sujeito legitima –ou não – o processo discursivo, além disso, é nela que acontecem os contatos entre os sujeitos e as validações dos discursos em determinado espaço discursivo. Em nossas análises, como vimos, apesar de a maioria dos discursos serem monologais, alguns apresentam a interação direta com o público, pertencendo às enunciações dialogais. Nesses entrelaçamentos, o fato de essa ser uma interação oral é o que justifica os imprevistos ao longo da interação. Sendo assim, os cenários e os posicionamentos dos enunciadores produzem diferentes sentidos

para a cenografia apresentada em nosso *corpus*, o que dificulta a manutenção de uma cenografia "perfeita", nos termos de Maingueneau (2015), em que se idealiza uma assembleia na tentativa em manter, no mínimo, uma cenografia coerente.

Os depoimentos aconteceram em uma bancada preparada para as torcedoras fazerem denúncias e contarem sobre suas vivências, assim, elas narram suas histórias e argumentam suas escolhas para convencer o público quanto às imagens de si –que vão sendo construídas e reconstruídas nas interações discursivas. A cada depoimento, os sentidos são reforçados, refutados, rompidos e se aproximam dos objetivos dessas mulheres em defenderem a posição delas como representantes de times e de torcidas. Essas imagens são perpassadas pelos saberes de crença e de conhecimento, em um espaço no qual se reforçam as masculinidades. Porém, elas buscam romper com os imaginários que impõem o papel da mulher em uma sociedade patriarcal e machista, porém, ao mesmo tempo, esses imaginários atravessam suas falas e, por vezes, são reforçados. Isso porque as emoções e as imagens de si – *pathos* e *ethos* –, são acionados para elas argumentarem e narrarem suas histórias nas arquibancadas, como veremos adiante.

5.2 Os imaginários sociodiscursivos: uma relação com as imagens de si

Os imaginários são constituídos a partir das representações sociais que, por sua vez, são formas de conhecimento da realidade social, em que também se constituem os saberes. Assim, a simbolização do mundo parte da associação entre o afeto e a racionalidade. Pensando o imaginário como um modo de apreender o mundo, Charaudeau (2017) propõe uma dupla função para eles: criar valores e justificar ações dentro de grupos pertencentes a diferentes espaços discursivos.

Em nossas análises, focaremos nos imaginários coletivos, que estão relacionados com a natureza do grupo, ou seja, com as formas como esses grupos manifestam valores. Para tal, utilizaremos os três tipos destacados por Charaudeau (2015): imaginários antropológicos, de crença e socioinstitucionais. Dessa maneira, posicionamos nosso *corpus* no espaço, tempo, corpo e nas relações sociais, nas crenças institucionalizadas pelo grupo analisado e nas práticas e representações que perpassam esses discursos,

tudo isso no intuito de descrever e explicar essa prática social e os comportamentos dentro dela.

É interessante destacarmos que os imaginários são construídos no e pelo discurso, em que *pathos*, *ethos* e *logos* são acionados, para demonstrarem: emoção, as imagens de si e argumentos racionais, respectivamente. É nesse mesmo espaço que os saberes se produzem e se reproduzem. Com base em Charaudeau (2017), apresentaremos os saberes de conhecimento e de crença, destacando, principalmente, os três eixos que se entrecruzam no jogo discursivo em nosso *corpus.*

Os efeitos negativos ou positivos dos imaginários construídos pelas mulheres participantes do evento são percebidos, principalmente, na reação do público e nas retomadas de falas anteriores. Como nos exemplos:

> [...] ninguém vai decidir o que a gente vai vestir nem o quanto a gente vai beber... se a gente tiver bebendo e vomitando... vai ter outra para segurar o cabelo e pra botar no táxi pra gente ir embora ((aplausos)) (TORCEDORA10, eixo de crítica).

> [...] é:: como a::: a moça do Botafogo que saiu daqui agora falou... a gente::/a gente cuida da nossa vida... certo?... ninguém vai falar que você não vai fazer que você não vai estar em lugar nenhum... a gente vai aonde a gente quiser... (TORCEDORA11, eixo de crítica).

A torcedora10 recebe aplausos do público ao dizer que as mulheres podem fazer o que quiserem e podem contar com o apoio de outras mulheres, refutando a ideia de que existem coisas que mulheres não podem fazer nessa prática social. Da mesma maneira, a torcedora11 retoma a fala da torcedora10, refutando as proibições e reforçando o dizer que foi positivamente aceito pelo público.

Entretanto, o encontro de mulheres de arquibancada demonstra as torcidas e, consequentemente, as arquibancadas como um espaço muitas vezes “proibido” às mulheres. Como veremos, isso não impede que elas reconheçam a existência desse “problema”, relacionando-o a algo que precisa ser resolvido.

Os discursos são organizados pelos sujeitos da comunicação, que narram e argumentam para convencer o público. Nos depoimentos, diferentes saberes perpassam os efeitos dos eixos levantados por nós, em um jogo de trocas entre eles. Vejamos:

> [...] então é isso... a gente tem todo espaço... eu não tenho muita coisa pra falar que (...) ah... e teve uma vez também que a gente tipo assim... sobre assédio/assédio... machismo essas coisas... assédio eu não me lembro... agora machismo... (TORCEDORA12, eixo de pertencimento e de denúncia).

> [...] na verdade eu tô muito contente de tá aqui hoje... porque pra mim o preconceito veio muito no começo... pela própria minha família mesmo... (...) que lugar de mulher não é no estádio... que mulher não tem que participar de torcida organizada... e::: eu não quero nem saber... (TORCEDORA11, eixo de denúncia e de crítica).

No trecho, EUc demonstra saber que a "proibição" é um problema. Essas falas sinalizam o interdiscurso machista refutado, dessa maneira, o espaço discursivo é também sinalizado. Outra questão levantada quanto às proibições está relacionada ao modo de vestir e agir nas arquibancadas. Como nos casos a seguir:

> [...] a gente usa calça *legging* mesmo... a gente não tem que usar bermudão não… então a gente... ser um pouquinho mais feminina... mas com atitude mesmo! (TORCEDORA04, eixo de pertencimento e de crítica).

> [...] não é o meu pessoal que vai falar se eu gosto não de futebol.... então... a gente entende de futebol... a gente usa short... a gente usa blusinha... a gente usa decote... batom vermelho e não interessa aonde... nós gostamos de futebol... nosso foco é o futebol... (TORCEDORA02, eixo de pertencimento e de crítica).

Nesses depoimentos, entendemos que existem, de maneira implícita, nas torcidas, pessoas que ditam regras que as mulheres devem obedecer. Essas circunstâncias são vistas como algo não aceitável, pois elas refutam dizendo que vão usar roupas "femininas" e "ter atitude", criticando a existência das regras que tentam dizer para as mulheres o que elas podem ou não podem fazer no espaço das arquibancadas.

Os sujeitos rompem com as condições reguladoras das torcidas, atravessando também o imaginário de que existem roupas certas para serem usadas nas arquibancadas e modos de agir específicos nesse espaço. Para isso, os saberes depreendidos são os de experiência, quando elas dizem que usam as roupas "proibidas". Assim como acontece com os saberes de revelação, mas, nesse caso, para negar aquilo que está "proibido", sustentado apenas na evidência, pois não se diz que é proibido, se sabe disso e não se deseja que isso seja verificado para ser obedecido ou não. Também há vestígios da opinião coletiva, pois a "essência" da torcida é colocada em cheque na relação com o grupo que busca mudar a forma como a mulher é vista nesse meio, no caso, as mulheres que se reuniram para tal evento.

Como vimos, o machismo também é uma situação negada por algumas torcedoras, que fazem questão de defender suas entidades, demonstrando ter consciência da existência dessa ação, porém, não em suas torcidas. Vejamos:

> [...] nunca me desrespeitaram... eu acho ridículo isso... tudo bem que muita gente passa... mas eu nunca passei ainda bem... (TORCEDORA09, eixo de pertencimento e de crítica).

A torcedora reconhece o machismo no meio, mas também nega situações de machismo em suas torcidas. O EUe nega a existência do problema em suas torcidas a partir das narrativas sobre as vivências dentro desse ambiente, acionando o saber de experiência. O saber de opinião relativa também é acionado pelo EUe para dizer que tem consciência dessas ações em outras torcidas. Enquanto há torcedoras que negam o machismo em suas torcidas, outras apontam a questão como um problema das mulheres:

> [...] então a gente tem que parar de ser machista nós mulheres…(...) nós não sermos machistas... sermos mulheres, feministas... (TORCEDORA02, eixo de crítica).

> [...] 22 anos de bancada não é para qualquer uma gente! acho que tem muitas aqui que também participam... a gente já tomou mijada na cabeça na época de Maracanã... que tinha/ que era embaixo e nunca deixamos estar lá representando... (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

Nesses depoimentos, o papel da mulher dentro das torcidas é questionado. Os imaginários de mulheres machistas são evocados por saberes de crença de opinião comum, em que há a crença popular de que as responsáveis pela existência dos problemas de machismo são as próprias mulheres, pois a enunciadora direciona a culpa das ações dos homens para as mulheres. Porém, o que se constrói é um saber de opinião relativa como se fosse um saber de revelação quando o EUe relaciona o machismo à falta de feminismo.

Já a torcedora04 questiona as torcedoras que, segundo ela, “não representam”, pois não vivem a “realidade” da torcida, em que se aceita os inconvenientes vistos como normais na arquibancada, como tomar “mijada” na cabeça. Ela traz a opinião coletiva, que constrói o imaginário de torcida, como um saber que atribui sentido às formas de torcer. O EUe ativa o saber de experiência para questionar quais são as mulheres que representam e aquelas que não representam. Em vários pontos do depoimento da torcedora04, ela tenta comparar homens e mulheres colocando-os também como iguais,

acionando um saber de opinião coletiva reforçado por um saber de opinião relativo. Vejamos:

> [...] lógico junto a gente é mais forte... tanto homem quanto mulher... como ela falou: 'a gente tem sede?... temos'... mar (mas) quem lava não somos nós... isso é fato... a gente tem uma/um outro patamar... (...) tava olhando ali... na moral... não tem igual velho... mulher pensa muito muito à frente (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

A torcedora04 retoma o enunciado da torcedora03 após igualar homens e mulheres e para destacar as mulheres em relação aos homens. Quando ela diz "a gente", se refere às mulheres, pontuando o que elas fazem melhor que os homens: a produção de material, como faixas e bandeiras, reforçando um dos imaginários que perpassam os papéis da mulher na torcida – a produção de material.

Ainda sobre a proibição, isso fica evidente nas falas das torcedoras, principalmente das torcedoras 14 e 15, que narram episódios dos quais elas questionam, dessa vez, o papel dos homens dentro das torcidas, que se colocam como reguladores do que pode ou não ser feito pelos membros dessas agremiações.

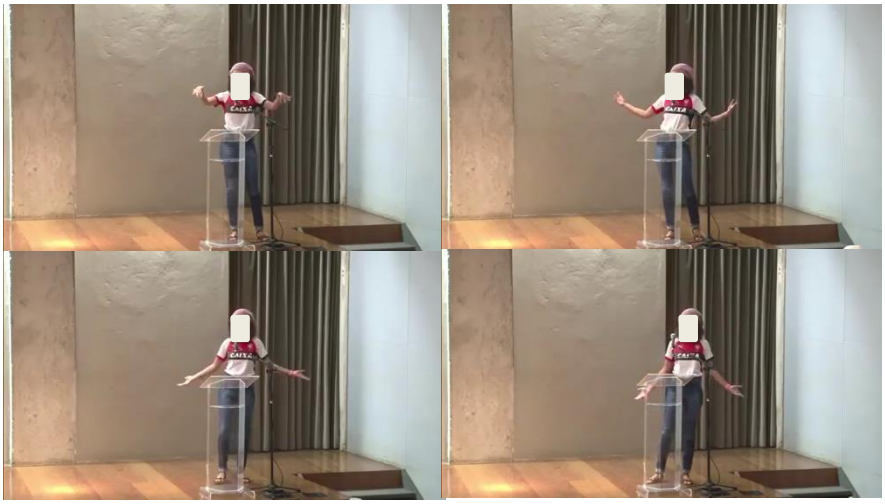
> [...] então... a gente teve um episódio recente... a gente fez uma faixa contra a soltura do goleiro Bruno... não é contra a soltura do goleiro Bruno... preciso me corrigir... é contra o cara ser um herói... porque a gente tem ídolos... quando a gente torce para um time... a gente tem um ídolo... e a faixa era contra o cara ser um ídolo pra crianças e:: ((aplausos))...enfim... e foi meio controverso... teve gente que achou que a gente não deveria ter feito... por n razões e tudo mais... mas o pior de tudo não foi isso... foi tipo a postura de alguns caras falarem 'ces não poderiam ter feito isso sem pedir autorização'... Oi?... (TORCEDORA14, eixo de denúncia).

Nesse trecho, a torcedora14 tem retorno da plateia, que aplaude concordando com a ação das torcedoras em relação ao episódio envolvendo o goleiro Bruno. É interessante notarmos que a comunicação oral deixa espaço para correções, como a torcedora14 faz em relação à sua fala, demonstrando controle sobre seu depoimento. Quanto à reação dos membros da sua torcida, ela diz ter sido controversa, pois os homens da torcida foram contra a ação delas – homens que até então não demonstravam essa imagem de controladores, de reguladores. Além disso, o fato de questionarem a "autorização" para tal ato reforça o imaginário da existência de proibições dentro das torcidas e de que quem autoriza ou não algo nessa prática são os homens. Outro caso que evoca esse imaginário foi verificado no trecho do depoimento da torcedora15:

> e aí eh:: teve uma cena lá que foi muito/muito ruim para mim... eu comecei a xinga/a gritar assim... a trazer a/as músicas que eu aprendi no Barradão né... pra incentivar o jogo... só que os meninos que estavam lá eles não cantavam... toda vez que eu puxava... e aí eu fiquei --- mas eu continuava --- e aí o mesmo pessoal que tava lá resolveu puxar quando eu acabei a música e aí todos os homens cantaram... aí... ué... tudo bem né... deixa quieto... (TORCEDORA15, eixo de denúncia).

O saber de experiência é evocado para reforçar o imaginário de que os homens regulam a ação dos torcedores nas arquibancadas. O tom apresentado é de indignação, em que a opinião relativa de repulsa está implícita nos signos linguísticos, podendo ser melhor percebido nos gestos da torcedora no vídeo. Não é nossa intenção tratar dos gestos, porém, nesse caso, eles se fazem importantes para entendermos o efeito de sentido do enunciado, vejamos na sequência de imagens a seguir.

Figura 3: Compilação de cenas da torcedora15 durante o depoimento



FONTE: *Print* do vídeo disponível no *site* do Museu do Futebol

Por fim, duas situações vividas pelas mulheres em torcidas expõem o imaginário de que existem funções/ações permitidas para homens e funções/ações permitidas para as mulheres nas torcidas. São elas: as caravanas e o acesso ao material da torcida. Vejamos como esse imaginário é construído nos depoimentos a seguir:

> caravana não existe... caravana é raça... a gente tá dentro... é feminino... porque a gente abrilhanta realmente sabe? (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

Na torcida da torcedora04, a caravana não é proibida às mulheres, por outro lado, ela evoca o saber de opinião coletiva de que o papel da mulher na torcida é “embelezar” o espaço, reforçando um imaginário inscrito, historicamente, nesse espaço.

Quanto ao acesso a diferentes materiais da torcida, esse é um saber de revelação em que não é desejável que se verifique a veracidade, pois não há uma proibição explícita ou uma lei que a confirme, no entanto, torcedores e torcedoras reconhecem quem pode e quem não pode ter acesso a esses materiais. A relação com o material da torcida é indicado por diferentes torcedoras, como nos casos a seguir:

> [...] eu tô aprendendo a tocar agora... não porque não deixaram... mas porque eu não quis... (...) sempre levei bandeirão... faixa... tudo que vocês imaginarem... (TORCEDORA09, eixo de pertencimento).

> [...] então… tipo assim... a gente carrega material... a sede da torcida é na minha casa... minha mãe fica louca quando vai todo mundo para lá... minha mãe tipo assim... ela faz tudo também... (TORCEDORA12, eixo de pertencimento).

No caso das torcedoras 09 e 12, esse reconhecimento vem da afirmativa de que essa proibição não existe em suas torcidas, deixando implícita a existência desse problema ao revelá-lo. É importante ressaltarmos que nenhuma das torcedoras disse de maneira explícita que o acesso ao material da torcida é proibido em seus respectivos grupos. Esse é um imaginário construído historicamente nessa prática diante do eixo de pertencimento, mas em relação às proibições nas torcidas, principalmente nas organizadas.

Entendemos que os imaginários, assim como os saberes, são evocados para reforçar ou refutar as imagens que essas torcedoras buscam construir de si, de suas torcidas, dos homens torcedores, dos clubes e do movimento de mulheres de arquibancada, transitando entre o pessoal e o institucional. Os saberes de conhecimento e de crença se entrecruzam para atribuir sentidos mundanos como verdade, permitindo que julgamentos, avaliações e crenças sejam utilizados para alimentar os imaginários no espaço futebolístico, principalmente na relação das mulheres com esse esporte. Assim, as pistas deixadas pelo EUe nos permitem analisarmos os *ethé* construídos e reconstruídos discursivamente no 1º Encontro de Mulheres de Arquibancadas, assunto do próximo tópico de análises.

5.3 As imagens de si construídas no discurso

O *ethos* está relacionado ao ato de enunciação, mas o público também constrói um *ethos* pré-discursivo antes mesmo que o enunciador fale. Sendo assim, *ethos* discursivo, *ethos* pré-discursivo e *ethos* institucional abrangem a instância do enunciador. O *ethos* pré-discursivo é, dessa maneira, legitimado pela posição institucional do sujeito, que é confirmado ou modificado discursivamente dentro da cena genérica.

A voz que sustenta o texto pertence ao sujeito discursivo, que vai aderir a e/ou legitimar (ou não) o *ethos* pré-discursivo. Assim, o universo de sentido do discurso é construído pelas imagens de si a partir da maneira de dizer e de ser. Os *ethé* são ativados pelos imaginários no intuito de conferir autoridade, ganhar a adesão do coenunciador e legitimar a imagem, compartilhando identidades e conhecimentos de mundo.

O discurso futebolístico, pertencente ao universo discursivo do esporte, revela vários *ethé* relacionados aos modos de torcer, evocando representações e imaginários desse universo. A seguir, apresentaremos os *ethé* depreendidos das falas concernentes aos eixos temáticos elencados na metodologia, são eles: *ethos* de caráter, *ethos* de solidariedade e *ethos* de autoafirmação.

5.3.1 Ethos de caráter

A identificação é necessária, de acordo com Charaudeau (2006), para dar suporte ao político que quer fazer crer que ele pode fazer. Para isso, o sujeito constrói um *ethos* de caráter que, por sua vez, resulta em imagens de coragem e de orgulho. O caráter é, de acordo com Maia (2015), uma faceta desses *ethé.* Assim como no discurso político, no discurso das torcidas de futebol, mais especificamente das torcedoras, percebemos a ideia de filiação ao time, tal como acontece em relação aos partidos políticos. Desse modo, alguns dos efeitos produzidos nos enunciados das torcedoras são construídos para reforçar as imagens de coragem, buscando, nesses preceitos, modos de fazer crer que elas podem mudar uma prática. Essas imagens de coragem são vistas, principalmente, nos eixos de denúncia e de crítica. Enquanto a imagem de orgulho representa a relação das mulheres om suas torcidas, no eixo de pertencimento.

No depoimento identificamos um *ethos* de caráter de uma mulher feminista, apesar de a representação do feminismo estar baseada em um saber de opinião comum. Vejamos o trecho a seguir:

> [...] queria falar pras mulheres mesmo... éh::: acho que a primeira coisa que a gente tem que ser... é nós mulheres deixarmos de ser machistas (TORCEDORA02, eixo de crítica).

A torcedora direciona sua fala para um TUi específico, as mulheres torcedoras idealizadas, instruindo-as quanto ao modo de reagir ao machismo, o que também perpassa a imagem de conselheira. Essa é a única torcedora que direciona diretamente para as mulheres a responsabilidade quanto ao machismo sofrido nas arquibancadas, diferentemente da torcedora06 que demonstra isso de modo implícito, como no trecho a seguir:

> [...] muitas mulheres vêm e ficam assim... "ah eu tenho medo de chegar"... têm mulheres que ficam/que querem levar uma amiga... mas a amiga diz... "ah não... mas lá a gente vai sofrer isso... vai sofrer tal preconceito... vou ser chamada de vagabunda... vou levar apelido que eu não tenho... vou ter fama que eu não tenho"... a gente tem que chegar e enfrentar (TORCEDORA06, eixo de crítica).

Diante da responsabilização da mulher, identificada na fala da torcedora06, percebemos que ela tenta se afastar da imagem da "torcedora que tem medo", demonstrando coragem, principalmente quando diz que as mulheres precisam enfrentar esses problemas. É possível entendermos que esse "medo" resulta do imaginário criado a respeito das torcidas: espaço em que mulheres precisam respeitar os limites impostos pelos homens, e do qual o machismo e assédio, muitas das vezes, são vistos como "naturais".

Vimos que o eixo de crítica é revelador de um *ethos* de caráter do qual depreendem imagens de orgulho que, de acordo com Maia (2015), no caso do discurso político, representa a ambição do político em realizar grandes feitos, não muito diferente das intenções reveladas no discurso da torcedora. Também há momentos em que o eixo de pertencimento, por exemplo, apresenta o orgulho das torcedoras em relação as suas torcidas, principalmente, as organizadas. Assim, o *ethos* institucional reforça as imagens positivas das torcidas, evocando a imagem de caráter e, consequentemente, a de orgulho, como nos exemplos:

> [...] a importância da mulher... dentro da torcida organizada... eu descrevo pela minha torcida (TORCEDORA03, eixo de pertencimento).

> [...] sou da Raça Rubro-Negra... mas estou aqui representando uma região (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

> (...) da Mancha Azul do Avaí... e::: eu vim aqui representar as meninas como todas as mulheres que estão aqui (TORCEDORA06, eixo de pertencimento).

As marcas que reforçam a imagem dessas mulheres como representantes das torcidas organizadas estão explícitas em suas falas, diferentemente da torcedora13, que acredita ser importante marcar o seu "não pertencimento" a uma torcida organizada:

> eu sou torcedora do Corinthians éh::: não faço parte de nenhuma torcida organizada... porém... éh::: sempre estou nos jogos e às vezes... frequento a quadra (TORCEDORA13, eixo de pertencimento).

Porém, ela alega pertencer ao ambiente das arquibancadas, o que não a exclui do eixo de pertencimento. Consideramos que é possível identificar a imagem de orgulho, representada pela maneira de ela se relacionar com o clube e com a arquibancada. Por sua vez, as mulheres que sobem ao palco do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada constroem imagens de orgulho ao se posicionarem como representantes de outras mulheres. É o *ethos* de caráter que reforça a atitude delas diante dos problemas enfrentados por esse grupo no meio futebolístico. Esse *ethos* também é evocado nos depoimentos para apresentar a relação entre homens e mulheres nas torcidas. Vejamos no exemplo a seguir:

> [...] não é só cobrar você tem direito e tem deveres você tem que representar sua entidade... infelizmente... não é só mulherada tem homem também claro... mas... hoje em dia... eu tenho 18 anos de torcida organizada... graças a Deus muito bem vividos... e::: as pessoas perderam um pouquinho do:::/da ideologia... eu sempre falo com as meninas… é::: véspera de jogo... eu já comento: oh... tem que chegar pegar a bandeira... tem que ficar atenta onde tá a bandeira... retirar guardar colocar no lugar seguro... tem gente que hoje não se importa nem se a bandeira entrou dentro do estádio... aonde que está a bandeira da torcida... isso não é um problema feminino... é um problema geral" (TORCEDORA03, eixo de pertencimento e de denúncia).

Primeiramente, a torcedora03 reconhece que existem problemas quanto às regras dentro das torcidas organizadas, apontando isso como uma situação geral entre essas agremiações. Ela também pontua a responsabilidade que deve ser compartilhada entre

homens e mulheres, pois todos são representantes desses grupos – pertencimento igualitário entre homens e mulheres na ação do torcer. Vejamos:

> [...] a gente tem essa::::/esse poder de tá lá... do mesmo jeito que eles também cantam... nós cantamos... do mesmo jeito que a bandeira tremula... nós tremulamos (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

Ela tem orgulho de pertencer a sua torcida da mesma maneira que acredita que os homens também têm, elas sabem fazer do mesmo jeito que eles, com a mesma coragem para fazer as mesmas coisas. Ao igualar a ação de torcer entre homens e mulheres, ela reforça o imaginário de que não existem diferenças, porém, em outro trecho reconhece a possibilidade delas nas ações dos clubes e das torcidas organizadas.

> [...] uma coisa importante... a gente leva nossos filhos pra estágio… "será que tem um local para a gente poder ter a segurança do nosso filho?"... "será que na bancada a gente tem a segurança disso?" … cabe a nós fazermos essa segurança... e eu acho que hoje em dia... toda a torcida organizada... todo time tem que pensar um pouquinho no lado tanto feminino quanto no masculino (TORCEDORA04, eixo de denúncia).

Nesse caso, ela representa mais que as mulheres torcedoras, mas também as mães que querem ir aos estádios e, por vezes, não se arriscam por conta do imaginário da falta de segurança, muitas vezes reforçado por ações violentas entre torcedores. Contudo, no 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada, o imaginário de violência perde espaço para o imaginário de compreensão ao próximo, reforçado pelo *ethos* de solidariedade.

5.3.2 Ethos de solidariedade

O *ethos* de solidariedade no discurso político tem, entre suas principais características, o saber ouvir e ao mesmo tempo o saber fazer pelo grupo. No caso do discurso dos torcedores de futebol, esse *ethos* é representado pelas ações sociais promovidas pelas torcidas, muitas vezes, no intuito de substituir a imagem de violência. A solidariedade é evocada em todos os eixos. Quanto ao eixo de pertencimento, vejamos o depoimento a seguir:

> [...] eu acho isso muito importante... é:::: esse encontro (...) quando a D. me convidou e falou desse encontro... achei muito bom porque é muito difícil ver mulheres de todas as torcidas juntas e sem rivalidade para um quesito tão importante... que é as mulheres/empoderamento das mulheres no futebol (TORCEDORA13, eixo de pertencimento).

A torcedora13 demonstra a importância do evento para as torcedoras de futebol, e além disso, o saber de revelação é acionado por ela para apresentar a importância das mulheres se unirem por uma causa em comum. Assim, o *ethos* de solidariedade é representado pela preocupação da torcedora com a dificuldade das mulheres de conseguirem se unir para falarem sobre as relações delas com o futebol. Como vimos, a torcedora13 é a única que se apresenta como não pertencente a alguma torcida em específico:

> [...] eu vim aqui falar porque eu acho importante vir uma/uma menina que não é de torcida organizada... vim aqui falar o que a gente sofre também fora da torcida organizada... (TORCEDORA13, eixo de pertencimento).

O "não pertencer" não muda, segundo ela, os problemas de assédio e machismo. Em outras palavras, a torcedora13 evoca o *ethos* de solidariedade em relação à causa das torcedoras no geral, chamadas de torcedoras "comuns". Dessa maneira, ela traz para pauta da assembleia um grupo que ainda não tinha sido citado explicitamente. Para comprovar a necessidade dessa atenção especial a esse público, ela evoca o saber de experiência, expressando uma opinião relativa, conforme observamos a seguir:

> [...] e:: assim... como eu não sou de torcida organizada às vezes não vou na arquibancada norte... no setor da torcida organizada... vou nos outros setores e lá é::: o assédio contra a mulher é muito pior do que no setor da torcida organizada... porque lá é playboy... lá é gente que tem poder aquisitivo maior... lá não é gente que tá no dia-a-dia da torcida... então lá é muito pior... lá --- se você xinga se você reclama "ah, você não entende de futebol"... porra claro que eu entendo de futebol... não é porque eu tô aqui que eu não entendo lógico que eu entendo... eu ia fazer o quê no/vou fazer o quê no/no/no estádio se eu não gosto de futebol?... vou pra ver o jogador?... não... tô ali porque eu gosto (TORCEDORA13, eixo de denúncia).

A torcedora faz uma denúncia, eixo importante para nossas análises, do que acontece nas arquibancadas fora do meio das organizadas. Para isso, ela apresenta uma imagem de indignação, relacionando o poder aquisitivo dos torcedores com o nível de machismo sofrido pelas torcedoras. Ela também constrói uma imagem de acolhimento para a torcida organizada, reforçando a ideia de que, nesse local, as mulheres são protegidas, como no depoimento da torcedora11:

> [...] minha mãe me pôs pra fora de casa quando fiz minha tatuagem... entendeu?... e eu falei... tá bom... vou morar na sede (TORCEDORA11, eixo de pertencimento).

A torcedora11, quando foi expulsa de casa pela sua mãe, mudou para a sede da sua torcida. Para ela, esse é um local de acolhimento, cuja defesa se deve ao fato de esse espaço funcionar discursivamente como um ambiente solidário, reforçando o *ethos* de solidariedade não apenas de si, mas da instituição torcida. Além disso, essa também é uma imagem de resistência, pensando no que esse signo representa: ato de resistir. Ela resiste à proibição da mãe, posicionando a torcida como um espaço fraterno. Essa imagem de resistência também é retratada em outros trechos, como a seguir:

> [...] e não é vadia... entendeu?... tem muita mulher de família na arquibancada e cada um faz o que quiser com seu corpo... certo? (TORCEORA11, eixo de denúncia).

A retomada da fala é uma maneira de reforçar um pensamento. O sentimento de resiliência também é solidário, pois as torcedoras são solidárias às outras mulheres, que recebem denominações estereotipadas e reforçadas pelo imaginário de que arquibancada não é lugar para mulheres. A sororidade, conceito em voga nas discussões do feminismo, é uma maneira de combater a competição entre mulheres reforçada pela sociedade patriarcal. Essa rivalidade é reconstruída na luta pela igualdade em que a empatia passa a ser uma necessidade na busca por objetivos em comum.

A resiliência aparece na necessidade de reconstruir a imagem de solidariedade nas arquibancadas, principalmente na relação entre homens e mulheres. A torcedora faz isso a partir de uma imagem de repulsa em relação aos preconceitos sofridos pelas mulheres, imagem que também pode ser depreendida no e pelo *ethos* de caráter. Para isso, ela apresenta um imaginário de que a mulher “não vagabunda” e “não vadia” é a “mulher de família” e essa, por sua vez, não merece ser tratada dessa forma.

No caso da torcedora08, como veremos no trecho a seguir, a afetividade é um sentimento utilizado para expressar a boa convivência na torcida, mas também entre as mulheres nas arquibancadas. Vejamos:

> [...] a gente tá com projeto feminino lá que tá englobando a torcida organizada e o restante da bancada... entende?... no nosso caso todas as esmeraldinas... e tá surgindo efeito enorme... porque a gente tá conseguindo... é::: abranger todo mundo e tá fazendo uma festa legal (TORCEDORA08, eixo de pertencimento).

Para defender a boa convivência na sua torcida e na relação que esse grupo está construído com “o restante da bancada”, a torcedora evoca o saber de experiência. A

partir da sua vivência, ela conclui que o projeto feminino é responsável pela festa e pela união da torcida organizada com os torcedores comuns. O *ethos* de solidariedade é atravessado pela imagem de responsabilidade, que a maioria das torcedoras evoca ao falar de suas entidades. Porém, algumas delas apontam a responsabilidade como critério para demonstrarem respeito aos papéis dentro da torcida, reforçando o *ethos* de autoafirmação, assunto do próximo tópico.

5.3.3 Ethos de autoafirmação

O *ethos* de autoafirmação depreende, principalmente, as imagens relacionadas à entidade torcida, às mulheres presentes nas arquibancadas e aos torcedores com cargos importantes nessa prática. Sendo assim, o saber fazer depende da responsabilidade com o saber torcer:

> [...] ahn:: na minha torcida a gente tem todo o apoio... tanto que a gente tá aqui hoje com o apoio do nosso presidente 100%... E::: a gente tem espaço... a gente tem espaço... assim como a gente tem deveres a gente tá viajando junto... a gente pega junto... as mulheres têm o espaço na torcida... tô nervosa ((risos)) ((relaxa))... a gente tem totalmente o nosso espaço... e a gente está cada vez mais em busca disso... a união... porque o respeito a gente tem... o espaço também... e eles acreditam em nós... eles dão força pra gente querer puxar junto... pra a gente querer ir pra viagem... pra tudo (TORCEDORA 07, eixo de pertencimento).

Outra vez, os direitos e os deveres da torcedora estão relacionados ao apoio da instituição torcida, e também ao modo como elas representam esse grupo. A imagem de credibilidade precisa ser mantida por essas torcedoras, que passam boa parte de seus depoimentos defendendo a relação das suas torcidas com as mulheres que gostam de futebol. Algumas vezes, as torcedoras chegam a supor que existem mulheres que não têm interesse em manter uma relação de pertencimento com esse espaço, como no caso a seguir:

> [...] eu sou a única na minha torcida (...) eu tô lá mais de 12 anos só eu... assim... como mulher (TORCEDORA09, eixo de pertencimento).

Como vimos anteriormente, a torcedora09 acredita que as mulheres vão até a sua torcida apenas para “pegar homens”. Não podemos negar o saber de experiência evocado pela torcedora, permitindo-nos entender que, para ela, as mulheres que têm interesse pelo futebol não vão até a torcida pelos homens. Sendo assim, nenhuma das meninas que já

foi até a sua torcida pelo flerte se estabilizou como torcedora, no sentido de pertencer à torcida.

A torcedora08 reforça a imagem de conselheira depreendida no *ethos* de solidariedade. Porém, no trecho a seguir, percebemos que o *ethos* de autoafirmação também reforça esse papel de instrutora, uma imagem assumida pelas mulheres que estão na torcida há mais tempo e entendem que existem maneiras de conquistar espaço dentro dessas agremiações. Vejamos:

> [...] então eu acho que não é falar... eu quero isso... eu quero aquilo... eu quero... não... é fazer por onde ter... entendeu? e lá a gente tá fazendo... é isso lá a gente tá correndo atrás... tá colocando menina na bateria... tá colocando a menina para participar de faixa... essas coisas assim... entendeu? eu acho que correr atrás mesmo... é:::: não sei... acho que talvez seja válido isso... entendeu? é::: a gente deixou de fechar... entendeu?... a torcida organizada pegar e formar só um bloquinho de gente... entendeu? (TORCEDORA08, eixo de crítica e de pertencimento).

Percebemos que os depoimentos se entrecruzam em movimentos endocêntricos e exocêntricos a cada torcedora que sobe no palco, pois, de acordo com Charaudeau (2016), o sentido é interpelado pelos signos na tentativa de significar pela estrutura da palavra, ao mesmo tempo, ele é parte da simbolização referencial que significa na relação com outros signos. Assim, o sentido tenta se fixar, mas a série de atividades que se impõe impede que isso aconteça com tanta veemência. Por isso, mesmo em um evento que propõe tratar dos obstáculos enfrentados pelas mulheres nas arquibancadas, um grande número de torcedoras constrói uma imagem de credibilidade de suas torcidas nessa prática social. Vejamos:

> [...] a gente tá trazendo todo mundo e tá bem interessante... tá bem legal... tá dando certo... e com apoio da diretoria... tá massa... a gente tá correndo lado a lado com a torcida... e tá dando super certo e é isso aí (TORCEDORA08, eixo de pertencimento).

O *ethos* de autoafirmação é ativado quando o sujeito procura demonstrar saber fazer por meio de determinadas habilidades. É o que acontece nos depoimentos em que as torcedoras comparam o saber fazer das mulheres com o dos homens nas arquibancadas, como no trecho a seguir:

> [...] a gente tem o apoio e a gente tá em busca disso... de melhorar... de mostrar que a mulher pode... que mulher faz... que mulher canta mais alto que homem... canta muito e é isso aí (TORCEDORA07, eixo de pertencimento).

Para a mulher garantir seu espaço na torcida ela precisa cantar mais alto – e mais, elas precisam organizar, em 2017, um evento para discutir os efeitos que a presença delas causam nesse meio reconhecido socialmente como espaço de masculinidades. Com isso, elas repudiam as tentativas de regularem até mesmo os modos de vestir, como a torcedora02, que apresenta em seu depoimento uma imagem de revolta perpassada pela imagem de competência, ou seja, não é o que elas vestem que define se podem ou não estarem presentes na arquibancada – pelo menos não deveria ser assim.

O *ethos* de autoafirmação é fortemente marcado no eixo de pertencimento, quando as torcedoras expõem seus cargos dentro de suas torcidas. Como no caso a seguir:

> eu sou diretora/vice diretora administrativa... diretora de batalhão... batalhão feminino da torcida (TORCEDORA12, eixo de pertencimento).

Essa mesma torcedora busca, na história do clube, justificativa para comprovar que sua torcida é receptiva às mulheres, assim como o clube, reforçando o *ethos* de autoafirmação da mulher como torcedora – ocupando espaços importantes fora das arquibancadas. Vejamos:

> [...] tem uma menina da torcida que era musa do time em 2010/2011... hoje além de torcedora... ela é segunda secretária do conselho deliberativo do clube (TORCEDORA12, eixo de pertencimento).

A autoafirmação também é representada pela união entre as mulheres torcedoras e, consequentemente, pelo imaginário de que “lugar de mulher é onde ela quiser”, como no trecho a seguir:

> [...] eu adoro beber minha cerveja e a gente bebe pra caramba mesmo... e torce também na mesma intensidade (...) a gente trouxe na nossa mala aí... shortinho... regata da torcida... porque amanhã 11 horas o Botafogo joga... 11 horas da manhã gente... vai tá muito quente... vai ter shortinho... vai ter top... vai ter gente/a gente vai como a gente quiser... quem se incomodar que olha pro outro lado... vai embora... mete o pé... entendeu? ninguém vai decidir o que a gente vai vestir nem o quanto a gente vai beber (TORCEDORA10, eixo de pertencimento e de crítica).

A imagem de liberdade constitui o *ethos* de autoafirmação da torcedora, pois, assim, ela pode defender o modo de pertencimento da mulher em relação aos imaginários de futebol como "coisa" para homem. Para finalizarmos esse tópico, retomamos o seguinte depoimento:

> [...] como antigamente a gente era criticada... e hoje em dia a gente tem nosso espaço... a gente leva a bandeira... a gente leva a bateria... caravana não existe... caravana é raça... a gente tá dentro... é feminino... porque a gente abrilhanta realmente sabe? a gente tem essa:::/esse poder de tá lá... do mesmo jeito que eles também cantam... nós cantamos... do mesmo jeito que a bandeira tremula... nós tremulamos entendeu? (TORCEDORA04, eixo de pertencimento).

A torcedora04 traça uma imagem de resiliência, ao apresentar a mudança que ela vivenciou nessa prática, para isso a depoente evoca o saber de experiência, reforçando as conquistas das torcedoras, mas mantendo o imaginário de que a mulher está nesse lugar para "abrilhantar".

O que se vive nas arquibancadas é para o torcedor algo indescritível, mas seria possível descrever esse sentimento? Qual a necessidade de se fazer isso? Quando entendemos as imagens construídas, compreendemos as intenções e as finalidades de certos discursos, ou seja, como eles estão inseridos em práticas sociais. Em concordância com Moraes (2017), entendemos que quando se designa o Brasil como "país do futebol" não se pode excluir as mulheres desse lugar. Diferentemente do que a história nos mostra, pois nem sempre elas se sentem inseridas.

As imagens evocadas no discurso da torcedora permitem entendermos que a ação do torcer é escolha, principalmente, das mulheres que defendem suas torcidas e seus modos de torcer. Mas a própria ação de torcer impõe aos sujeitos imagens de respeito, de responsabilidade, de preocupação, entre outras imagens relacionadas ao "ser torcedor", independentemente da questão de gênero.

O EUe evoca experiências positivas para que a imagem de autoridade seja vista como uma imagem de respeito, o que não interfere no *ethos* de autoafirmação que, na maioria das vezes, reforça a mulher podendo torcer como quiser e fazendo isso da maneira que achar adequado. Vimos que as mulheres sempre estiveram nas arquibancadas, inseridas em diferentes formas de torcer, em tempos e momentos históricos diversos. Assim, as

imagens discursivas das torcedoras analisadas apontam um conflito entre a submissão aos modos de torcer institucionalizados e ditados pela torcida com a vontade de se autoafirmar competente para tal ação.

Nesse entremeio, há uma tentativa de normatizar modos estereotipados e preconceituosos de vivenciar a ação de torcer, principalmente às mulheres, que ainda precisam provar o tempo todo que são competentes para participarem ativamente dessa prática social. Além disso, elas também precisam ser solidárias com outras mulheres e manterem o *ethos* de caráter firme diante da possibilidade de naturalização do machismo nas arquibancadas – imaginários apoiados no saber de revelação, em que o papel das mulheres é de abrilhantar, fazer ação social e limpar a sede.

Na assembleia do Encontro de Mulheres de Arquibancada, há um rompimento com esse imaginário, como veremos a seguir:

> [...] não é desrespeito com nossos diretores... com a nossa liderança... mas a gente deixa claro que a gente tá pra representar... nós temos mulheres na pista... nós temos mulheres na pista (...) mulheres que estão todo dia na sede... num é pra fazer limpeza não... ficar fazendo faxina... porque a torcid/o comando feminino não limpa sede não... quem limpa é os caras (TORCEDORA03, eixo de pertencimento).

Os papéis da mulher nessa prática social, especificamente nas torcidas organizadas, são traçados pelo EUe que evoca o saber de revelação para dizer que, se um dia elas foram as responsáveis pela limpeza da sede, isso mudou. O *ethos* de autoafirmação é perpassado pela imagem de respeito com quem ela acredita ser autoridade: a liderança da sua torcida.

O *ethos* de autoafirmação representa a necessidade de reforçar que esse é um espaço para as mulheres, se entrelaçando com o *ethos* de caráter, em que o EUe apresenta o orgulho de pertencer a algo indescritível. Como vimos, o EUe busca reforçar imagens de coragem, orgulho, representatividade, compreensão, resiliência, entre outras, mas, ao mesmo tempo, reafirma imagens de medo, de indignação e de revolta. Essa flexibilidade nos faz entender que essas imagens se entrelaçam na construção de identidades, como veremos na sequência de nossas análises.

5.4 A construção de identidades: uma relação com as formas de torcer

O sujeito se constrói na e pela linguagem por meio da sociabilidade, da significação do mundo e dos valores ditos. Já a identidade sofre os efeitos dessa construção em que o sentido é coletivo, o compartilhamento é instável e as fronteiras são influenciadas e não precisas. Nesse contexto, o discurso precisa da identidade social para evidenciar o sujeito, enquanto a identidade discursiva está na relação do Eu com o Tu.

A vontade de torcer está além do uso de objetos que simbolizam os times, ela está na maneira como esses símbolos identificam os modos de torcer. Não se é torcedor apenas por usar a camisa do time, principalmente no caso das mulheres, pois elas precisam provar que são competentes, humanas, solidárias e dignas desse espaço, por vezes negado pelo simples fato de serem mulheres.

É na busca pela identidade torcedora, como parte da identidade que reproduz o imaginário de Brasil como país do futebol, que essas mulheres rejeitam alguns modos de torcer, impostos até então, e se aproximam de outros. Com isso, não há uma única identidade, pois as torcedoras pertencem a grupos diferentes e evocam imagens para reforçar esse pertencimento. Porém, há fatores que aproximam essas mulheres – problemas de outras práticas sociais que se estabelecem também nas arquibancadas.

A identidade social é delimitada por sujeitos pertencentes a grupos distintos, com valores, códigos e atitudes próprios a esses grupos. Assim, os problemas partilhados nos diferentes modos de pertencer às torcidas transformam as necessidades individuais em totalidade. O sentimento em comum faz desse grupo um coletivo com papéis importantes dentro de suas torcidas: lutar contra o machismo e o assédio nas arquibancadas.

Dessa maneira, a questão de gênero se impõe para pensarmos na construção de identidade, ao mesmo tempo social e discursiva, em um espaço de conflito entre masculinidades e feminilidades. A ação de torcer está relacionada com a emoção, portanto, não se resume em gestos e movimentos, pois o torcedor é parte do jogo de futebol. Nas torcidas, principalmente nas organizadas, o uso da farda (calça, camisa da torcida e boné) é uma maneira de marcar a presença desses torcedores nas

arquibancadas, indo além de uma simples vestimenta. A torcedora01 não questiona a obrigatoriedade desse uso, mas o modo como ela é confeccionada:

> [...] a nossa blus/a nossa blusa diferenciada::: sou magrela.../ o P masculino não cabe... vai ficar horroroso (TORCEDORA01, eixo de denúncia).

A torcedora05 também faz uma sugestão em relação aos modos de vestir, reforçando o imaginário de que eles são pensados para os homens, já que o futebol é visto como "coisa de homens". A sugestão dela é direcionada para os clubes, e não para a torcida organizada, supondo que exista uma roupa de torcedor "comum", diferente da roupa de torcedor de "organizada". Vejamos:

> [...] a sugestão que eu trago aqui... é mais pro clube e/também pros clubes em geral... na roupa de torcedor mesmo... a/da loja lá do clube... cara... não tem roupa de mulher... é muito pouco... é só uma camisetinha P... mas assim... não tem... que nem eu já vi do Grêmio... sapato de salto alto... porra... quem não queria ter um sapato com escudo do clube... não é todo mundo que tem (TORCEDORA05, eixo de pertencimento).

O fato de as torcedoras abordarem a questão da roupa, mesmo que de modos diferentes, sugere um espaço de conflito entre as feminilidades e as masculinidades envolvidas nessa prática social. Discursivamente, os imaginários de roupas para homens e roupas para mulheres são naturalizados em uma sociedade que, historicamente, o homem dita regras. Nessa cultura patriarcal, a mulher é submetida a padrões de vestimenta, além das regularidades em relação aos gestos e à estética. Não é à toa que, em alguns depoimentos, a relação da mulher com o embelezamento do espaço das arquibancadas é reforçado pelas próprias mulheres.

Diferentemente dos torcedores, as torcedoras ainda precisam reivindicar camisas de futebol que fiquem adequadas ao seu corpo. Porém, elas querem mais, elas querem garantir a feminilidade nesse espaço em que as práticas de torcer se misturam com a identidade do masculino (BANDEIRA; SFFNER, 2018). Para os autores, a identidade do torcedor se confunde com a identidade do masculino, o que, no âmbito discursivo, é resultado da construção de imaginários que associam o futebol às masculinidades. As masculinidades são reproduzidas, assim como nas músicas cantadas nas arquibancadas, nos xingamentos direcionados aos jogadores e aos torcedores rivais, também nos discursos da assembleia do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada.

O que foi vivenciado pelas mulheres participantes do evento é exposto sob a influência dos saberes de experiência, em que elas demonstram a arquibancada como um espaço de aprendizado. Algumas delas propõem mudanças nesse espaço em específico, como no trecho a seguir:

> [...] a gente pensou... tipo... sabe... num movimento das mulheres de torcida pelo Brasil... então... tipo... sei lá... esse mês a gente vai fazer uma campanha x... e aí todo mundo leva umas faixas sobre ah::: a violência no estádio... enfim... a gente pensou em jogar essa voz pro estádio... a gente montar umas campanhas unificadas (TORCEDORA14, eixo de pertencimento).

Dessa maneira, ela busca romper com o imaginário do masculino no futebol, ao propor levar "a voz feminina" para os estádios. Isso também acontece quando as práticas das mulheres são questionadas pelos homens, como aconteceu com essa torcedora, que expôs uma situação em que os torcedores questionaram a atitude das torcedoras, levantando a questão da autorização. O modo como ela reage a esse relato é com indignação, porém, para os homens da torcida dela, eram elas que estavam rompendo com o imaginário da mulher no estádio – uma caricatura.

De acordo com Bandeira e Sffner (2018), o homem não é questionado, assim, em nossas análises entendemos que o saber de revelação se impõe sobre o saber de experiência, que exclui as mulheres da prática ativa, enquanto o homem é autorizado a dizer o que pode e o que não pode na torcida. Há tentativas de romper com a influência desse imaginário, pois as torcedoras participantes da assembleia estão, de um modo geral, em busca de legitimar esse espaço, mesmo que isso desestabilize o imaginário de "coisa de homem".

O Encontro de Mulheres de Arquibancada, em sua primeira edição, é um marco em relação aos modos de torcer. As falas da assembleia estão atravessadas pelo *ethos* de caráter, do qual imagens de coragem e de orgulho se depreendem das falas para representar a mulher conselheira e a sua representatividade diante das responsabilidades como torcedora. Além disso, o *ethos* de solidariedade evoca imagens de compreensão, de acolhimento, de resistência, ou seja, são imagens que reforçam o pertencimento dessas mulheres a esse espaço, por vezes negado a elas pelo simples fato de serem mulheres.

A proibição é um saber revelado, não se busca sua raiz ou sua justificativa, se respeita para pertencer. Assim, o *ethos* de autoafirmação, que se desdobra pelos três eixos – pertencimento, crítica e denúncia –, é visto por nós como principal construtor dessas imagens reveladas por esses enunciadores. Enfim, sendo ou não torcedora, a imagem da mulher nesse espaço ainda incomoda. Em uma tentativa de aproximação aos modos de torcer institucionalizados, elas também precisam romper com imaginários atravessados pelo machismo e preconceitos que são concretizados, muitas das vezes, em assédio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos imersos em um universo de discursos perpassados por imaginários. No dito, as identidades se revelam e se transformam para construir sentidos. Esses sentidos são atravessados por imagens de si, construídas discursivamente para convencer o outro e a si mesmo das necessidades de mudança do "real" – que se faz ficção no entrelaçar dos sentidos e desperta os olhares dos analistas para marcas de preconceitos, mas também para pistas relacionadas às mudanças sociais.

As torcedoras descrevem, narram e argumentam por meio dos saberes de experiência dos quais elas encontram materialidades para justificarem as tensões e negociações, que Moraes (2017) aborda com profundidade na perspectiva social, pois, para a pesquisadora, são esses gestos que possibilitam a permanência dessas mulheres nas arquibancadas. Neste trabalho, o exterior importa, assim como o interior à linguagem, já que, discursivamente, essas mulheres reforçam o lugar de mulher ao mesmo tempo em que refutam o "coisa de homem". Mas isso ainda não retira o protagonismo dos homens, que ainda ditam o que se pode e o que não se dizer/fazer no meio futebolístico, principalmente, dentro das torcidas.

O futebol é um lugar que, para o brasileiro, é reconhecido como parte do povo, no senso comum, o "país do futebol". Mas que lugar é esse que nega às mulheres ações das quais não se justifica o proibir? Por vezes, em nosso *corpus*, imagens de revolta são evocadas para traçar críticas aos modos de torcer que se impõem nas arquibancadas. Por outras vezes, essas imagens são substituídas por afetividade e acolhimento, principalmente em relação às torcidas organizadas, nas quais as torcedoras se sentem protegidas pelos homens, emergindo um sentimento de liberdade.

Com essa dissertação, entendemos que existe um conflito entre o pertencer autorizado e o não autorizado discursivamente. Há uma identidade que tenta se reformular diante de sujeitos que partilham dos mesmos problemas, mas também são delimitados pelo pertencimento a grupos com valores próprios. Enfim, o simples fato de as mulheres estarem em espaços reconhecidos socialmente como "coisa de homem" incomoda.

O futebol é um desses lugares, no qual a torcedora, a jogadora, a jornalista, a árbitra, entre outras mulheres presentes nesse meio ainda precisam reforçar seu direito de estar ali, mesmo que isso não seja mais negado por lei, como no caso da jogadora, ou por qualquer outra regra social transpassada pelo saber de revelação.

As imagens discursivas sobre e das mulheres que participaram do Encontro emergem para nós de 3 eixos: pertencimento, denúncia e crítica. Entrelaçados, esses eixos tomam como base o eixo de pertencimento, pois as torcedoras evocam imagens de orgulho, de coragem, de acolhimento — representações do que elas acreditam serem formas de torcer ideais nas arquibancadas para demonstrarem o modo como elas pertencem, ou não, às torcidas, mas, também, às arquibancadas, considerando esse espaço discursivamente. Essas imagens são identificadas a partir dos *ethé* formados por caráter, solidariedade e autoafirmação, em que, nesse caso, a autoafirmação é a principal construção *etótica* nos depoimentos, já que ela é atravessada pelos outros *ethé*.

As representações enunciativas das torcedoras são evidenciadas pelos imaginários sociodiscursivos e pelas construções *etóticas.* Além disso, o discurso sobre o papel da torcedora no meio futebolístico é essencial para que as torcedoras apresentem suas relações com a torcida, a arquibancada e o clube, sejam elas internas, sejam externas à linguagem.

O intuito do Encontro de Mulheres de Arquibancada foi reunir as torcedoras de diferentes regiões do Brasil para discutirem sobre problemas que envolvem o dia a dia nas torcidas e nas arquibancadas dos estádios de futebol. Muitas dessas torcedoras levaram para a assembleia propostas reforçadas no decorrer dos depoimentos, que posteriormente foram aplicadas e desenvolvidas com encontros regionais. Porém, em 2019, o Movimento Mulheres de Arquibancada anunciou o rompimento das relações entre algumas organizadoras, com isso, surgiu o Movimento Feminino de Arquibancada, que manteve os encontros regionais e promoveu novos encontros nacionais. É importante ressaltarmos que o movimento inicial não foi finalizado, mas não há atividades propostas desde o 2º Encontro, que aconteceu em 2018.

Diante dessa realidade, esta pesquisa é uma das muitas possibilidades de entendermos as construções discursivas das imagens que esse grupo e as mulheres participantes dos

encontros posteriores representam. Com isso, novos trabalhos, envolvendo entrevistas e análise dos encontros, podem traçar outras perspectivas no âmbito discursivo. Além disso, estamos diante de um *corpus* do qual outros olhares são possíveis, uma oportunidade para as diferentes aplicações disponíveis pela Análise do Discurso e também por outras áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Thiago M. de. *Máfia azul:* as imagens discursivas dos líderes da torcida organizada. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2014a, p. 9-28.

AMOSSY, Ruth. O ethos na interseção das disciplinas: retórica, pragmática sociologia do campo. In AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2014b, p.119-144.

BANDEIRA, Gustavo A.; SFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. v. 9, n. 14. p. 284-301. *Mosaico*, 2018.

BERALDO, Beatriz. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. *Anais* COMUNICON. São Paulo: PPGCOM ESPM, 2014.

CAMPOS, Priscila Augusta F. Mulheres torcedoras do cruzeiro esporte clube presentes no mineirão. *Dissertação* (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. v. 10. UFRJ. Rio de Janeiro: *Revista Diadorim*/ Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2011. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Dize-me-qual-e-teu-corpus-eu-te.html> Acesso em: 13 ago. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade Linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, Glaucia P; LIMBERTI, Rita P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. Editora contexto, 2015. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-linguistica-identidade.html> Acesso em: 13 ago 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro : *Contra Capa*, 2009, p. 309-326. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html> Acesso em: 13 ago 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Situação de enunciação, situacional (nível-) (verbete). In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. Trad. Fabiana Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2014. p. 453.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In : PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso*: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

COSTA, Leda M. da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto representação do público feminino de futebol. *Revista Esporte e Sociedade*. v. 2, n. 4, 2007.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In. AMOSSY, Ruth (Org.) *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2014. p. 29-56.

GOELLNER, Silvana V. Pode a mulher praticar futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). *Futebol:* paixão e política. Rio de Janeiro: SEPE: DP&A, 2000. p. 79-93.

MAIA, Jader Gontijo. Imaginários do discurso político e a construção da identidade: um estudo sobre narrativas de vida na entrevista política. *Tese* (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

MAINGUENEAU. Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discursos e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese do Discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In. AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso:* a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2014. p.69-92.

MENDES, Bárbara Gonçalves. Flávias, fernandas e marias, sem chuteiras: a inserção de mulheres em Torcidas Organizadas de Futebol em Belo Horizonte/MG. *Dissertação* (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015

MORAES, Carolina F. As torcedoras querem torcer: tensões e negociações da presença das mulheres nas arquibancadas de futebol. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (*Anais Eletrônicos*), Florianópolis, 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

PIAZZI, Giulia Sampaio. Bolas de papel e jogadas editoriais: os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930. *Dissertação* (Mestrado em Estudos de

Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

PINTO, Maurício R. Pelo direito de torcer: as histórias de coletivos e movimentos de torcedorxs contrários à homofobia e ao machismo no futebol. XII Encontro Regional Sudeste de História Oral. Alteridade em tempos de (In)certeza: Escutas Sensíveis. *Anais*, UFMG, 2017.

PRETI, Dino (Org.) et al. *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH / USP, 1999, p. 19-20.

TOLEDO, L. H. Torcer: metafísica do homem comum. *Revista de História* (USP), v. 163, p. 175-189, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. Gêneros orais – Conceituação e caracterização. In *Anais* do SILEL, vol. 3, n° 1. XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 1-8. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1528.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ANEXO 1

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas re TÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s,r)	::podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestareos... éh ::: ... dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que faze m com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos transcritor	((minúscula))	((tossiu))

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 DF

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Comentários que quebram a seqÜência temática da exposição; desvio temático	- - - -	...a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as linhas	A.na [casa da sua irmã B. [sexta-feira? A.fizem [LÁ... B. [cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre *nós"*...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah,éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase.*
7. podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::...(*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto- e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

ANEXO II

TORCEDORA 01

Pode começar? (...) (Mari)...(pode começar) (...)... bom dia... éh:: meu nome é torcedora01 ((risos))... torcida do Flamengo néh... faço parte da urubuzada... (inaudível) éh:::: sempre flamengo néh mas eu tenho 9 anos de/de torcida... eu nunca tive --não vou ser hipócrita-- nunca tive problemas de machismo:: ... de:::: ser diminuída por ser mulher em/em nada na minha torcida... nem... em/em na bancada... eu tenho voz desde o momento -- a urubuzada é uma torcida que ela é aberta -- as mulheres têm voz... temos o nosso... temos o nosso lugar... eu tenho um cargo de diretoria na torcida... e a gente faz... a gente::... ajuda... acho... -- acredito sim-- ... a gente precisa melhorar... a gente vive de uma cultura do machismo e a gente acaba achando natural ser diminuída por ser mulher... e/ não é natural isso... acho que a gente tem que chegar junto como a gente faz /quando -- é muito normal às vezes -- vai ter um evento:: alguma coisa... "ah homem é assim assim" mas espera aí gente... as mulheres e cadê a nossa blusa/a nossa blusa diferenciada:: sou magrela... /o p masculino não cabe vai ficar horroroso... então a gen/ a gente tem que melhorar isso... -- as/assim tô meio sem saber muito ((risos)) o que falar por ser a primeira -- mas a gente tem…gen/ -- acho que é isso... alguma coisa, V.? – (...) ((inaudível)) (...) não como a menina da raça falou... a gente ajuda também pega no material toca na bateria bandeira:: (...) ((viagem)) (...) viagem:: ah esse é/ é um ponto que é uma/ahn:::… a minha torcida não é muito aberta para mulheres viajarem em alguns:: em alguns jogos -- é uma opinião pessoal minha-- eu acho que a gente tem o direito de escolher... eu assumo o risco de ir em tal jogo... mas a gente tá/... --pelo menos eu-- é uma guerra que eu tô comprando e eu quero levar isso -- a gente tem... já tem conversado -- fazer uma/algumas propostas... chegar algumas propostas na diretoria... para melhorar um pouquinho... pra melhorar um pouquinho isso... hoje temos duas mulheres na diretoria da torcida e a gente quer mudar algumas coisinhas::... e botar a mulherada (...) (inaudível) (...) hoje em dia na/na nossa torcida tem em média 280 mulheres cadastradas::... e:: somos atuantes... somos bem atuantes inclusive... eu sou a diretora de comunicação da torcida... (então) o que vai para as redes tem que passar pela minha mão ((risos))... acho que é isso... ((aplausos)) obrigada

TORCEDORA 02

Sou grande! Éh:::: primeiro bom dia! É um prazerzão tá aqui... muito massa ver toda essa galera aqui junta sem clubismo... é::: torcedor rival um do lado do outro muito legal eu fico super honrada... éh:: uhul... éh::: então galera... eu acho que é primeira coisa... bom, vou me apresentar... ne? É:::: sou da torcida os fanáticos do Atlético Paranaense... lá de Curitiba… é::: acredito que não temos a voz que gostaríamos... mas aos poucos a gente tá lutando para chegar la... tá? Éh::: queria falar pra's mulheres mesmo... éh::: acho que a primeira coisa que a gente tem que ser... é nós mulheres deixarmos de ser machistas... porque coisa que a gente escuta... e não é na minha torcida... não é em uma ou duas torcidas... é em todas: "ah, tal menina ali tá colando aqui... mas é puta"... por que que ela é puta? Quem é você para falar isso? E::/se/ ela faz o que ela quer... por que que ela não pode gostar de futebol e ficar com os cara que ela quer? Qual o problema disso aí? não tem problema nenhum! Então eu acho que nós mulheres precisamos parar de ser machistas e tá dentro da nossa torcida... dentro da bancada... de braços abertos pra acolher quem quiser vir... o nosso foco é o futebol... e a paixão pelo futebol não é o meu pessoal que vai falar se eu gosto não de futebol.... então... a gente entende de futebol... a gente usa short... a gente usa blusinha... a gente

usa decote... batom vermelho e não interessa aonde... nós gostamos de futebol... nosso foco é o futebol... então a gente tem que parar de ser machista nós mulheres… e abrir os braços para colher todo mundo... que esse é o primeiro passo pra não ter machismo dos homens... é nós não sermos mulheres... nós não sermos machistas... sermos mulheres, feministas... e esse é o meu recado... é nóis

TORCEDORA 03

Bom dia pra todos! ((Bom dia!)) Esse encontro... ele é um marco para nós mulheres que somos de arquibancada... que estamos na caminhada... há muito tempo... que nós já estamos na caminhada há muito tempo... há pouco tempo... as que só chegaram agora... as que são raízes... as que chegaram com alguém… éh::: a importância da mulher... dentro da torcida organizada... eu descrevo pela minha torcida... ah::: eu não me apresentei... eu sou a Torcedora03 da torcida da Jovem da Ponte Preta a torcida Jovem é meu maior... e:::: eu descrevo... eu falo para vocês... não sei não sei como é dentro da torcida de vocês... eu posso dizer pela minha: na minha nós temos liberdade... nós temos espaço... nós brigamos por isso... nós representamos... nós não/somos... não é só cobrar você tem direito e tem deveres você tem que representar sua entidade... infelizmente... não é só mulherada tem homem também claro... mas... hoje em dia... eu tenho 18 anos de torcida organizada... graças a Deus muito bem vividos... e::: as pessoas perderam um pouquinho do:::/da ideologia... eu sempre falo com as meninas… é::: véspera de jogo... eu já comento: “oh... tem que chegar pegar a bandeira... tem que ficar atenta onde tá a bandeira... retirar guardar colocar no lugar seguro” ... tem gente que hoje não se importa nem se a bandeira entrou dentro do estádio... aonde que está a bandeira da torcida... isso não é um problema feminino... é um problema geral... infelizmente hoje em dia nas torcidas organizadas... acredito que muitas estão vivendo isso... e:: eu graças a Deus... eu tenho a honra de poder orientar as meninas da Torcida Jovem da Ponte a maioria delas já tão muito bem encaminhadas... elas têm ideologia sim... as que não têm a gente faz ter... porque na hora que a gente chega lá na diretoria pra cobrar... a gente chega falando português claro com os “dois pés no peito”... porque a gente tem razão em cobrar o quê a gente tá cobrando… éh::: a gente teve o apoio dos meninos pra a gente tá aqui... infelizmente a gente não pode trazer o nosso representante... mas a gente teve total apoio dos meninos... porque eles sabem que o Comando Feminino e as Minas da Jovem… elas representam... nós estamos aqui hoje com as meninas da Torcida Jovem eu falei que não não estamos representando bonde... comando nenhum... porque::: quando chega a menina nova na torcida... o pessoal olha meio torto... “ah não sei quê”… não... lá na Torcida Jovem a gente já fala: “vamu chegar... vamu trazer pra gente... vamos trazer/fazer ela conhecer a história da torcida”... porque isso é muito interessante conhecer a história da torcida... a minha tem 48 anos de história... então eu tenho história pra caramba pra contar... então eu faço questão que todas conheçam a história da torcida... como eu disse no começo... não é só cobrar... também tem seus deveres para com a entidade... éh:::: eu desejo que::: que todas as meninas que têm problemas/esse tipo de::: sofre muito machismo dentro da torcida... que vocês consigam sair daqui com a mente bem aberta... levar isso para dentro da entidade de vocês… porque::: eu sou uma pessoa muito feliz em poder representar minha torcida em

qualquer lugar... de ter um espaço que eu tenho dentro da minha torcida... as meninas têm dentro da torcida... nós temos mulheres que já foram diretoras... é::/o:::: caravana que não pode/ é:::: eles tentam não levar né?... mas a gente fala: “a gente vai!”... “ah::: mas”.... chega lá na hora a gente tá lá na porta... não é um desrespeito para com os diretores... com a nossa liderança... mas a gente deixa bem claro que a gente tá pra representar... nós temos mulheres na pista... nós temos mulheres na pista... a gente tem é:: mulheres que estão todo dia na sede… num é pra fazer limpeza não... ficar fazendo faxina... porque a torcida/ o comando feminino não limpa sede não... quem limpa é os caras

TORCEDORA 04

Bom dia a todos... meu nome é Torcedora04, é::: sou da Raça Rubro-Negra... mas estou aqui representando uma região... né? Então vamos lá! Off Rio...Off Rio é uma coisa que não sei se todas vivem... né? A gente vive e:: têm 15 anos gente... que eu sou diretora de uma Off Rio junto com um cara... o Dé… o “Gordão”... gente é uma coisa que somos muito criticadas... mas muito muito muito muito... eu tô aqui em seis meses... esperando a Raçaela ((risos)) a Rafaela ((risos da torcedora04)) ((aplausos)) valeu... eu tô até emocionada... sabe? porque é uma luta que a gente tem diariamente... e::: a gente tenta sempre... e:: eu tenho 22 anos de bancada gente... como mudou... como antigamente a gente era criticada... e hoje em dia a gente tem nosso espaço... a gente leva a bandeira... a gente leva a bateria... caravana não existe... caravana é raça... a gente tá dentro... é feminino... porque a gente abrilhanta realmente sabe? a gente tem essa:::/esse poder de tá lá... do mesmo jeito que eles também cantam... nós cantamos... do mesmo jeito que a bandeira tremula... nós tremulamos entendeu? então assim, a:::/ o:: Off Rio... é complicado porque a gente tem que ter um apoio da diretoria tanto do Rio... ou de São Paulo etc e do clube... e a gente não tem isso... a gente faz por amor mesmo... acho que todo mundo que tá aqui... tá na mesma luta... é um amor ao clube... não/cada um… eu sou Flamengo... mas eu sou raça pelo Flamengo... como têm todos os outros times... então a gente pensa que se a gente tivesse um pouquinho mais de incentivo de todos... a gente estaria num patamar muito maior… como em 2017 a gente tá tendo nosso primeiro encontro de mulheres... então assim... acho que a tendência, é só a gente melhorar, e cabe a nós e os futuros, né?... e as futuras, é::: a gente poder tá dando a nossa voz... uma coisa importante... a gente leva nossos filhos pra estágio… “será que tem um local para a gente poder ter a segurança do nosso filho?”... “será que na bancada a gente tem a segurança disso?” … cabe a nós fazermos essa segurança... e eu acho que hoje em dia... toda a torcida organizada... todo time tem que pensar um pouquinho no lado tanto feminino quanto no masculino... lógico junto a gente é mais forte tanto homem quanto mulher como ela falou “a gente tem sede?... temos”... mar (mas) quem lava não somos nós... isso é fato... a gente tem uma (um) outro patamar... mas a gente faz material? fazemos! nosso material aqui... porra... tava olhando ali... na moral... não tem igual velho! mulher pensa muito muito à frente... cada um tem uma liderança... a gente tem/ cada um tem um mascote que é uma coisa que hoje em dia... deixando um pouquinho de lado... mascote é massa velho... mascote é uma coisa que...

a gente tem que unir mais... e as mulheres têm que ter esse poder…. dentro da torcida falar: “a gente a gente quer material assim”... a gente usa calça legging mesmo... a gente não tem que usar sua bermudão não… então a gente ser um pouquinho mais feminina... mas com atitude mesmo! 22 anos de bancada não é para qualquer uma gente! acho que tem muitas aqui que também participam... a gente já tomou mijada na cabeça na época de Maracanã... que tinha/ que era embaixo e nunca deixamos estar lá representando... então acho que esse é o primeiro de muitos, espero que todas as meninas também conscientizem, e vamos nessa, vamos nessa que:: acho que a ideia, a proposta que elas fizeram foi boa, viu gente... muito obrigado aí

TORCEDORA 05

Bom dia pessoal! então, é::: já/ ela já falou… Torcedora05… do Império Alviverde de Curitiba e do Clube Coritiba... diante de tudo que já foi falado eu vou concordar com algumas coisas pra não ficar repetitivo... a nossa torcida a mulher tem espaço sim… também tá na bateria... também tá em viagem de guerra... vamos colocar naquela/como algumas viagens são chamadas entre torcida organizada... mas... a sugestão que eu trago aqui... é mais pro clube e/também pros clubes em geral na roupa de torcedor mesmo... a/da loja lá do clube... cara... não tem roupa de mulher... é muito pouco... é só uma camisetinha p... mas assim... não tem... que nem eu já vi do Grêmio... sapato de salto alto… porra!... quem não queria ter um sapato com escudo do clube? não é todo mundo que tem.... e a minha outra sugestão também/fica... é uma vertente ou um braço... é uma delegacia da mulher dentro do estádio... porque é quando você... tem o assédio lá dentro... quando alguém/vem o cara e passa a mão na tua bunda... entendeu? quando vem te chama de gostosa... só porque você tá la... você merece esse assédio… não…. então a minha sugestão é essa... um braço da delegacia da mulher lá dentro

TORCEDORA 06

Boa tarde! eu sou Torcedora06 da Mancha Azul do Avaí... e::: eu vim aqui representar as meninas como todas as mulheres que estão aqui... é::: o meu::/ meu jeito de torcer é totalmente diferente de muitas meninas que chegaram hoje... que acham que “ah não a mulher tá ali que é para isso... que era aquilo”... mas a gente querendo ou não... a gente tem que fazer o nosso espaço na torcida... é:::: muitas mulheres vêm e ficam assim: “ah eu tenho medo de chegar”... têm mulheres que ficam/que querem levar uma amiga... mas amiga diz: “ah não, mas lá a gente vai sofrer isso... vai sofrer tal preconceito... vou ser chamada de vagabunda... vou levar apelido que eu não tenho... vou ter fama que eu não tenho” … a gente tem que chegar e enfrentar... a gente tem que ter o nosso espaço na torcida... porque se a gente não chegar e não debater de frente com os medos que a gente tem... a gente nunca vai conseguir nada… e hoje em dia... a mulher tem espaço sim em torcida organizada... e na Mancha Azul a gente também tem... a gente participa de arquibancada... participa de bateria... participa de viagem participa de tudo que a gente quiser tá junto... ação social a gente vai também... então é isso que eu tenho a passar aí... e como a Torcedora05 da Império falou que também concordo em ter delegacia da mulher dentro do estádio sim

TORCEDORA 07

Bom dia! Ahn::: primeiramente eu queria dizer que é um prazer estar com vocês aqui hoje... ahn::: acredito que é um grande passo para nós mulheres poder tá representando

nossos times... nossas torcidas e:::/é movimento... é assim enorme... ahn::/eu tô representando a Mancha Verde do Juventude... ahn:: na minha torcida a gente tem todo o apoio... tanto que a gente tá aqui hoje com o apoio do nosso presidente 100%... E::: a gente tem espaço... a gente tem espaço... assim como a gente tem deveres a gente tá viajando junto... a gente pega junto... as mulheres têm o espaço na torcida... tô nervosa ((risos)) ((relaxa))... a gente tem totalmente o nosso espaço... e a gente está cada vez mais em busca disso... a união... porque o respeito a gente tem... o espaço também... e eles acreditam em nós... eles dão força pra gente querer puxar junto... pra a gente querer ir pra viagem... pra tudo… a gente tem o apoio e a gente tá em busca disso... de melhorar... de mostrar que a mulher pode... que mulher faz... que mulher canta mais alto que homem... canta muito e é isso aí

TORCEDORA 08

Então... eu sou a Torcedora08 da Força Jovem do Goiás... é:::: venho representando a torcida... tenho 19 anos de torcida organizada... e assim... é::: falar sobre mulher lá/a gente tem espaço… é::: vi aí que muitas torcidas estão falando que tem espaço fiquei muito feliz em ver… a gente tem espaço e a gente agora começou com o projeto lá... eu vou falar do projeto porque eu acho que muita coisa que já foi falada... né?... e eu vou falar dele... a gente tá com projeto feminino lá que tá englobando a torcida organizada e o restante da bancada... entendeu? no nosso caso todas as Esmeraldinas... e tá surgindo efeito enorme… porque a gente tá conseguindo... é:::: abranger todo mundo e tá fazendo uma festa legal... por exemplo... a gente tá responsável por fazer uma festa na bancada... as meninas todas se reúnem e consegue organizar... entendeu? uma ação social/uma coisa então... com isso a gente tá conseguindo respeito enorme... porque eu acho que respeito não é cê chegar aí e impor... é você conquistar... eu acho que... é::: o respeito ele é conquistado e la... no nosso caso a gente tá conseguindo… então eu acho que não é falar: “eu quero isso”... “eu quero aquilo”... “eu quero”... não... é fazer por onde ter... entendeu? e lá a gente tá fazendo... é isso lá a gente tá correndo atrás... tá colocando menina na bateria... tá colocando a menina para participar de faixa... essas coisas assim... entendeu? eu acho que correr atrás mesmo... é:::: não sei... acho que talvez seja válido isso... entendeu? é::: a gente deixou de fechar... entendeu?... a torcida organizada pegar e formar só um bloquinho de gente... entendeu? a gente tá trazendo todo mundo e tá bem interessante... tá bem legal... tá dando certo... e com apoio da diretoria... tá massa... a gente tá correndo lado a lado com a torcida... e tá dando super certo e é isso aí

TORCEDORA 09

Oi gente... eu não tenho muito a dizer... que eu não gosto muito de falar... tenho vergonha! meu nome é Torcedora09... eu sou da Interror da Inter de Limeira... eu sou única na minha torcida... então eu tô lá mais de 12 anos só eu... assim... como mulher... então eu vou/eu não tenho assim nenhum problema lá... eu tô aprendendo a tocar agora... não porque não deixaram... mas porque eu não quis... como eu tinha vergonha e comecei a pegar agora... e tô aprendendo a tocar… sempre levei bandeirão... faixa... tudo que vocês imaginarem... nunca me desrespeitaram… talvez assim... nos primeiros dias... depois passou... é que aparece assim uma menina/outra lá... só que ela passa lá pega alguém e vai embora... né? e então aí fica/e ninguém para... só eu tô lá até hoje… agora tá surgindo... talvez porque/porque a gente tá melhorando... sei lá no campeonato... acaba aparecendo certas pessoas... estão agora aparecendo mulheres... mas por enquanto... é só eu… então... eu nunca tive esse problema de/em... ir jogo de guerra... sempre sou eu e mais cem meninos... quarenta... cinquenta... duzentos... não

importa... sempre só eu... nunca me desrespeitaram... eu acho ridículo isso... tudo bem que muita gente passa mas eu nunca passei ainda bem... e é isso gente... tamo aí... tamo junto... beleza?

TORCEDORA 10

Eu também morro de vergonha de falar em público... mas ultimamente devido até o próprio trabalho que eu faço na torcida... eu tô deixando isso de lado... desencanando né?... trabalhando isso dentro de mim... porque:::: é ::: eu tenho... né... 33 anos de idade... nasci no Maracanã... moro na Tijuca... sempre fui a pé aquela coisa... estádio estádio... a minha torcida é um bebê que vai completar cinco anos agora... né? e::: eu entrei nela quando ela era mais bebezinha ainda... quando ela tinha dois aninhos de idade… e aí me apaixonei... porque como eu já frequentava os estádios e os jogos eu já conhecia... né?... já tinha amigos nela... e::: decidi... pensei assim: "agora eu achei… se eu tiver que ser de uma torcida vai ser dessa!"... porque eu me identifico com o ideal... eu adoro beber minha cerveja e a gente bebe pra caramba mesmo... e torce também na mesma intensidade... e somos muito intensos... ((risos e aplausos)) e por isso que eu acho... que a gente tá aqui e a gente tem que pensar o seguinte: "mulher do século XXI... ano 2017... vai apoiar... vai beber... vai usar roupa curta... porque quinta-feira tava 35° graus no Rio de Janeiro... e eu olhei lá no centro da cidade... toda trabalhada no social assim cara... queria tá na praia calor pra cacete... a gente trouxe na nossa mala aí... shortinho... regata da torcida... porque amanhã 11 horas o Botafogo joga... 11 horas da manhã gente... vai tá muito quente... vai ter shortinho... vai ter top... vai ter gente/a gente vai como a gente quiser... quem se incomodar que olha pro outro lado... vai embora... mete o pé... entendeu? ninguém vai decidir o que a gente vai vestir nem o quanto a gente vai beber... se a gente tiver bebendo e vomitando... vai ter outra para segurar o cabelo e pra botar no táxi pra gente ir embora ((aplausos))... a gente vai fazer o que a gente quiser... sem julgamentos... não adianta a gente vir pra cá pagar desconstruído e ficar julgando… mano... a menina pegou cinco caras... dez caras... ela vai pegar cinquenta... o corpo dela!((aplausos)) eu tenho que pensar o quê que eu vou fazer com meu... essa é minha responsa... então vamos nos desconstruir mais... "ah ela é uma bêbada"... legal... cê tá pagando a breja dela? não!... é ela que tá pagando… beleza?... "ah ela usa shortinho"... e daí? tá calor... como no frio não dá... imagine Curitiba... não dá... tem que ir até a cabeça de/de moletom... num é não menina? você pode falar… (("a gente usa meia calça")) … aí... meia calça... pô é o que dá... né? vamos dar um jeito... então gente... vamos desconstruir mesmo tá?... porque a gente tem direito como comunidade humana de fazer o que a gente quiser... tá bom? ninguém vai falar pra vocês o que vocês devem fazer... como vocês devem se comportar... respeitando próximo... não pegando nada que é dos outros... e nem --- ficando, né?... vocês têm o direito de fazer o que quiser... já chegamos até aqui iremos além… brigada... beijos e obrigada por todas terem vindo

TORCEDORA 11

Olá gente... boa tarde... meu nome é Torcedora11... eu sou de Campinas... sou da Fúria Independente do Guarani… na verdade eu tô muito contente de tá aqui hoje... porque pra mim o preconceito veio muito no começo... pela própria minha família mesmo... que lugar de mulher não é no estádio... que mulher não tem que participar de torcida organizada... e::: eu não quero nem saber... minha mãe me pôs para fora de casa quando eu fiz minha tatuagem... entendeu? e eu falei: "tá bom... vou morar na sede"... fazer o quê... né?... eu acho --- é:: como a::: a moça do Botafogo que saiu daqui agora falou... a

gente::/a gente cuida da nossa vida... certo?... ninguém vai falar que você não vai fazer que você não vai estar em lugar nenhum... a gente vai aonde a gente quiser... e::: mulher de arquibancada como ela disse também e eu vou repetir... não é vagabunda e não é vadia... entendeu?... tem muita mulher de família na arquibancada e cada um faz o que quiser com seu corpo... certo?... e eu acho que a gente tem que/a gente tem espaço nas torcidas mas falta bastante ainda... a gente vai caminhando e espaço acho que nunca é demais... a gente tem que sempre correr atrás nosso espaço... e:: tá aí pro que a gente/que a torcida precisar... sofrer com o time... chorar... dá risada... né?... comemorar e é isso... e a sugestão que eu tenho é de/de repente... a gente pensar no encontro semestral... de repente aí regional e o nacional com certeza... né?... esse não pode ser o primeiro... nem o último... né?... e é isso

TORCEDORA 12

Bom dia galera... então eu sou a Torcedora12 do/da Comando Alvinegro... lá do Espírito Santo... eu acho que a maioria que nem conhece o Espírito Santo ((risos)) muito menos a minha torcida... meu time... mas então... é porque eu vou primeiro explicar... né... porque a gente não tem apoio... não tem apoio da mídia... não tem apoio de empresa... não tem apoio de nada lá.... então tá largado... a torcida que tá levando os times de lá a continuar a tá jogando campeonato essas coisas... eu tô gaguejando porque sou bastante tímida ((risos))... aí então... vou falar um pouco da minha torcida... eu sou diretora/vice diretora administrativa... diretora de batalhão... batalhão feminino da torcida... então... lá a gente tem o espaço que gente quiser... eu não tenho nem o que falar mal... eu só tenho que falar bem da minha torcida... porque a gente tem espaço... tem uma menina da torcida que era musa do time em 2010/2011... hoje além de torcedora... ela é segunda secretária do conselho deliberativo do clube... então… tipo assim... a gente carrega material... a sede da torcida é na minha casa... minha mãe fica louca quando vai todo mundo para lá... minha mãe tipo assim... ela faz tudo também... minha mãe eu vou falar/vou falar muito bem da minha mãe aqui... tomara que ela esteja assistindo aí... ((risos)) então é isso... a gente tem todo espaço... eu não tenho muita coisa pra falar que (...) ah... e teve uma vez também que a gente tipo assim... sobre assédio/assédio... machismo essas coisas... assédio eu não me lembro... agora machismo... que nem teve uma vez que a gente tava no interior... foi a gente chegar no estádio... os caras da outra torcida --- e não foi nem torcida foi povão... os caras da outra torcida começaram a tacar latinha... começaram a gritar xingar a gente de tudo quanto é nome que vocês puderem imaginar... aquilo foi ridículo... a nossa sorte que os meninos da nossa torcida foram proteger a gente... porque se não fosse por eles... eu acho que os caras ia pular o alambrado e ia --- sabe-se lá o que eles iriam fazer... né?... então... eu não tenho muito falar... os meninos devem estar rindo da minha cara aí no grupo do WhatsApp ((risos))... é só isso mesmo... queria agradecer muito (...) ah e outra coisa, eu tô aqui hoje porque eles fizeram vaquinha… eu fiz a vaquinha online... tem gente que sabe aí... tem gente que ajudou ((aplausos))... então é isso aí... valeu... brigado pelo evento... porque eu estava participando e o que a L. falou eu acho certo... porque que nem teve as líderes de torcida... aí eu não vou falar o nome em inglês porque falo mal mal português ((risos)) que nem elas foram reclamar com os policiais... os policiais não fizeram nada… se tivesse uma polícia lá para proteger as meninas... será que essa história não teria sido diferente?... porque as meninas choraram... as meninas ficaram desespero lá... se tivesse polícia pra/a delegacia da mulher... eu tenho certeza que a história teria sido outra... e as/os policiais iriam proteger as meninas e iam tirar os caras do estádio muito antes... só que como não tinha os policiais... geralmente não tão nem aí né?... então eu apoio ela sobre a sugestão do que pode mudar... é isso aí... valeu

TORCEDORA 13

Bom dia... meu nome é Torcedora13... eu sou torcedora do Corinthians é:: não faço parte de nenhuma torcida organizada... porém é::: sempre estou nos jogos e às vezes... frequento a quadra... é::: eu vim aqui falar porque eu acho importante vir uma/uma menina que não é de torcida organizada vim aqui falar o que a gente sofre também fora da torcida organizada... porque hoje em dia a gente vai no estádio e todo mundo acha que a gente tá ali por causa de homem... ou porque tenho namorado... ou porque vai para ver o jogador bonito... não... nós estamos lá porque a gente gosta de futebol... porque a gente ama o nosso time e por que a gente quer ter essa vivência... porque a gente escolheu estar ali... então é:: eu acho importante ter mulher participando... e:: assim... como eu não sou de torcida organizada às vezes não vou na arquibancada norte... no setor da torcida organizada... vou nos outros setores e lá é::: o assédio contra a mulher é muito pior do que no setor da torcida organizada... porque lá é playboy... lá é gente que tem poder aquisitivo maior... lá não é gente que tá no dia-a-dia da torcida... então lá é muito pior... lá --- se você xinga se você reclama "ah, você não entende de futebol"... porra claro que eu entendo de futebol... não é porque eu tô aqui que eu não entendo lógico que eu entendo... eu ia fazer o quê no/vou fazer o quê no/no/no estádio se eu não gosto de futebol?... vou pra ver o jogador?... não... tô ali porque eu gosto... então é::: eu acho isso muito importante... é::: esse encontro (...) quando a D. me convidou e falou desse encontro... achei muito bom porque é muito difícil ver mulheres de todas as torcidas juntas e sem rivalidade para um quesito tão importante... que é as mulheres/empoderamento das mulheres no futebol... é isso... obrigado

TORCEDORA 14

Putz... peraí... como levanta essa parada?... êê!... oi gente... beleza?... primeiramente... "fora Temer" ((aplausos))... valeu... meu é muito muito da hora participar disso sério... é um negócio sensacional... eu vou em estádio de futebol desde --- ah não sei desde quando... a primeira vez --- ah desculpa mas fala de novo... fala de novo (...) --- eu vou no estádio... sei lá... a primeira vez eu fui com amigos depois eu fui com meu pai... meu pai é santista... me levou no jogo final do Boca Juniors... e::::: e eu quero ser tipo a mina que quando eu tiver um filho vai levar... eu vou levar meu filho no estágio... tá ligado...tip/ não vai ser o marido... não vai ser o vô... não vai ser o tio... eu vou levar... e a gente tá cada vez mais caminhando pra isso... tipo... as mulheres podem fazer o que quiserem... sempre puderam... mas a nossa visibilidade de isso agora é tão gigante... eh: isso que a gente tá fazendo aqui hoje é tão importante... as mulheres sentirem o quanto juntas a gente chega em qualquer lugar... isso é ... sério... é emocionante mesmo... éh:: como representante da... não posso falar o nome da nossa torcida porque a gente... não tá autorizado... mentira... ((risos)) os caras da nossa torcida --- tem uma --- o Juventus é um time pequeno... mas grande --- (...) e os caras são bacanas e tudo mais... a gente cola sempre em todos os jogos que a gente quer... a gente viaja de caravana com os caras quando quer... geralmente... tipo... eles têm uma visão super desconstruída... digamos assim... mas a gente sabe que em alguns momentos isso não é real... então... a gente teve um episódio recente... a gente fez uma faixa contra a soltura do goleiro Bruno... não é contra a soltura do goleiro Bruno... preciso me corrigir... é contra o cara ser um herói... porque a gente tem ídolos... quando a gente torce para um time... a gente tem um ídolo... e a faixa era contra o cara ser um ídolo pra crianças e:: ((aplausos))...enfim... e foi meio controverso... teve gente que achou que a gente não deveria ter feito... por n razões e tudo mais... mas o pior de tudo não foi isso... foi tipo a postura de alguns caras falarem "ces não poderiam ter feito isso sem pedir autorização"... Oi?... exato... e aí uma das

coisas que a gente queria trazer pra discussão... enfim... como uma ideia para nossos projetos futuros... que acho que a gente tem que ter vários projetos futuros... que só tem ideia muito boa aqui... éh:: de pensar numa/s coisa de/caralho/como é que cê falou/ ((campanha)) campanha... isso...éh:: faixas... a gente pensou... tipo... sabe... num movimento das mulheres de torcida pelo Brasil... então... tipo... sei lá... esse mês a gente vai fazer uma campanha x... e aí todo mundo leva umas faixas sobre ah:: "a violência no estádio"... enfim... a gente pensou em jogar essa voz pro estágio... a gente montar umas campanhas unificadas --- ah... era essa palavra... unificada... caralho--- campanhas unificadas pelo Brasil... tipo... mano... vamos fazer umas faixas... todas as minas e tudo mais... enfim... é isso gente... tip/ sério... da hora... obrigada... força Juve... ((sai e volta)) não podia ter clubismo... desculpe ((risos))

TORCEDORA 15

Eu sou da Brigada Marighella... que é uma torcida... é um grupo de torcedoras na verdade... torcedoras anti-fascistas... a gente não é uma torcida organizada né... igual os Imbatíveis lá em Salvador... éh:: e dentro da Brigada Marighella tem a Brigada Dandara... leva esse nome que... né... é em homenagem a uma mulher negra que foi escravizada na época do período colonial... E aí éh:::: eu sou muito nova também na arquibancada porque::: eu acreditava né... e me fizeram acreditar que... lá não era um espaço para mim... só que eu sempre gostei de torcer pelo vitória né... meu pai biológico ele era Bahia... ele cheg/ele já faleceu... e meus ex-namorados tudo Bahia... então... assim... era aquele discurso... "a gente não vai levar você para estádio... a gente não é Vitória"... e eu ia na resistência... mesmo querendo me forçarem a torcer para um time que não me agrada... quando foi ano passado eu pesquisando muitas páginas assim né... comunistas... socialistas... encontrei a Brigada Marighella e resolvi fazer parte... e rolou a oportunidade de ir para o Barradão a primeira vez... eh:: eu lembro que eu ia com um bocado de homem... e eu fiquei muito nervosa... de ir com os meninos que eu não conhecia... e:: eu fiquei pensando: "e agora... eu vou tá lá no futebol né... que falam que é violento... que não é lugar de mulher... que eu posso apanhar... poss/podem tirar minha camisa"... tipo/se aparece torcida de outra torc/ de outro time... mas eu fui... morrendo de medo... depois resolvi encarar ir sozinha pro/pra o Barradão... e aí eu fui no futebol que era a estreia das leoas no Brasileirão... gente... aquilo para mim foi uma grande vitória em ocupar um espaço que falaram que não me pertencia... e aí eh:: teve uma cena lá que foi muito/muito ruim para mim... eu comecei a xinga/a gritar assim... a trazer a/as músicas que eu aprendi no Barradão né... pra incentivar o jogo... só que os meninos que estavam lá eles não cantavam... toda vez que eu puxava... e aí eu fiquei --- mas eu continuava --- e aí o mesmo pessoal que tava lá resolveu puxar quando eu acabei a música e aí todos os homens cantaram... aí... ué... tudo bem né... deixa quieto... E aí... lá dentro da Brigada Marighella a gente tem várias ações que incentivam nessa desconstrução do machismo... do patriarcado... do capital... e a última/a última nota que a gente fez foi de incluir no estatuto --- foi uma proposta de emenda--- de incluir mulher/ é de incluir uma cota de mulheres dentro da diretoria... porque a gente não tem espaço representativo dentro do Vitória tão grande quanto os homens... eu por exemplo não me associei ainda ao Vitória por uma questão financeira... mas o meu objetivo é fazer parte dessa comissão né... eu sei que eu vou ter muitas dificuldades lá dentro... mas o objetivo é resistir... e::: só um último exemplozinho que eu tive né... ---depois eu vou dar uma sugestão --- é que quando a gente foi na Fonte Nova... eu tenho uma mania de deixar a minha torcida lá... minha galera... e descer... ficar lá mesmo... porque eu

gosto de acompanhar e confesso a vocês... como eu sou nova nesse espaço eu não entendo nada sobre táticas... aí o cara chegou pra mim assim: “mas e aí e o volante... você entende?” Eu: moço... foda-se o que é volante... eu quero ver é gol do Vitória ((palmas e risos))... aí pronto né... beleza ((risos)) eu quero deixar só uma sugestão aqui é que... além do 2º Encontro Nacional... que tenha o encontro regional... e o/quando eu falo o regional eu não falo assim... da Bahia... eu falo do Nordeste... do Sul... do Sudeste... e um encontro local... porque... assim... a rivalidade ela existe realmente... mas... dentro da cidade né... Bahia Vitória... sei lá... Fluminense Flamengo... sei lá como é que fala... (...) (ma)chista... a arquibancada vai ser toda feminista ((aplausos))